as expedições geográficas do IBGE

UM RETRATO DO BRASIL
1941-1968

Fábio Mauro de Carvalho Leite
Vera Lucia Cortes Abrantes
organizadores

IBGE

as expedições geográficas do IBGE

Fábio Mauro de Carvalho Leite
Vera Lucia Cortes Abrantes
organizadores

Presidente da República
Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministro do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Dyogo Henrique de Oliveira

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente
Roberto Luís Olinto Ramos

Diretor-Executivo
Fernando José de Araújo Abrantes

ÓRGÃOS ESPECÍFICOS SINGULARES

Diretoria de Pesquisas
Claudio Dutra Crespo

Diretoria de Geociências
Wadih João Scandar Neto

Diretoria de Informática
José Sant'Anna Bevilaqua

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
David Wu Tai

Escola Nacional de Ciências Estatísticas
Maysa Sacramento de Magalhães

UNIDADE RESPONSÁVEL

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais
Claudia Rodrigues do Prado

Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
Centro de Documentação e Disseminação de Informações
Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais

as expedições geográficas do IBGE

Fábio Mauro de Carvalho Leite
Vera Lucia Cortes Abrantes
organizadores

Rio de Janeiro
2018

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro - Brasil

ISBN 978-85-240-4447-2

© IBGE. 2018

Capa
Leonardo Martins
Gerência de Editoração/Centro de Documentação
e Disseminação de Informações - CDDI

As Expedições geográficas do IBGE: Um retrato do Brasil: 1941-1968 / Fábio Mauro de Carvalho Leite [e] Vera Lucia Cortes Abrantes, organizadores. - Rio de Janeiro: IBGE, Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais, 2018.
352 p.: principalmente il.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-240-4447-2

1. IBGE – Coleção de fotografias 2. IBGE - História 3. Expedições científicas – Brasil. 4. Brasil – Descrições e viagens. 5. Memória. 6. Geografia - Pesquisa. I. Leite, Fábio Mauro de Carvalho. II. Abrantes, Vera Lucia Cortes. III. IBGE, Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais.

Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais CDU 061.27IBGE(084.121)
RJ/2018-01 IBGE

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Sumário

9 **Apresentação**

11 **Introdução**
A saga dos trabalhos de campo no IBGE:
81 anos de reconhecimento do Brasil

As expedições geográficas

27 **Baía de Guanabara e regiões vizinhas (RJ)** 1941

33 **Vale do Rio São Francisco** 1942

Programa Expedição Goiás-Bahia

41 **Região do Jalapão** 1943

47 **Região Centro-Ocidental da Bahia** 1944

53 **Sudoeste da Bahia** 1945

59 **Serra do Mar (RJ)** 1946

67 **Sul de Goiás** 1946

73 **Planalto Central** 1947

85 **Nordeste brasileiro** 1948

93 **Região Centro-Oeste** 1948

Programa do Atlas da Colonização do Brasil

103 **Região colonial antiga do Rio Grande do Sul** 1948

117 **Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul** 1949

125 **Paraná** 1950

139 **Amapá** 1950

145 **Zona pioneira ao norte do Rio Doce** 1950

153 **Norte de Mato Grosso** 1951

163 **Zona cacaueira da Bahia** 1953

171 **Mato Grosso** 1953

183 **Acre** 1953

195 **Ilha de Marajó, Região do Arari (PA)** 1953

205 **Leste da Paraíba** 1953

213 **Orla oriental da Baía de Guanabara (RJ)** 1956

219 **Meio Norte** 1957

225 **Zona da Mata (MG)** 1958

235 **Amapá** 1958

249 **Região Sudeste** 1961

259 **Região Nordeste** 1962

273 **Petrópolis (RJ)** 1963

279 **Médio Amazonas** 1966

291 **Acre, Rondônia, Mato Grosso e Goiás** 1968

305 **Referências**

Apêndice

309 Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

331 **Índice de fotografias**

Apresentação

David Wu Tai
Coordenador-Geral do Centro
de Documentação e Disseminação
de Informações

As expedições geográficas promovidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE foram implementadas em 1941. Desde então, inaugurou-se um período de três décadas (anos 1940, 1950 e 1960) de práticas profissionais fundamentadas nos trabalhos geográficos de campo. Método de investigação baseado em observações *in loco*, a pesquisa de campo servia como instrumento utilizado pelo Estado brasileiro visando ao mapeamento, reconhecimento e integração do Território Nacional, possibilitando ainda meios e condições para o aprofundamento das análises sobre o processo de ocupação do território, bem como dos estudos sobre as transformações espaciais de grande impacto então em curso no País.

É importante destacar também que as expedições geográficas proporcionaram aperfeiçoamento profissional aos técnicos do Instituto e forneceram, ao governo federal, subsídios aos seus projetos de intervenção no território brasileiro, mudança da capital federal, colonização agrícola, regionalização em várias escalas, estudos sobre a urbanização e diagnósticos ambientais. Constituíram, portanto, um marco importante no campo das Geociências no Brasil, contribuindo para a consolidação do IBGE como centro produtor de análises sobre planejamento territorial e como vetor para a estruturação do campo profissional da Geografia, Cartografia e da Geodésia no Brasil.

Este livro, que celebra os 50 anos de realização da última expedição geográfica (ocorrida em 1968), propõe uma narrativa textual e iconográfica sobre a memória dos trabalhos de campo. A documentação selecionada pertence ao Acervo dos Trabalhos Geográficos de Campo, coleção constituída por 17 929 fotografias que estão digitalizadas e disponíveis na página da Biblioteca, no portal do IBGE. ■

Introdução

A saga dos trabalhos de campo no IBGE: 81 anos de reconhecimento do Brasil

Roberto Schmidt de Almeida
Vera Lucia Cortes Abrantes

O processo de reconhecimento do Território Nacional se iniciou logo após o seu descobrimento pelos portugueses. Várias expedições foram realizadas ao longo dos Séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, com objetivos diversos, levando a uma ampliação do conhecimento sobre o espaço brasileiro, tanto em relação aos aspectos físicos, quanto aos aspectos humanos e econômicos. Em todos esses casos, o governo central, sendo o de Lisboa até 1822, ou do Rio de Janeiro, nos anos seguintes, sempre tiveram a preocupação com o reconhecimento do nosso território, até mesmo por este ser de dimensões continentais.

Até os anos 1930, o principal agente de reconhecimento do território era o Exército Brasileiro, que não podendo cumprir toda a extensão territorial brasileira procurava resolver o problema atuando em espaços selecionados. Os exemplos da Guerra de Canudos, na Bahia, e do Contestado, em Santa Catarina, são provas desses levantamentos, assim como as pesquisas que respondiam a demandas do governo central, principalmente para fins econômicos ou diplomáticos, como no caso de delimitação das fronteiras internacionais.

O início da Era Vargas foi marcado por mudanças na visão do governo federal sobre quem iria ter o papel de, sistematicamente, explorar as características físicas, humanas e econômicas do Território Nacional para fins de planejamento. Esse papel coube ao Conselho Nacional de Estatística - CNE e ao Conselho Nacional de Geografia - CNG, criados em 1936 e 1937, respectivamente, que se uniram, dando origem ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 1938.

Os primeiros anos do IBGE foram absorvidos por diversas demandas, como:

- político-administrativas - reorganização da rede de coleta de dados em níveis estadual e municipal;
- geodésicas - campanha de estabelecimento das coordenadas geográficas das sedes municipais e início dos trabalhos de estruturação das redes altimétrica, planimétrica e gravimétrica;
- cartográficas - estabelecimento dos mapas ou croquis municipais para orientar os censos demográficos e econômicos de 1940; e
- geográficas - estudos de reconhecimento territorial para fins de planejamento de regionalização e de estabelecimento de fronteiras estaduais e de territórios federais; além desses, os levantamentos geomorfológicos, hidrológicos e da biota.

É com esse pano de fundo que os trabalhos de campo no IBGE se estruturaram nesses 81 anos de atividades.

Principais características dos trabalhos de campo

O procedimento de ir a "campo", isto é, sair do gabinete e fazer levantamentos, observações, medições, faz parte das tarefas de um órgão de Estatística e de Geociências. Frequentemente, equipes do IBGE vão a "campo" para verificar a qualidade dos dados coletados ou para planejar novas pesquisas no campo da estatística. Os trabalhos de campo dos estatísticos nas preparações dos testes anteriores aos diferentes censos ou pesquisas sistemáticas do IBGE são atividades corriqueiras até hoje na Instituição. Reconhecer realidades que não são mostradas nas pesquisas, ajustar informações com outras fontes para tornar mais fidedigna sua pesquisa, ou mesmo ter uma visão mais real de um processo físico, biológico ou humano e econômico continuam na ordem do dia do IBGE.

Além disso, os profissionais da Geodésia e da Cartografia trabalham "no campo", ainda hoje, para calibrar seus equipamentos e verificar incoerências nos resultados, mesmo contando com o suporte dos satélites geoespaciais (Global Positioning System - GPS) e da rede Internet.

Os mecanismos de treinamento dos profissionais de Geografia nos trabalhos de campo

É comum considerar que os trabalhos de campo foram as principais ferramentas da Geografia no processo de reconhecimento do território brasileiro, mas uma análise mais apurada mostra que os profissionais da Geodésia foram os que encararam o "campo" antes dos geógrafos, sob a condução de Allyrio Hugueney de Mattos, em 1939, na campanha de determinação das coordenadas geográficas das sedes municipais para o censo de 1940.

A Geografia inicia suas expedições nos primeiros anos da década de 1940, em função da demanda governamental para o estudo dos processos de ocupação do território via mecanismos de colonização e da macrorregionalização (divisão do Brasil em Grandes Regiões). Essa demanda, de certa forma, deu o tom das principais orientações de pesquisa, como os estudos de *habitat* rural, além das novas interpretações dos processos geomorfológicos. Paralelamente a isso, os estudos urbanos também estavam se desenvolvendo, principalmente, com os trabalhos de Pierre Deffontaines no Rio de Janeiro e de Pierre Monbeig em São Paulo.

Posteriormente, veio o trabalho de Francis Ruellan, que substituiu Deffontaines na formação dos primeiros geógrafos do IBGE e da então Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Enquanto Deffontaines havia preparado um grupo mínimo de fundadores, Ruellan formou efetivamente a geração da "velha guarda" ibgeana, em escala mais geral, considerando o universo de profissionais em questão. Especialistas visitantes, como o canadense Pierre Dansereau, na Biogeografia, o teuto-americano Leo Waibel, na Geografia agrária e colonização, o americano Preston James, na colonização, e o francês Jean Tricart, na Geomorfologia, foram também modelos de referência na estruturação de uma elite de profissionais considerada, quase por unanimidade, o mais importante grupo profissional de geógrafos brasileiros dedicados ao planejamento territorial do País.

Para a composição desse grupo, é importante destacar um mecanismo geral de aperfeiçoamento profissional, representado pelas Tertúlias Geográficas do CNG, que ocorreram nos anos finais da década de 1930 e em toda década de 1940.

Tertúlia era, antes de tudo, um fórum técnico onde aconteciam debates sobre os principais projetos de pesquisa do CNG, principalmente aqueles que implicavam grandes trabalhos de

Allyrio Hugueney de Mattos (acima), consultor técnico do IBGE e membro do CNG, colaborou nos primeiros trabalhos de reconhecimento do território brasileiro. **Pierre Deffontaines (à esq.) e Pierre Monbeig (à dir.)** desenvolveram estudos urbanos importantes, respectivamente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Francis Ruellan (acima), **Leo Waibel (à dir.) e Pierre Dansereau (à esq.)** foram referência para a formação dos novos profissionais do IBGE dedicados ao planejamento territorial do País.

campo, que incluíam aplicação de questionários, análise da paisagem e coleta de material (vegetal, mineral, animal etc.). Tudo era debatido à exaustão, e cada projeto era avaliado por seus pares e, em alguns casos, por profissionais de outras instituições de governo. O segmento militar participava ativamente e com muita frequência dos debates, principalmente quando os projetos envolviam regiões detalhadas por expedições militares anteriores.

O profissional treinado num fórum como esse tinha grandes possibilidades de se tornar um bom organizador de expedições. Além disso, após os trabalhos de campo e de gabinete, que ocorriam na fase posterior ao campo ou quando o relatório estava concluído, havia a segunda Tertúlia, para apresentação dos resultados e a aprovação, ou não, do desempenho dos profissionais envolvidos.

Uma boa descrição das Tertúlias Geográficas foi feita por Everardo Backheuser no *Boletim Geográfico* do IBGE, em maio de 1943.

Com a ampliação dos procedimentos de contratação de profissionais para o governo federal, que ocorreu após 1945, o novo quadro funcional da Geografia do IBGE, a partir dos anos 1950, não podia mais considerar esse novo grupo de profissionais como homogêneo, nem podia dar aos geógrafos um treinamento quase pessoal, baseado nas Tertúlias da década anterior. Isso gerou algumas dicotomias que se acentuaram ao longo dos anos seguintes, acompanhando, em paralelo, a progressiva decadência do ensino universitário em formar pesquisadores, a não ser em poucos centros de excelência.

No entanto, afora o ensino formal da universidade, que também realizava trabalhos de campo, ainda havia um processo colateral de formação de pesquisadores que utilizava a avaliação entrepares e garantia o acesso de qualquer geógrafo aos trabalhos e metodologias utilizados pelos considerados líderes de suas especialidades. Esse processo era organizado por uma instituição chamada Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, e através dela os geógrafos das novas gerações do IBGE podiam testar seus conhecimentos teóricos e suas aptidões práticas, utilizando os variados modelos de aprendizado.

As reuniões da AGB impunham aos seus organizadores uma logística muito sofisticada, pois envolvia os espaços tradicionais onde se realizavam as apresentações e os cursos especializados. Além disso, demandava a preparação de duas pesquisas de campo, sendo uma na área física e

outra no âmbito humano e econômico, incluindo todas as etapas possíveis que uma pesquisa requeria, isto é, equipamentos e pessoal treinado para auxiliar o pesquisador que coordenaria a pesquisa, geralmente um líder inconteste em sua área, podendo ser dos quadros do IBGE ou de universidade considerada de primeiro nível. Essas variáveis eram cruciais na logística de preparação. É importante lembrar que as assembleias da AGB sempre ocorriam em cidades médias e que os principais professores e pesquisadores que iriam realizar as pesquisas, na maioria dos casos, não residiam nesses locais – geralmente vinham da capital do estado, seja do IBGE, na Cidade do Rio de Janeiro, seja da USP, na Cidade de São Paulo.

Após os trabalhos de campo, as equipes se reuniam em salas previamente preparadas para tabular os resultados, desenhar os gráficos e mapas, escrever os relatórios e treinar as apresentações orais, sob a supervisão do chefe da equipe que, por sua vez, era supervisionado pelos dois coordenadores gerais das pesquisas física, humana e econômica. Esse tipo de treinamento proporcionava a todos uma oportunidade de aprendizado, mesmo aos "iniciantes", que podiam, assim, equalizar seus conhecimentos com os mais capazes e aprender com eles.

Para os mais avançados era dada a oportunidade de serem avaliados por seus pares, ao apresentarem trabalhos previamente aprovados por uma comissão de programa e discutidos num fórum semelhante às Tertúlias Geográficas, que ocorreram no IBGE na década de 1940. Após a apresentação do pesquisador, era dada a palavra aos sócios titulares presentes, que faziam a avaliação e discutiam entre si e com o apresentador todos os aspectos técnicos do trabalho.

Obviamente, o pesquisador teria de mostrar sua determinação e perseverança no trato dos assuntos técnicos exigidos ou a sua intelectualidade, se fosse o caso. Na maioria das vezes, o processo de aceitação de um profissional por seus pares nas reuniões da AGB durava algumas assembleias, e, mesmo antes, o principiante tinha de participar na condição de ouvinte e ser treinado nas equipes de trabalho de campo das assembleias, até que pudesse ser aceito como produtor de trabalhos a serem apresentados nos fóruns de debate.

Um pouco de história sobre os trabalhos de campo

Entretanto, apesar de ser possível reconhecer o papel desses mecanismos de troca de experiências, como as antigas Tertúlias Geográficas e,

▲ **Fábio Macedo Soares** em expedição em 1947. Um dos fundadores do CNG, desenvolveu estudos sobre a divisão regional do Brasil.
▼ **Orlando Valverde e Lysia Bernardes**, geógrafos do IBGE, participaram de expedições e tiveram papel fundamental no ensino e pesquisa geográfica do País.

posteriormente, as Assembleias da AGB, os fatos indicam que foram os projetos de trabalho, que combinavam trabalhos de campo com textos escritos – que podiam ser relatórios internos ou artigos em revistas especializadas e capítulos de livros, em muitos casos apresentados nas Tertúlias e nas reuniões da AGB – os verdadeiros ambientes de formação profissional para os geógrafos do IBGE desde suas fases iniciais.

O que vamos tratar agora refere-se aos projetos de pesquisa realizados por geógrafos e geodesistas entre 1941 e 1968, levantados por Vera Abrantes (2000), no contexto de sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Documento, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, que abordou o trabalho dos fotógrafos do IBGE que acompanharam expedições, assim como uma análise das fotos e de seus principais temas.

Foi possível verificar a importância desses trabalhos de campo, de seus organizadores e de alguns participantes – que também deram depoimentos orais – na formação profissional dos geógrafos do IBGE e dos professores universitários que, ocasionalmente, trabalhavam em regime de convênios com o órgão.

As informações contidas nos arquivos pesquisados por Vera Abrantes (2000) serviram também para se entender a importância dos trabalhos de campo e confrontá-los com a documentação formal gerada pelo IBGE por meio de suas publicações e relatórios.

Por esses arquivos, foi possível perceber que a "velha guarda" foi duramente treinada no conhecimento do território brasileiro e que o seu saber geográfico foi moldado por essas pesquisas, configurando-se, ainda, como um processo adicional de treinamento, geralmente realizado no exterior – em universidades da França, Estados Unidos e Alemanha – ou no Brasil, sob a supervisão de especialistas estrangeiros especificamente convidados pelo IBGE ou por outros órgãos do governo federal.

Entre 1941 e 1968, período coberto pelos dados do acervo fotográfico dos trabalhos de campo do IBGE, foram realizadas 101 expedições na área da Geografia, sendo 38 nos anos 1940; 24 entre 1950 e 1955; 15 entre 1956 e 1959; e 24 entre 1960 e 1968. A maioria delas gerou artigos e livros escritos por seus participantes, principalmente na *Revista Brasileira de Geografia* e no *Boletim Geográfico*.

Grandes projetos como a localização do novo Distrito Federal, no Planalto Central, a Carta do Brasil

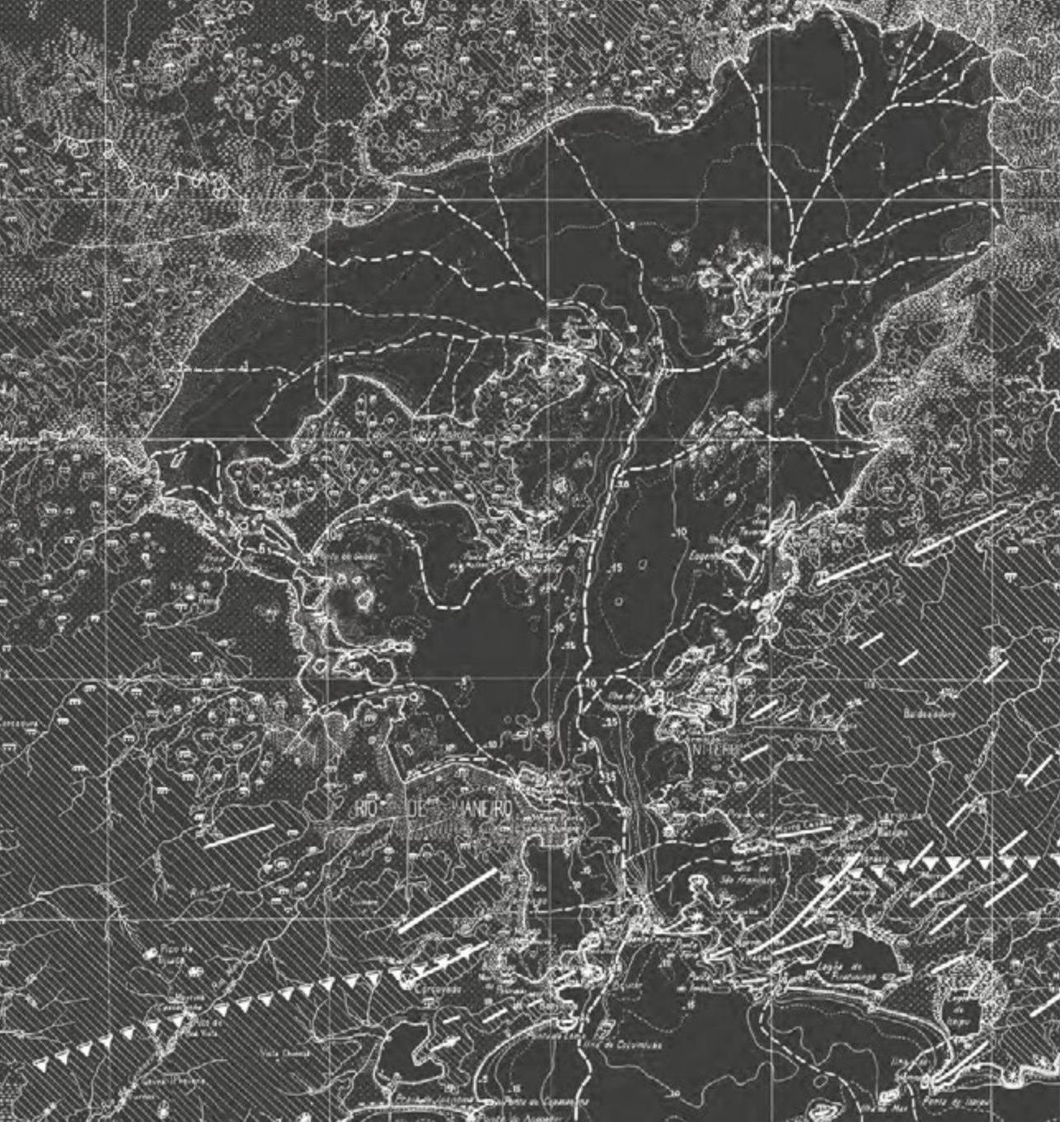
Revista Brasileira de Geografia e Boletim Geográfico: principais meios para divulgação dos estudos feitos nas expedições.

ao Milionésimo, as determinações de fronteiras estaduais, os estudos sobre o relevo do território, os programas de colonização dirigida, o monitoramento do processo de ocupação humana do oeste do País, os estudos de acompanhamento dos processos de agricultura e pecuária, o dimensionamento das bacias hidrográficas, o entendimento dos grandes padrões espaciais da cobertura vegetal nativa, os estudos para subsidiar os diferentes modelos de regionalização, o acompanhamento dos processos de industrialização e urbanização, incluindo aí os estudos de metropolização do Brasil, além dos trabalhos de divulgação da Geografia, como o projeto da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, as coleções da Geografia do Brasil e os diversos Atlas que foram impressos, enfim, todos eles resultaram desses trabalhos de campo, retratados nos documentos oficiais do IBGE e, em alguns casos, em documentação de outros órgãos federais e estaduais.

Os que destacaram-se nesse monumental processo de reconhecimento do território brasileiro tornaram-se, evidentemente, os líderes dessa Geografia subsidiadora das ações governamentais de gerenciamento da ocupação do Brasil e foram os formadores das subsequentes gerações de profissionais da instituição nesses 81 anos de atuação.

A organização da publicação fundamenta-se no "Mapeamento das expedições geográficas do IBGE", **Apêndice** desta publicação, que relaciona as expedições promovidas ou apoiadas pelo IBGE, referenciadas na *Revista Brasileira de Geografia* e no *Boletim Geográfico* (identificadas na tabela pelas siglas RBG e BG, respectivamente). Cabe esclarecer, no entanto, que não se trata de uma lista exaustiva. Também, é importante destacar que as unidades territoriais legalmente estabelecidas (Unidades da Federação, municípios, distritos) são do período em que as fotografias foram produzidas. Por fim, cumpre salientar que não foi possível identificar fotografias de todas as expedições. ■

As expedições geográficas



1941

Baía de Guanabara e regiões vizinhas (RJ)

Supervisionada por Francis Ruellan, professor na Faculdade Nacional de Filosofia e orientador científico das reuniões culturais do Conselho Nacional de Geografia - CNG, esta expedição realizou estudos sobre a evolução geomorfológica da Baía de Guanabara.

Em seu artigo publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 6, n. 4, p. 445-508, out./dez. 1944, Ruellan descreve que a baía tem sua origem na depressão de ângulo de falha entre dois grupos de blocos falhados: o da Serra dos Órgãos, que é uma parte da Serra do Mar, e o dos pequenos maciços litorâneos.

Os blocos falhados são drenados pelos rios que se dirigem para o interior e se afundaram em muitos ciclos, aproveitando-se da ação profunda de desintegração devida à erosão elementar num clima úmido e quente.

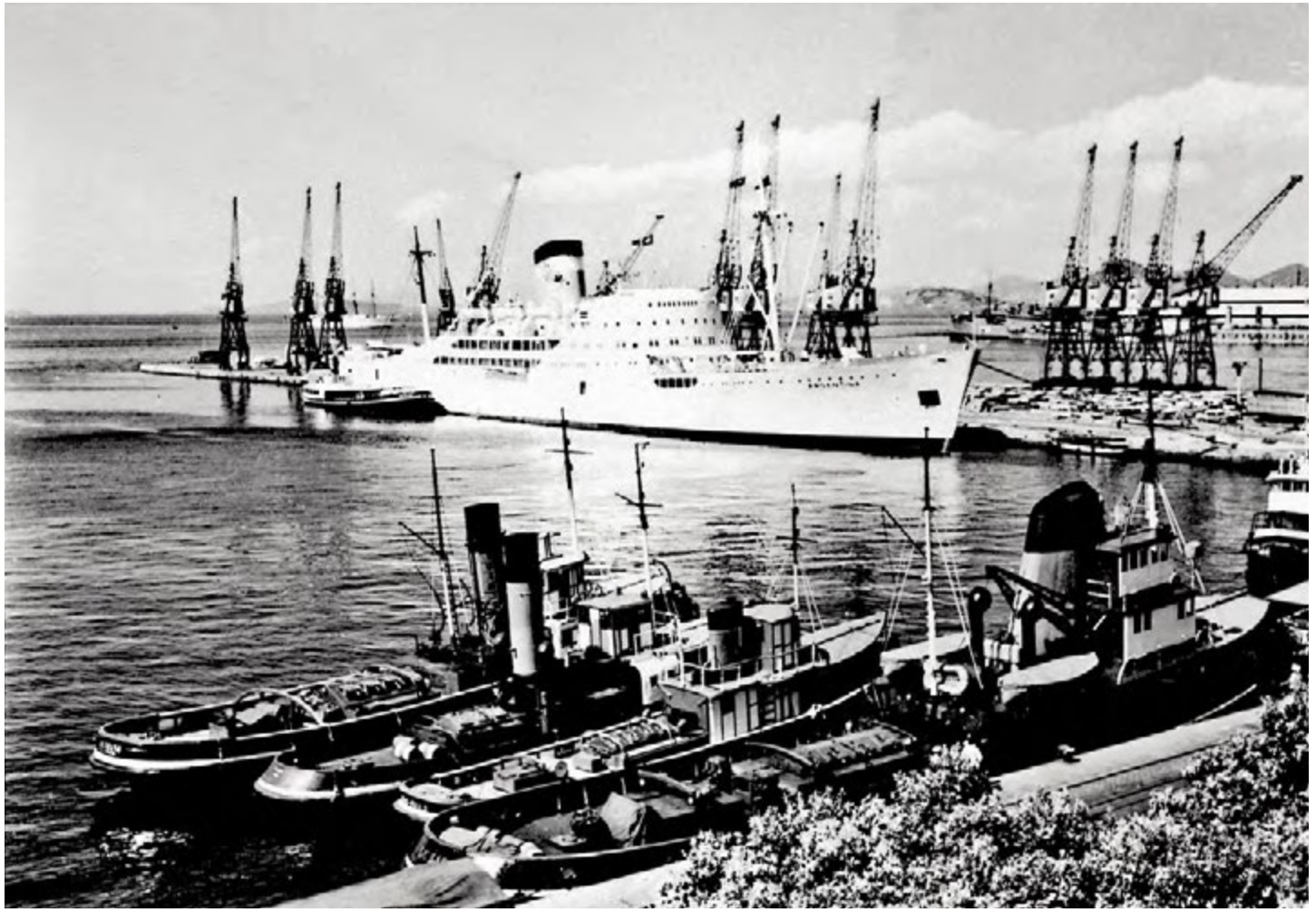
Assim, ainda que a baía – que não se pode deixar de admirar – não seja um rio, como julgaram os portugueses ao chamá-la Rio de Janeiro, quando ali chegaram, em 1° de janeiro de 1502, ela deve suas formas mais originais à erosão fluvial com grandes retoques ocasionados pela invasão e acumulação marinhas e merece, pelo menos, o nome de Ria* da Guanabara.

* Costa muito recortada e onde o mar é pouco profundo.

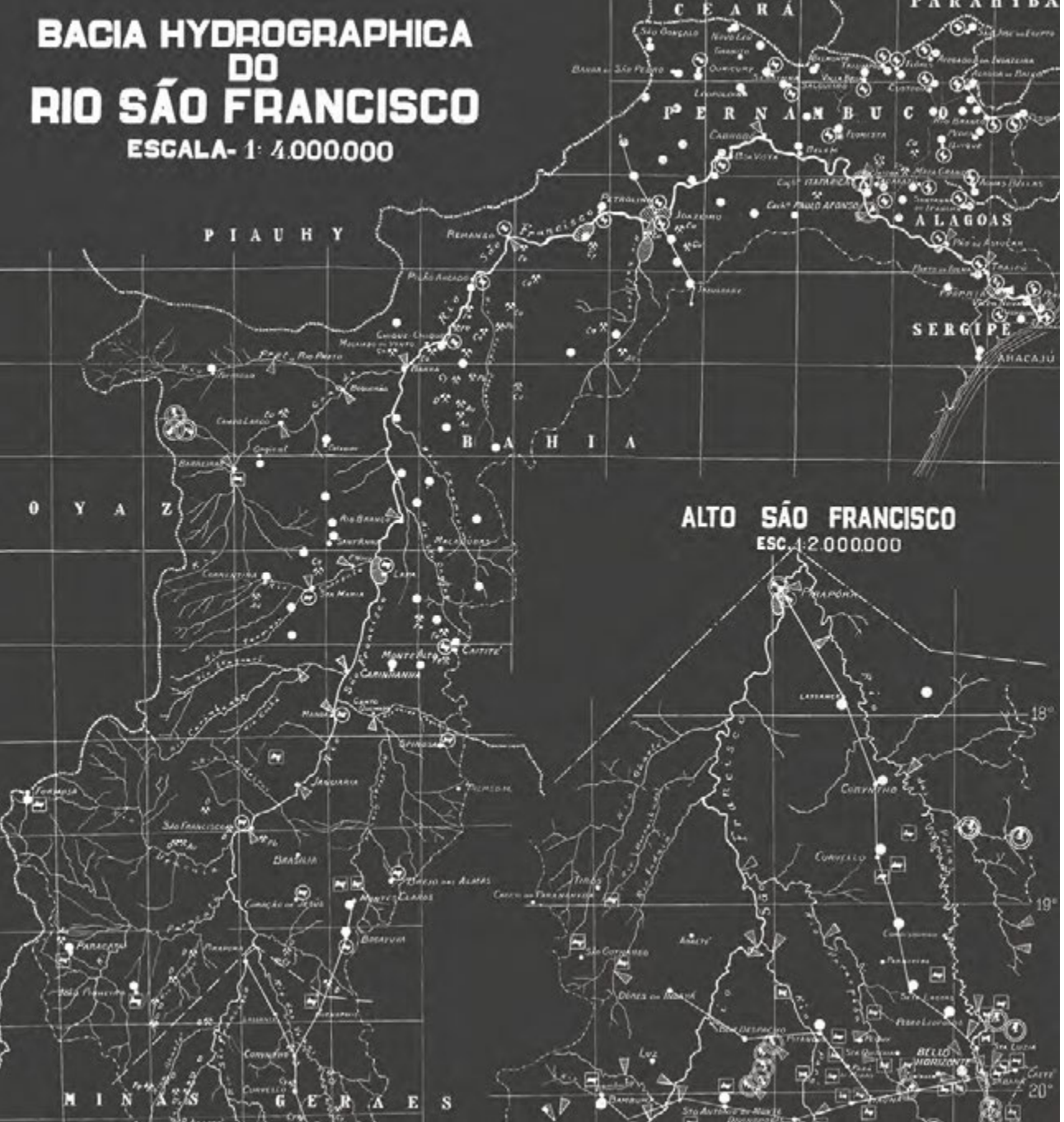
Baía de Guanabara, Rio de Janeiro (RJ)

Estrada Teresópolis-Petrópolis (RJ)

Encostas íngremes entre Teresópolis e Nova Friburgo (RJ)



Porto do Rio de Janeiro (RJ)

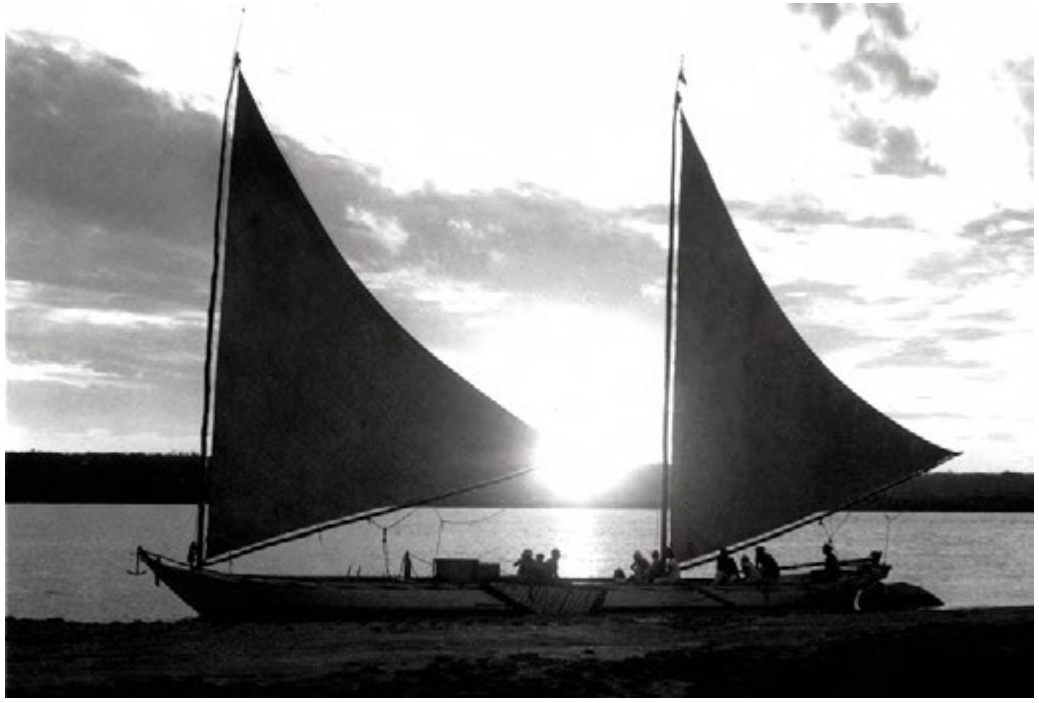


1942

Vale do Rio São Francisco

O objetivo desta expedição, supervisionada por Orlando Valverde e Jorge Zarur, foi a divisão regional do Vale do Rio São Francisco. Foram desenvolvidos estudos das principais características das regiões estabelecidas por Valverde: São Francisco inferior (Marechal Floriano-Itaparica), Região das corredeiras (Itaparica-Juazeiro), Médio São Francisco (Juazeiro-Pirapora) e Alto São Francisco (Pirapora-nascentes do rio), que formam este vale sob o ponto de vista da Geologia e Paleogeografia, da Geomorfologia, da Climatologia, da Fitogeografia, assim como da Geografia Humana e Econômica das áreas.

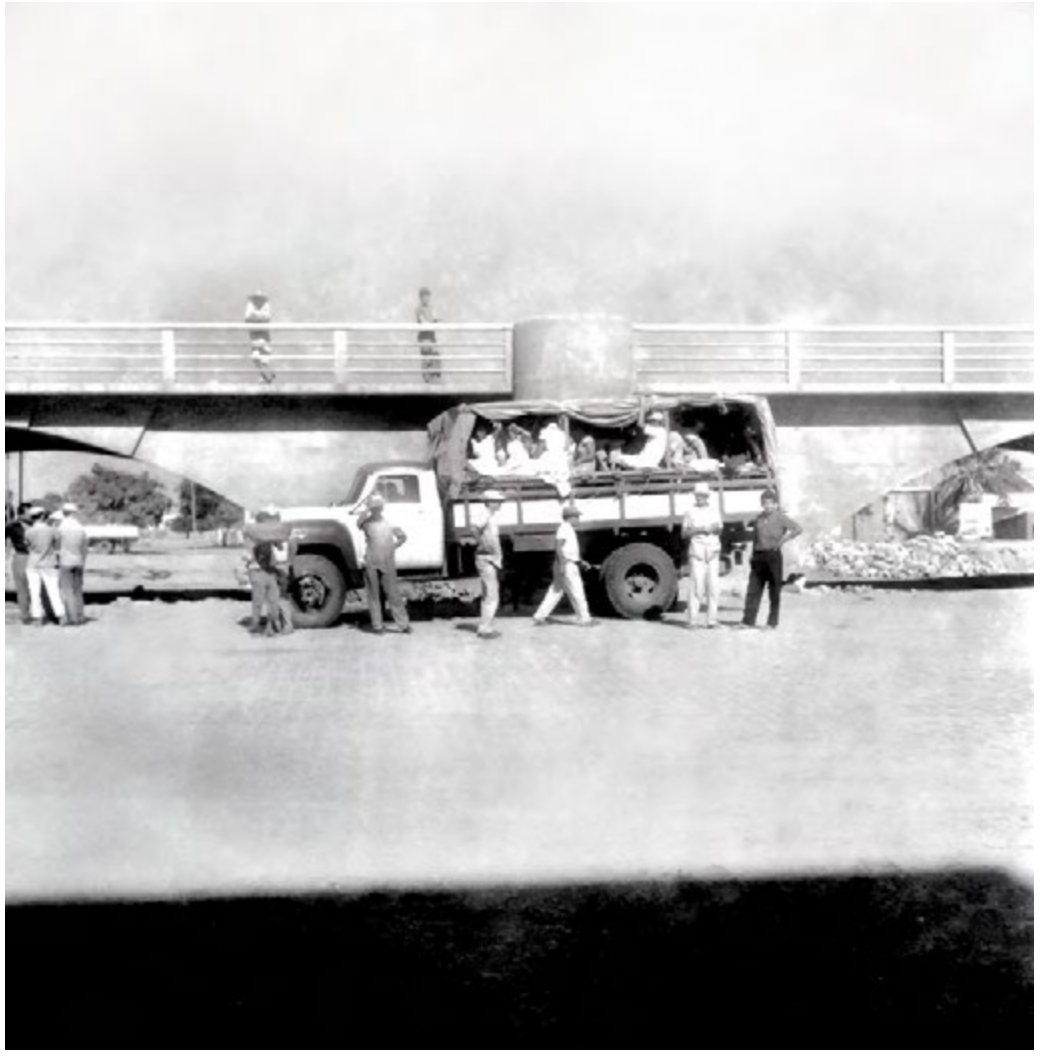
Em seu artigo publicado na *Revista Brasileira de Geografia* v. 6, n. 2, p. 179-217, abr./jun. 1944, mostra os dados coletados na expedição. Sobre a mesma expedição, apresentou na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 6, n. 4, p. 509-526, out./dez. 1944, ensaio sobre a geografia urbana de Pirapora e Lapa, cidades ribeirinhas do Médio São Francisco.



Canoa do médio São Francisco, Juazeiro (BA)

Porto de Juazeiro (BA)

Burro transportando água, Juazeiro (BA)



Pau de arara, Juazeiro (BA)

Programa Goiás-Bahia

1943

Região do Jalapão

1944

Região Centro-Ocidental da Bahia

1945

Sudoeste da Bahia

Mapa da Região do Jalapão
mostrando o provável roteiro da expedição

1943

Região do Jalapão

A primeira campanha do Programa Goiás-Bahia teve como objetivos o reconhecimento geográfico da região onde se encontra a Lagoa do Veredão; a determinação do divisor de águas entre as Bacias dos Rios São Francisco e Tocantins; o estudo da Bacia Hidrográfica do Rio Preto; o levantamento de coordenadas geográficas, topográfico e de altitudes; e os estudos de Geomorfologia e de Geografia.

No artigo publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 5, n. 4, p. 574-622, out./dez. 1943, o chefe da expedição, Gilvandro Simas Pereira, expõe como foi projetada, organizada e conduzida a expedição ao Jalapão, região do Brasil Central ainda pouco conhecida.

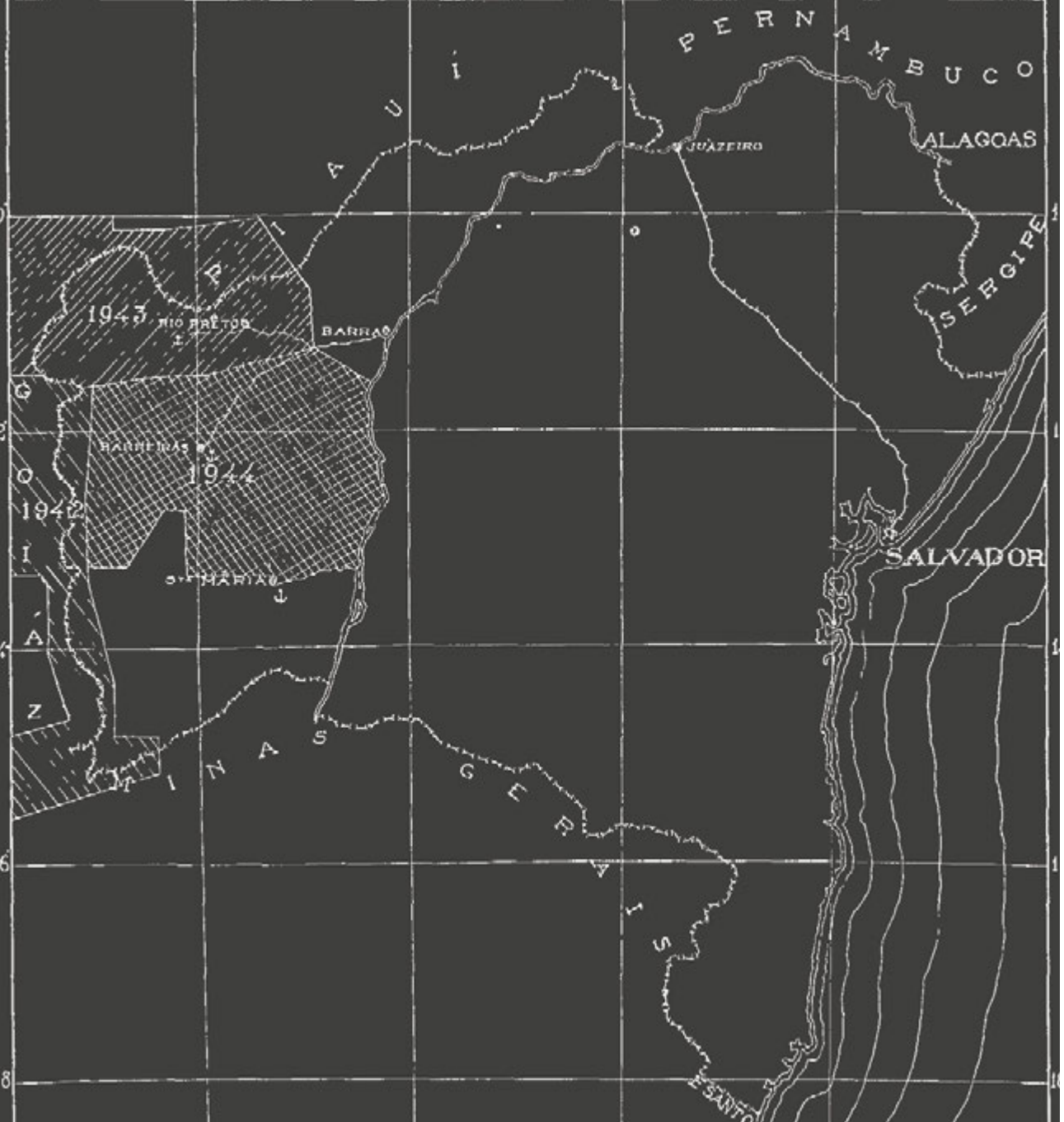
Ao descrever tudo que observou, o autor revela também as dificuldades encontradas e os sacrifícios dos expedicionários no cumprimento do programa que foi feito no curto prazo de cinco meses, atravessando sempre zonas semidesertas, onde todos os recursos eram difíceis ou impossíveis de se obter.

Membros da expedição ao Jalapão na “Pedra da Baliza”, Bahia

Rio Tocantins, Goiás

Embarcações típicas do Rio Tocantins, Goiás

Praia no Rio Tocantins, Peixe (GO)



1944

Região Centro-Ocidental da Bahia

Continuação da série de trabalhos de campo em zonas pouco conhecidas. A área estudada na segunda campanha do Programa Goiás-Bahia está situada entre o divisor São Francisco-Tocantins; o divisor Rio Grande-Rio Preto; o divisor do Rio São Francisco e Bacia do Rio Corrente, abarcando os municípios de Barreiras, Angical, Cotegipe, Sant'Ana e parte dos municípios de Barra, Bom Jesus da Lapa, Santa Maria da Vitória e Correntina.

A experiência adquirida em trabalhos anteriores permitiu alcançar um resultado notável, para o qual também contribuíram certas facilidades da zona menos deserta.

Gilvandro Simas Pereira, em artigo publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 7, n. 4, p. 573-620, out./dez. 1945, mostra como foi organizada e projetada a expedição científica sob sua direção e revela que os trabalhos efetivados constituem a primeira parte de um plano previsto para cobrir toda a área baiana, visando a organização do mapa da Bahia, tão necessário à execução do mapa do Brasil ao milionésimo.

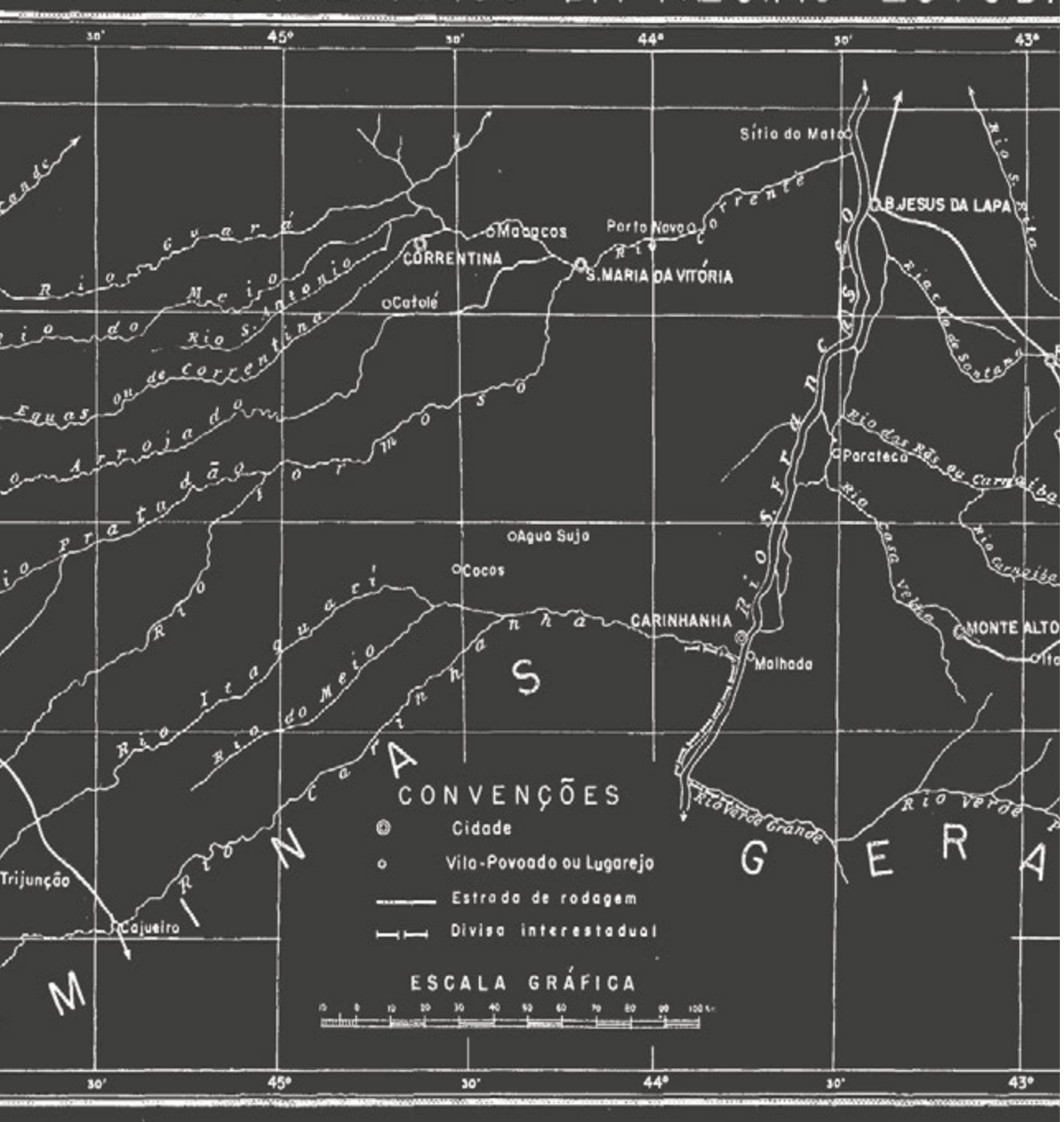
Apresenta ainda interessantes conclusões geográficas sobre a região explorada.

"Saldanha Marinho", primeira embarcação movida a vapor a navegar no Rio São Francisco. Inoperante, encontra-se na Nova Orla Fluvial de Juazeiro (BA)

Bom Jesus da Lapa (BA), cidade ribeirinha do médio São Francisco

Trabalhador de plantação de sisal, Distrito de Porto Novo, Santana (BA)

Distrito de Porto Novo, Santana (BA)



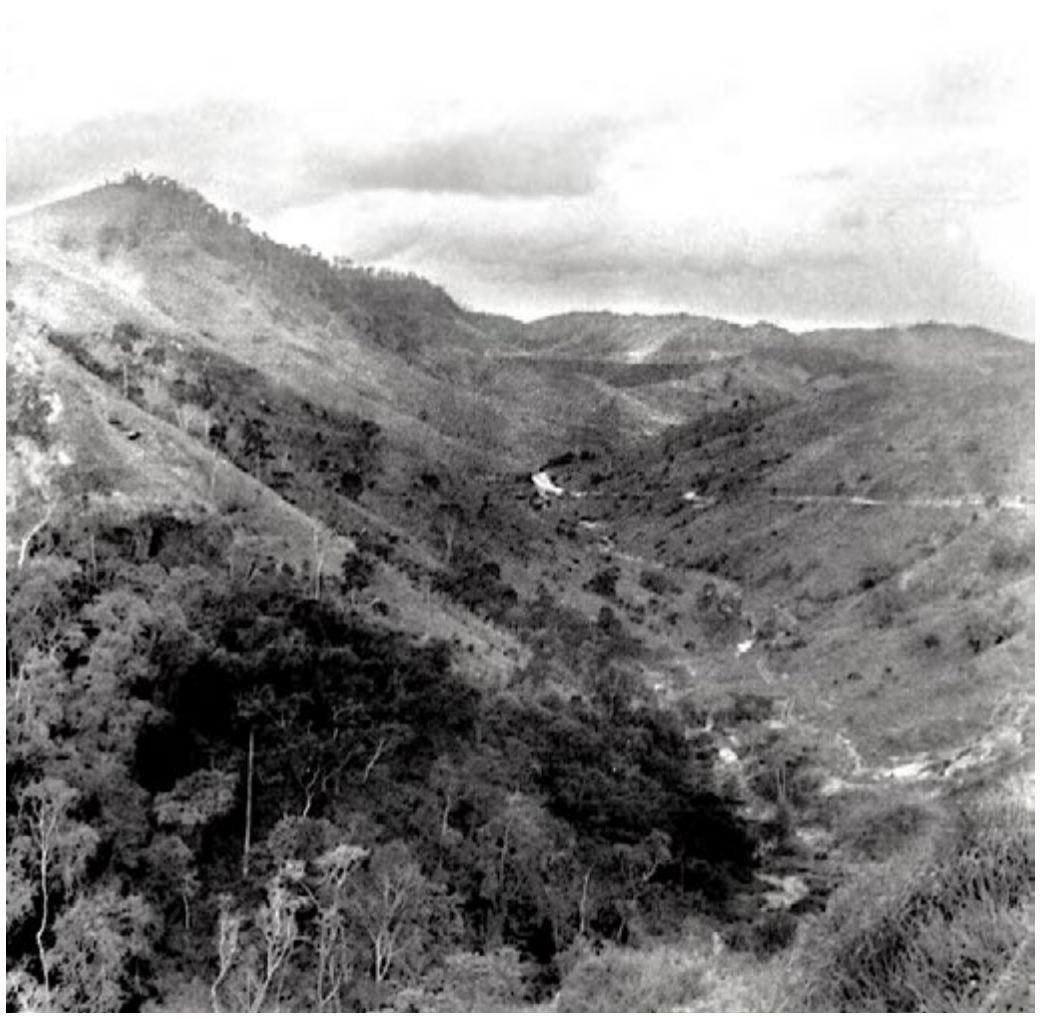
1945

Sudoeste da Bahia

A terceira campanha do Programa Goiás-Bahia, concluindo o reconhecimento geográfico de uma imensa área ainda desconhecida, desenvolveu pesquisas nas Bacias dos Rios Correntes e Carinhanha, que abragem os municípios de Barreiras, Santa Maria da Vitória, Carinhanha, Correntina, Bom Jesus da Lapa, Palmas de Monte Alto, Riacho de Santana, Macaúbas, Caetité, Caculé, Guanambi, Urandi e Jacaraci.

No relatório da expedição de 1945, publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 8, n. 4, p. 437-508, out./dez. 1946, Gilvandro Simas Pereira aborda os obstáculos interpostos por diversas moléstias que atacaram quase todos os componentes do corpo técnico e os trabalhadores da expedição e também anuncia que ao encerrar esta campanha, cerca de 138 000 km² de território baiano foram mapeados e estudados, no campo de ação da moderna Geografia, em três campanhas sucessivas realizadas, as quais acabamos de apresentar.

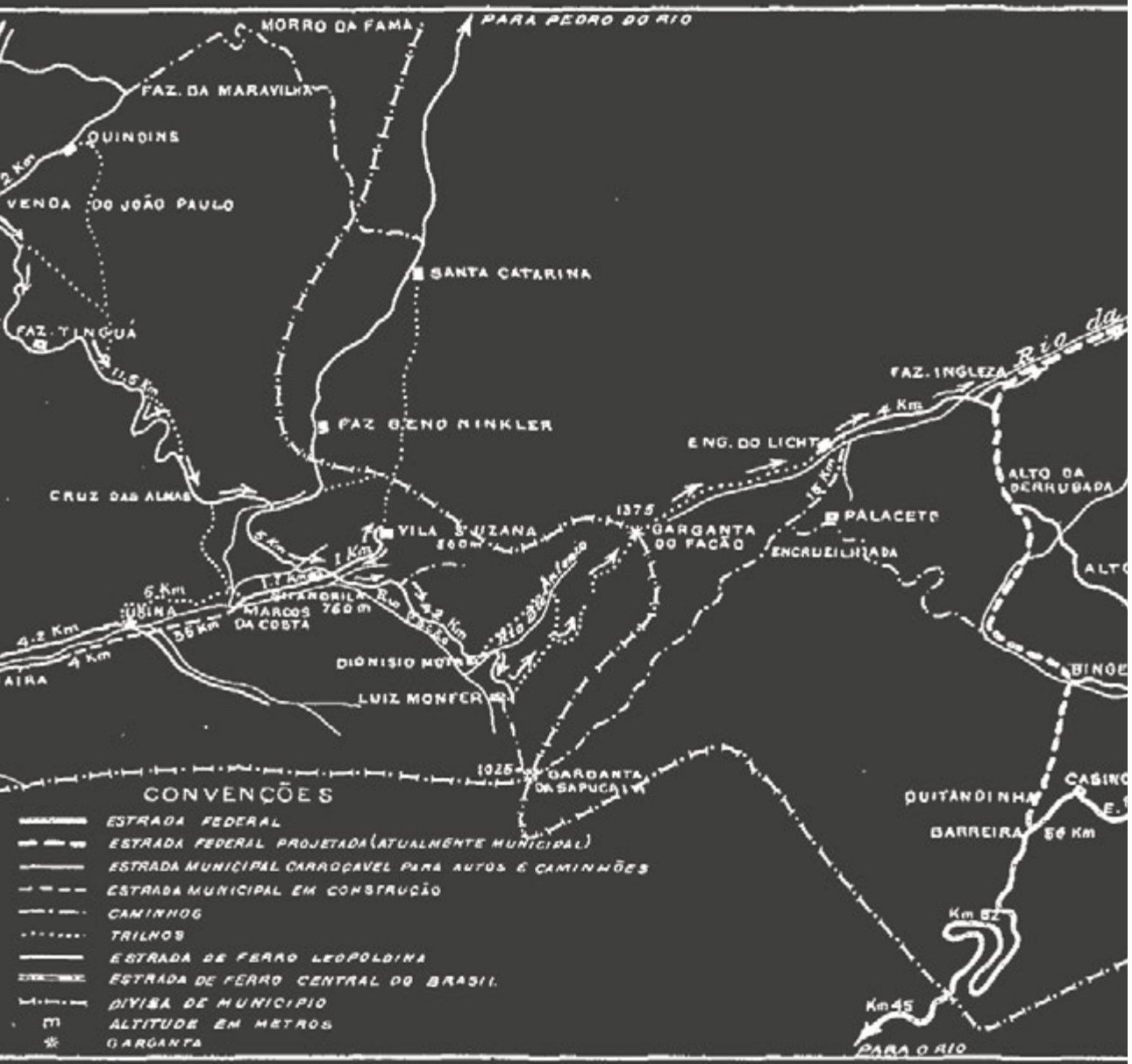
Ciganos na estrada que vai para Brumado, Caraíbas (BA)



Serra do Marçal, Vitória da Conquista (BA)

Carros do IBGE utilizados na expedição, Rio de Contas (BA)

Açude de Brumado (BA)



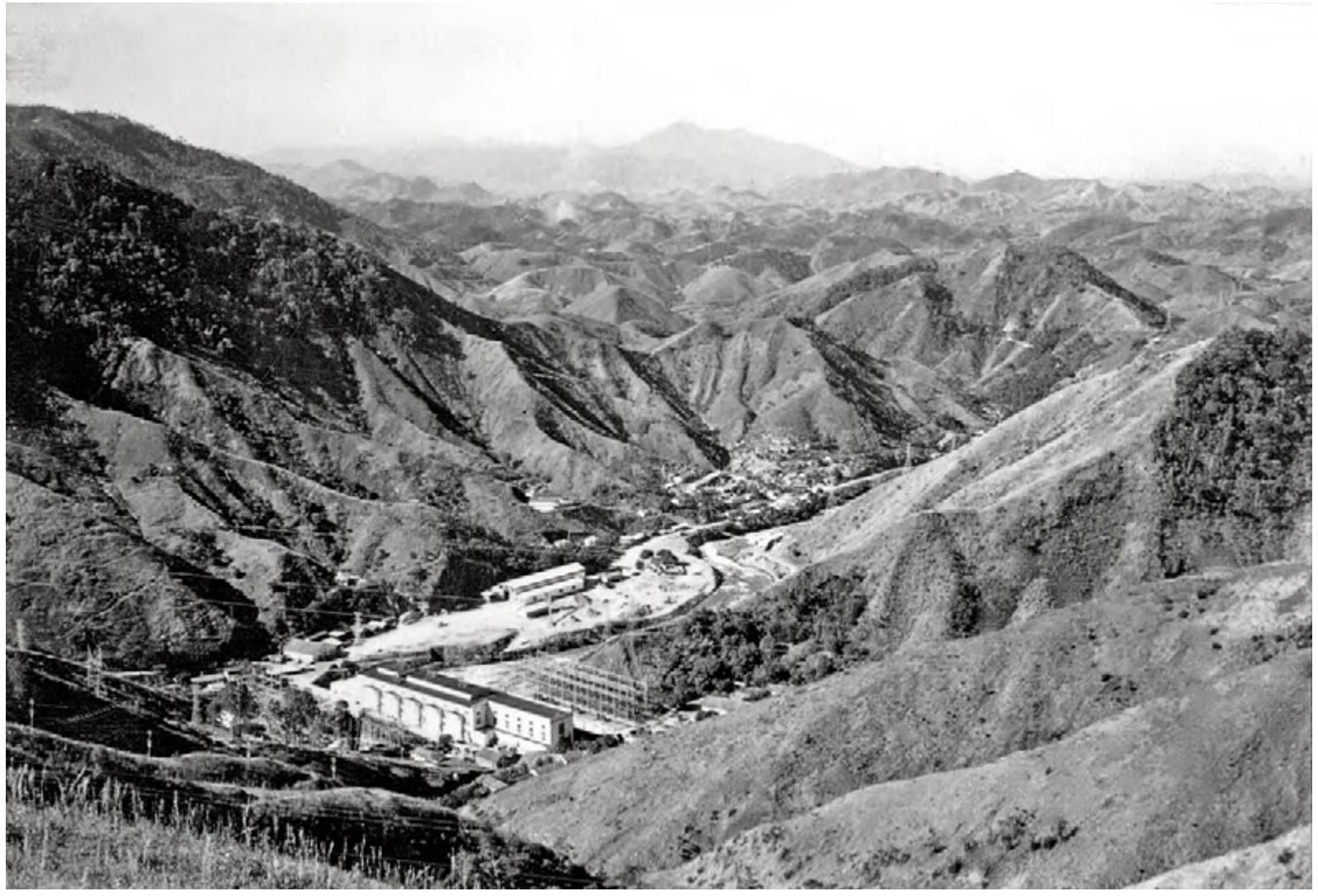
1946

Serra do Mar (RJ)

Sob a supervisão de Francis Ruellan, Pierre Dansereau e outros pesquisadores do Conselho Nacional de Geografia - CNG interessados em Geomorfologia e Geografia Humana efetuaram estudos exploratórios preliminares em um trecho da Serra do Mar.

Dansereau publicou na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 9, n. 4, p. 497-520, out./dez. 1947, as notas de campo em que esclarece que a expedição foi dividida em quatro partes principais, analisando-as separadamente, de acordo com as zonas percorridas: Baixada Fluminense (Rio de Janeiro-Belém); Escarpa (Belém-Governador Portela); Planalto (Barão de Javari-Teresópolis); e Serra (Parque Nacional da Serra dos Órgãos).

Comunica ainda que além das notas de campo tenciona publicar trabalhos mais pormenorizados da Biogeografia da Baixada, do Planalto e da Serra.

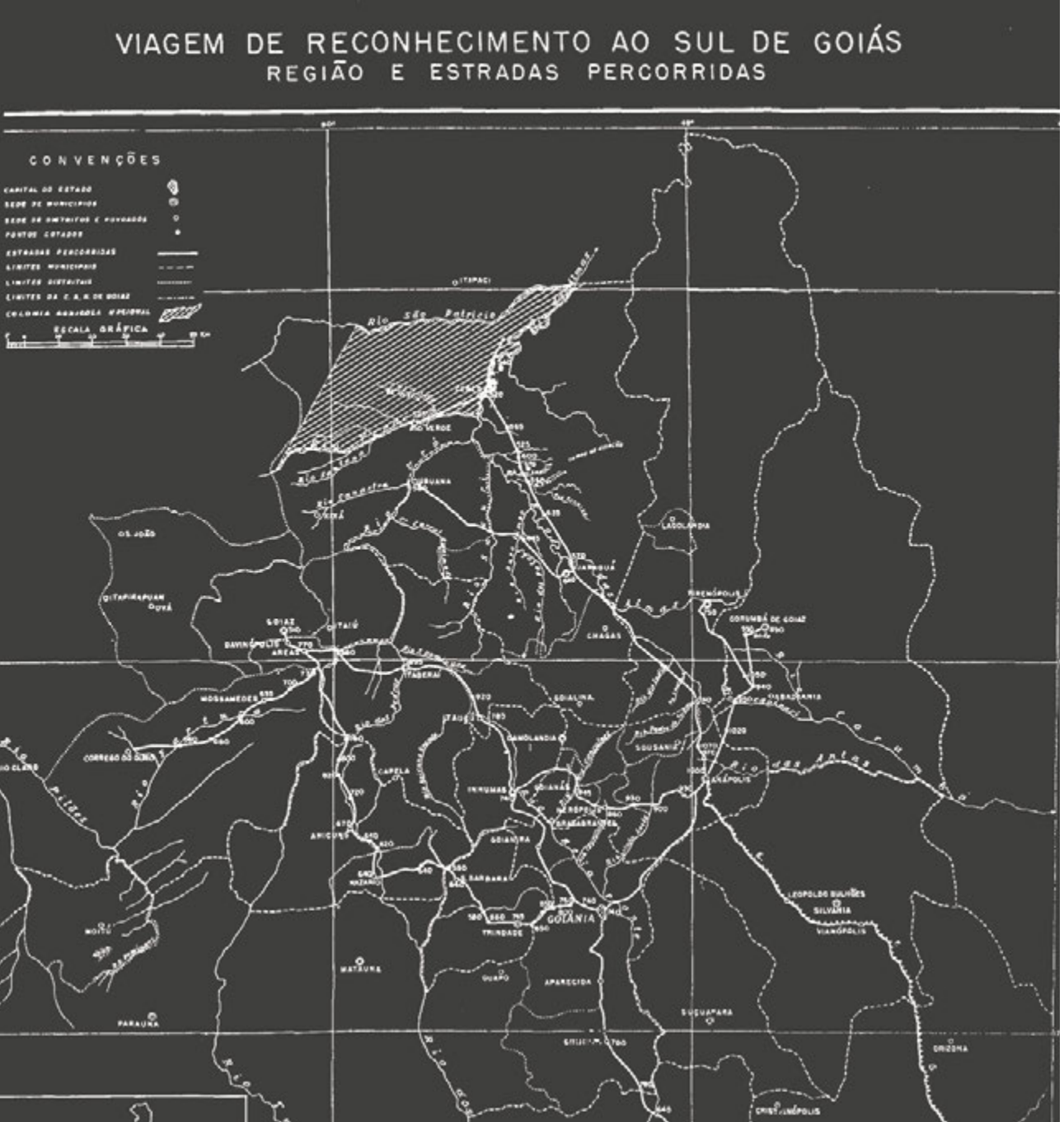


Serra do Mar,
Rio de Janeiro (RJ)

Serra do Mar, Correias, Petrópolis (RJ)

Serra do Mar, destacando-se o Dedo de Deus, Teresópolis (RJ) ▶

Serra do Mar,
Rio de Janeiro (RJ)



1946

Sul de Goiás

Supervisionada por Leo Waibel, acompanhado de dois assistentes, Speridião Faissol e Osvaldo Lôbo, a expedição teve como objetivo estudos sobre colonização, conhecimento da vegetação original e sua transformação pela atividade humana.

Goiás desempenhou um papel decisivo na "Marcha para o Oeste" e no futuro do País, e Anápolis foi a base da zona pioneira do sul de Goiás.

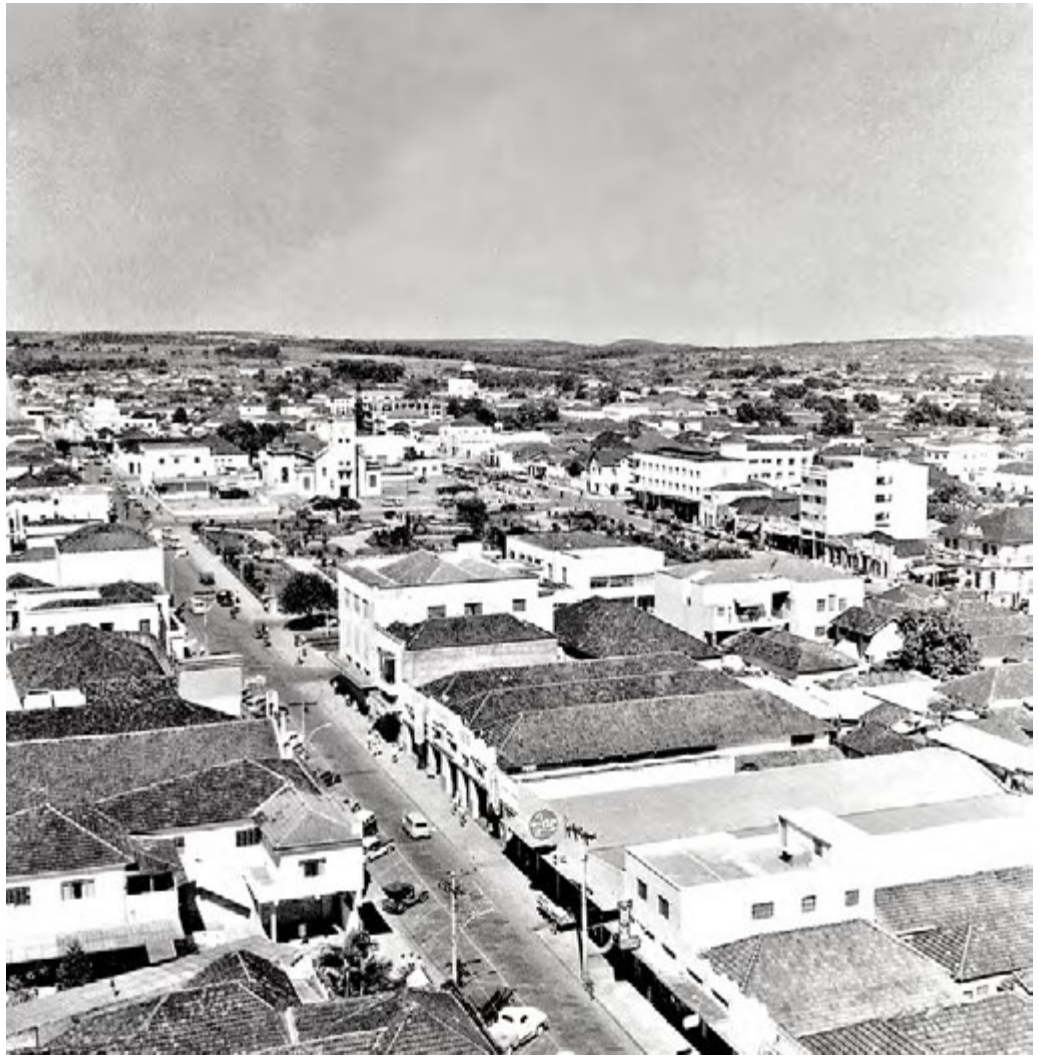
Em artigo publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 9, n. 3, p. 313-342, jul./set. 1947, Waibel relata que, pelo próprio objetivo da expedição, as observações deveriam ser realizadas no interior do País. Assim, optou por Goiás, onde a linha férrea penetrava mais para o interior. Mostra ainda o povoamento feito pelos garimpeiros e exploradores de jazidas de minérios e a mudança ocorrida com a aproximação da via férrea que vinha do triângulo mineiro.

Faz algumas considerações sobre a Cidade de Anápolis, "novo centro comercial de Goiás"; sobre Jaraguá, antigo centro de mineração; sobre Uruana, cuja a população rural vive em dois municípios diferentes etc. Descreve a Colônia Agrícola Nacional de Goiás, onde cerca de oito mil pessoas se dedicavam à agricultura.

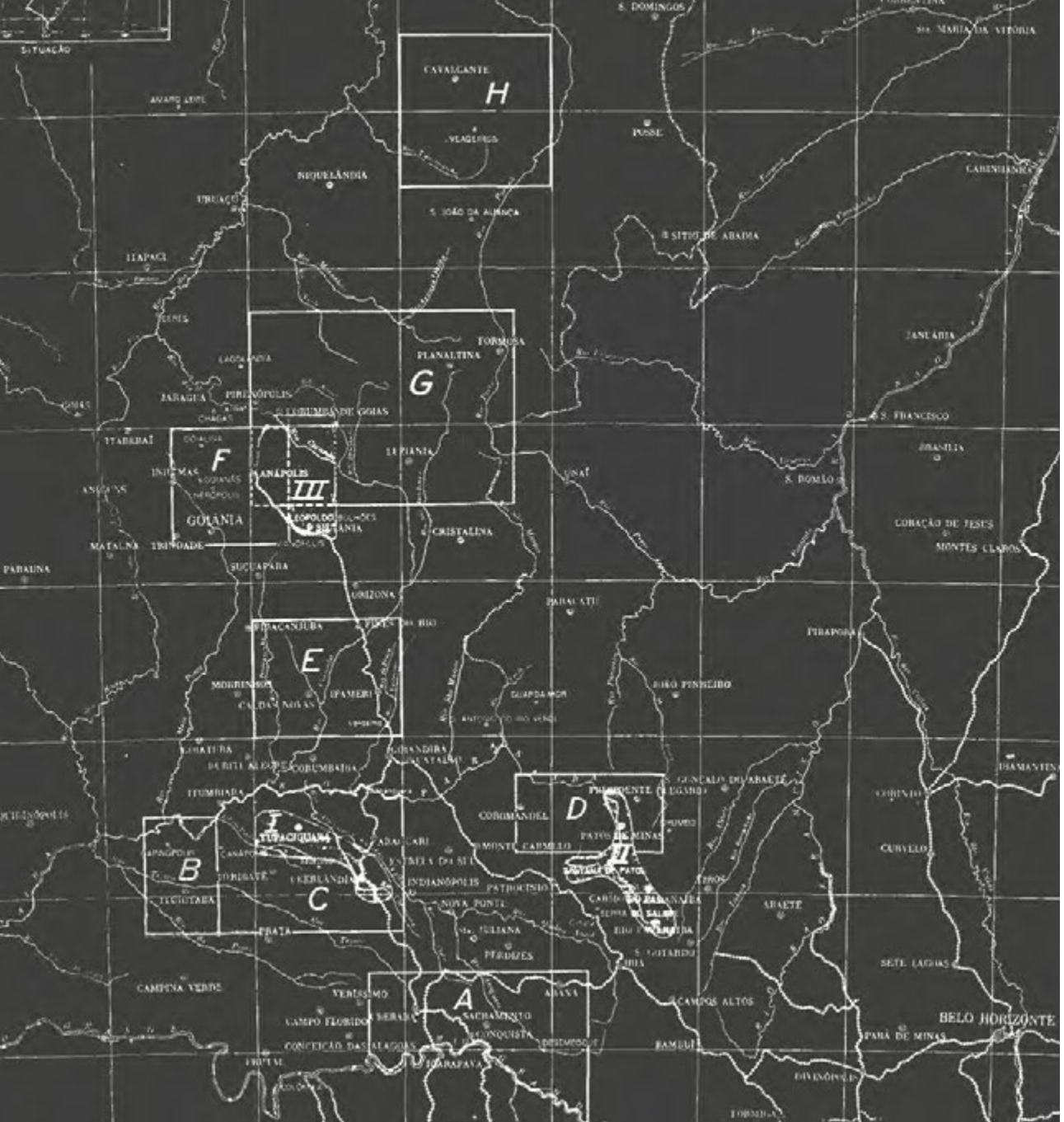
Estação ferroviária de Anápolis (GO)

Mata na estrada entre Goiânia e Anápolis (GO)

Camponês arando a terra, Colônia Agrícola Nacional de Goiás



Anápolis (GO)



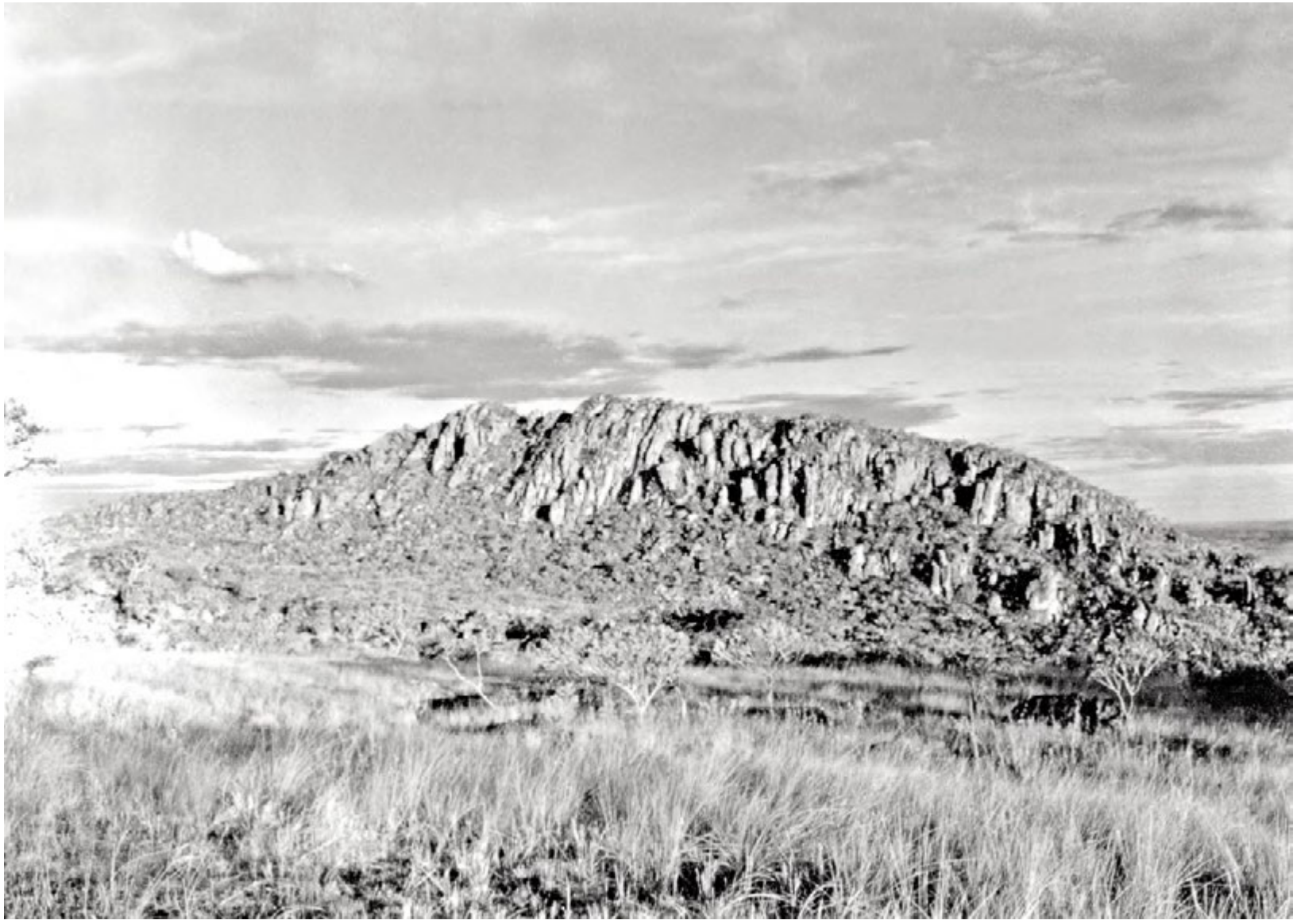
1947

Planalto Central

A Comissão de Estudos sobre a Localização da Nova Capital do Brasil organizou, em 1947, duas expedições geográficas ao Planalto Central. A primeira, sob a chefia de Francis Ruellan, realizou estudos de detalhes das oito zonas previamente selecionadas, com o objetivo de indicar "sítios" adequados para a localização da capital. A segunda, sob a responsabilidade de Fábio de Macedo Soares Guimarães e a orientação científica de Leo Waibel, estudou o Planalto Central em seu conjunto, tendo em vista o problema da "posição" da capital e os tipos de sítios convenientes.

Fábio Guimarães publicou na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 11, n. 4, p. 471-542, out./dez. 1949, artigo baseado nos trabalhos de campo da segunda expedição. O estudo geográfico compreendeu aspectos importantes referentes a relevo, estrutura geológica, clima, hidrografia, vegetação, solo, ocupação humana, tipos de economia e de uso do solo, vias de transporte e de comunicação etc.

Após avaliação das condições de ser um bom local em combinação com o critério de boa posição, a expedição classificou como mais favoráveis as seguintes zonas, em ordem crescente: Uberlândia-Tupaciguara; Patos de Minas; e Goiânia-Anápolis.



Serra dos Pirineus,
Corumbá de Goiás (GO)

Cachoeira do Pai Joaquim,
Santa Juliana (MG)

Boiada na estrada entre Cachoeira dos Macacos e Pará de Minas (MG)

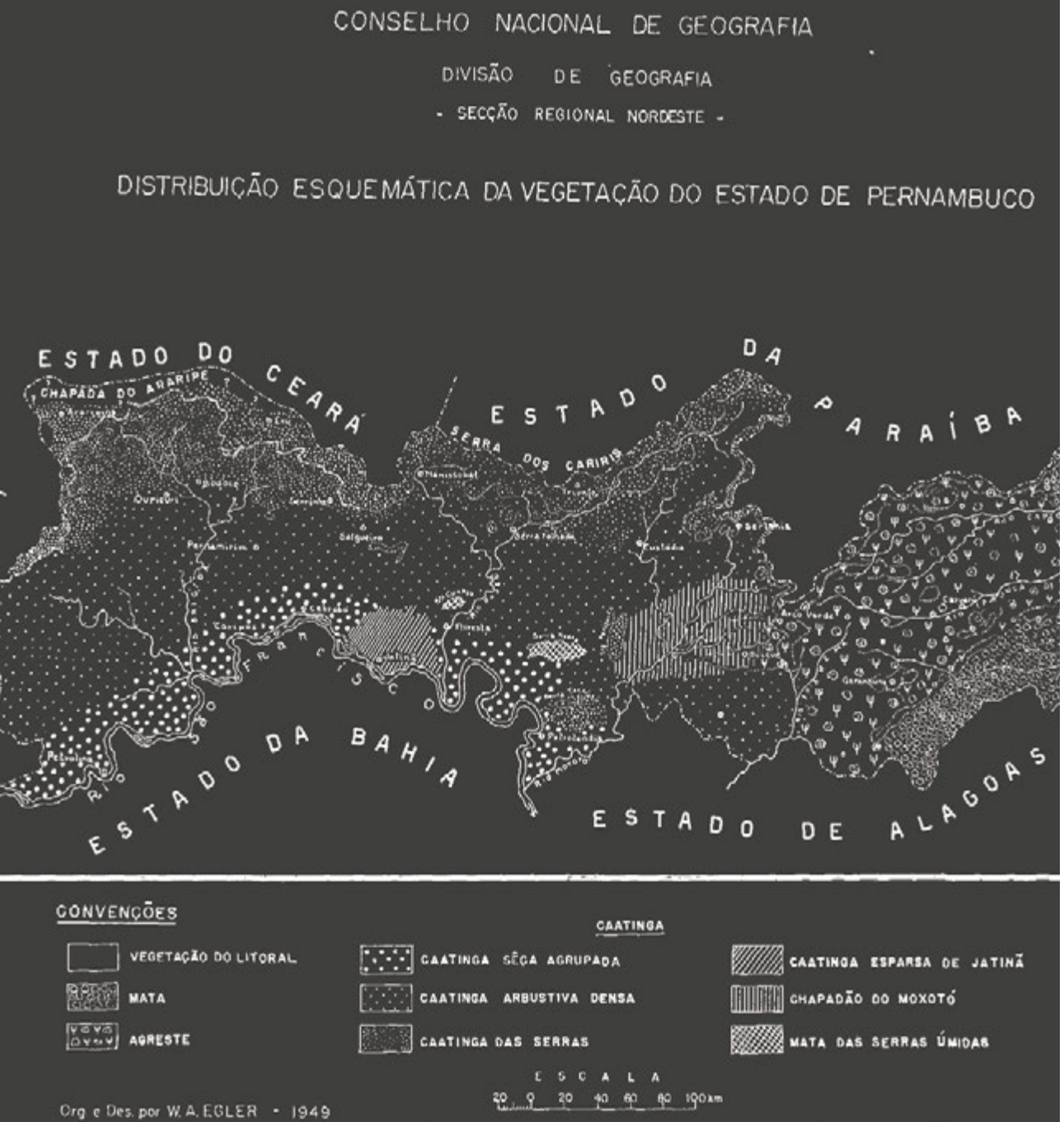
Cachoeira do Rio da Prata, Amarantina (MG)

Chapadão, Planaltina (GO)

◄ Rio Corumbá, Corumbá de Goiás (GO)

Colina, Corumbá de Goiás (GO)

Rua comercial, Uberlândia (MG)



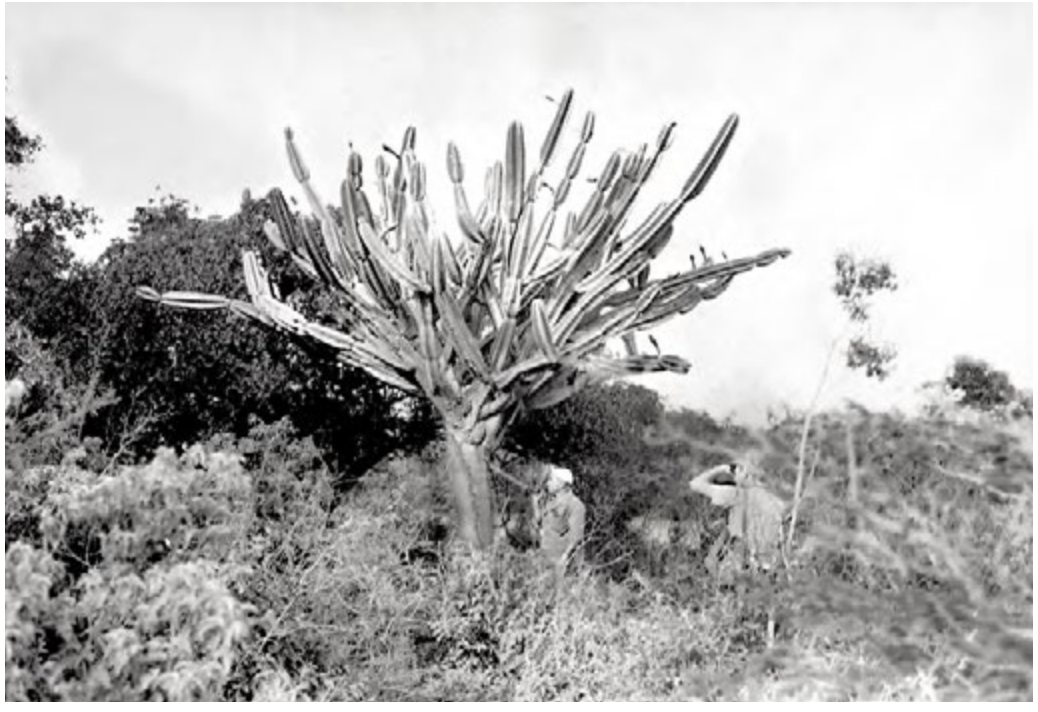
1948

Nordeste brasileiro

Esta expedição investigou peculiaridades da vegetação da Região Nordeste. No trabalho apresentado por Walter Alberto Egler na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 13, n. 4, p. 577-590, out./dez. 1951, que resultou de observações feitas na expedição, o autor trata apenas da Caatinga pernambucana, não abrindo espaço para analisar as características dos outros tipos de vegetação que ocorrem em Pernambuco. Classifica a Caatinga pernambucana nos seguintes tipos: Caatinga seca e agrupada; Caatinga seca e esparsa; Caatinga arbustiva densa; Caatinga das serras; Caatinga do Chapadão do Moxotó. Sugere, também, a necessidade de estudos detalhados e sua aplicação prática na recuperação econômica da região.

Caatinga, Soledade (PB)

Agreste paraibano, Soledade (PB)

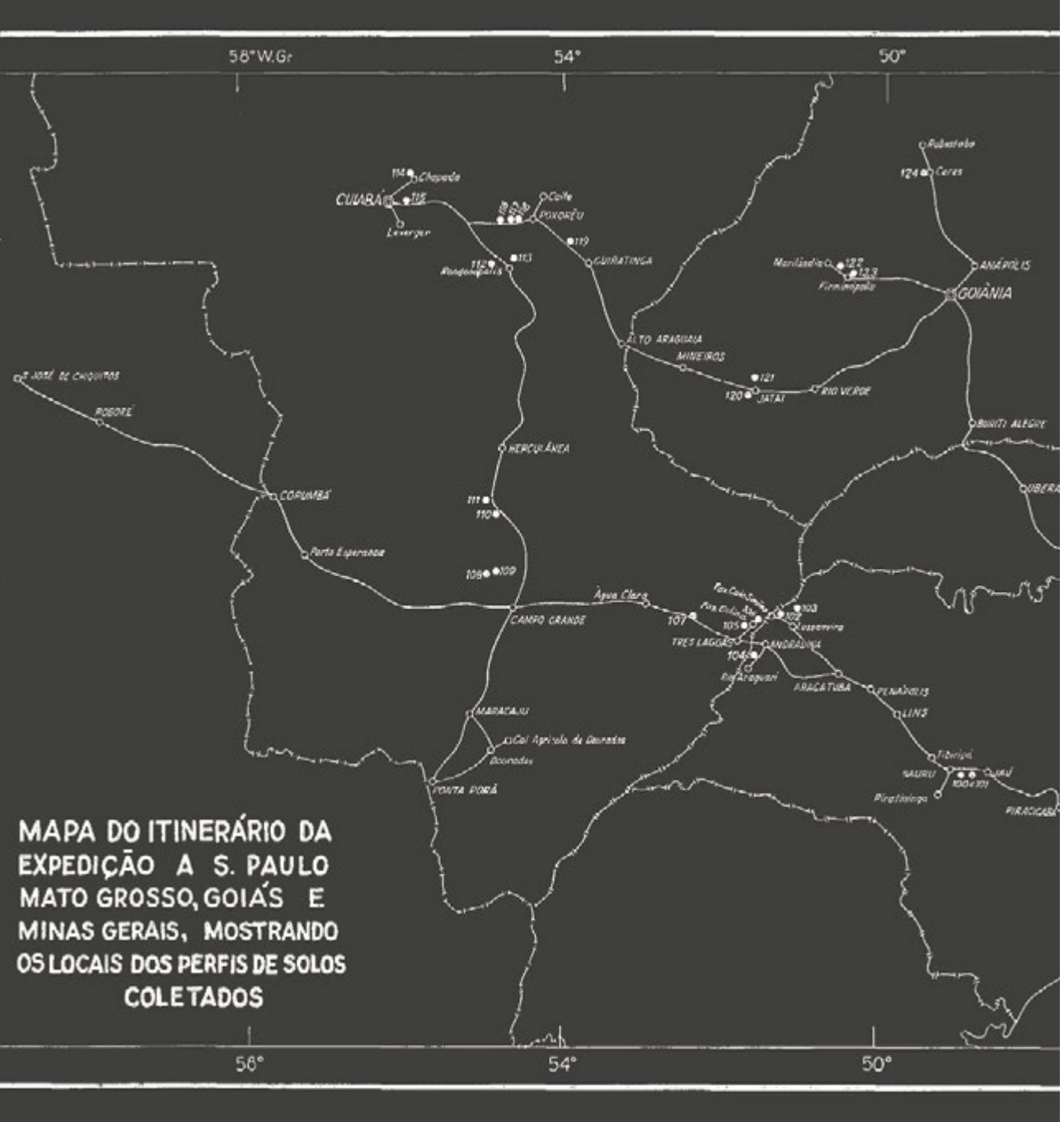


Mandacaru, Dormentes (PE)

Plantação de algodão na caatinga, Custódia (PE)

Tropa de burros utilizada na expedição, na vegetação de caatinga, Glória (BA)

Xique-Xique e
caatinga, Itatim (BA)



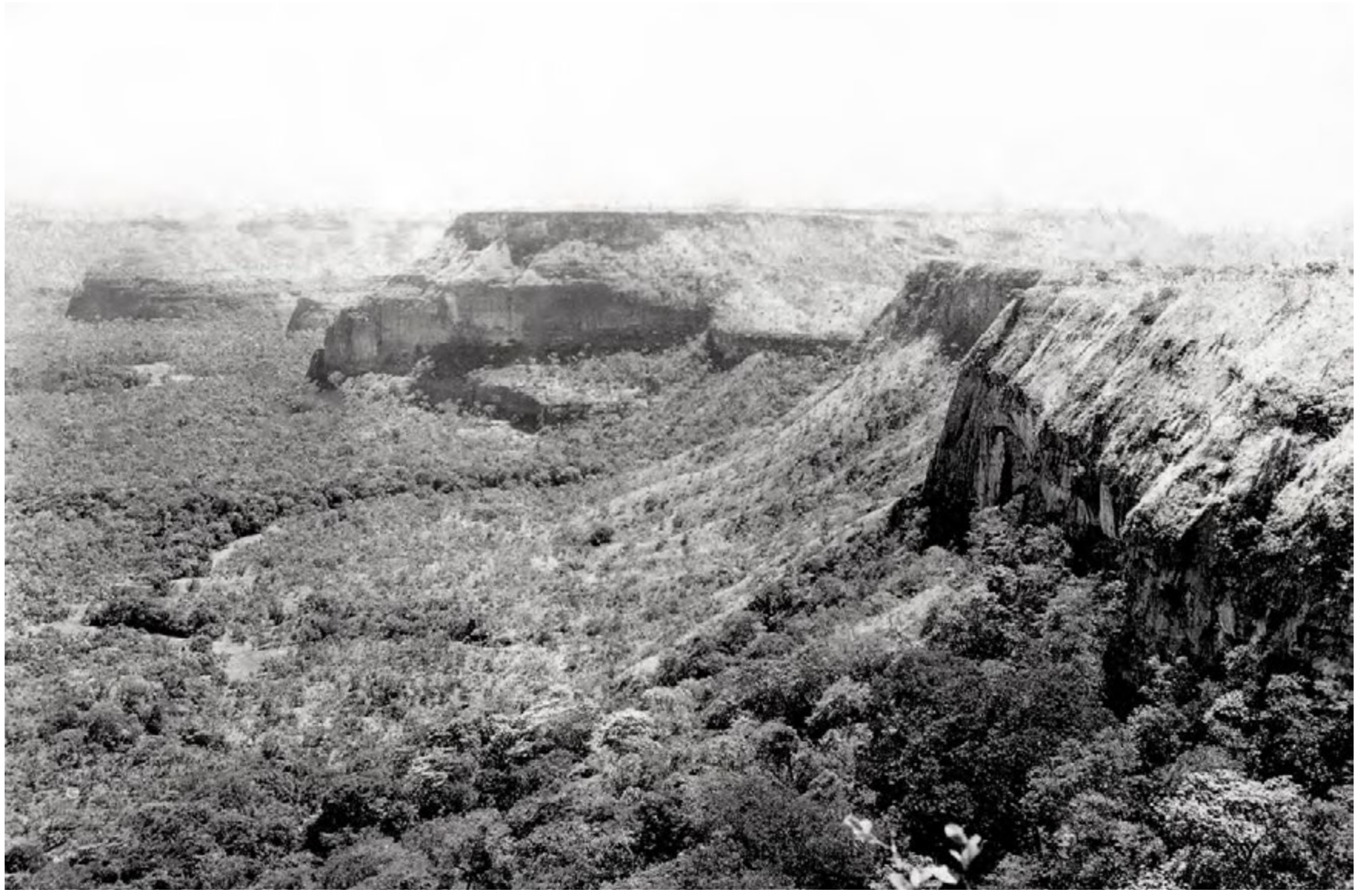
1948

Região Centro-Oeste

Com o objetivo de conseguir dados indispensáveis que permitissem orientar tecnicamente o estabelecimento de novas colônias agrícolas, o Conselho Nacional de Geografia - CNG, por solicitação do Conselho de Imigração e Colonização, organizou uma expedição à Região Centro-Oeste composta de especialistas em Geografia Humana, Geografia Econômica, Geomorfologia, Ecologia Vegetal e Fitogeografia.

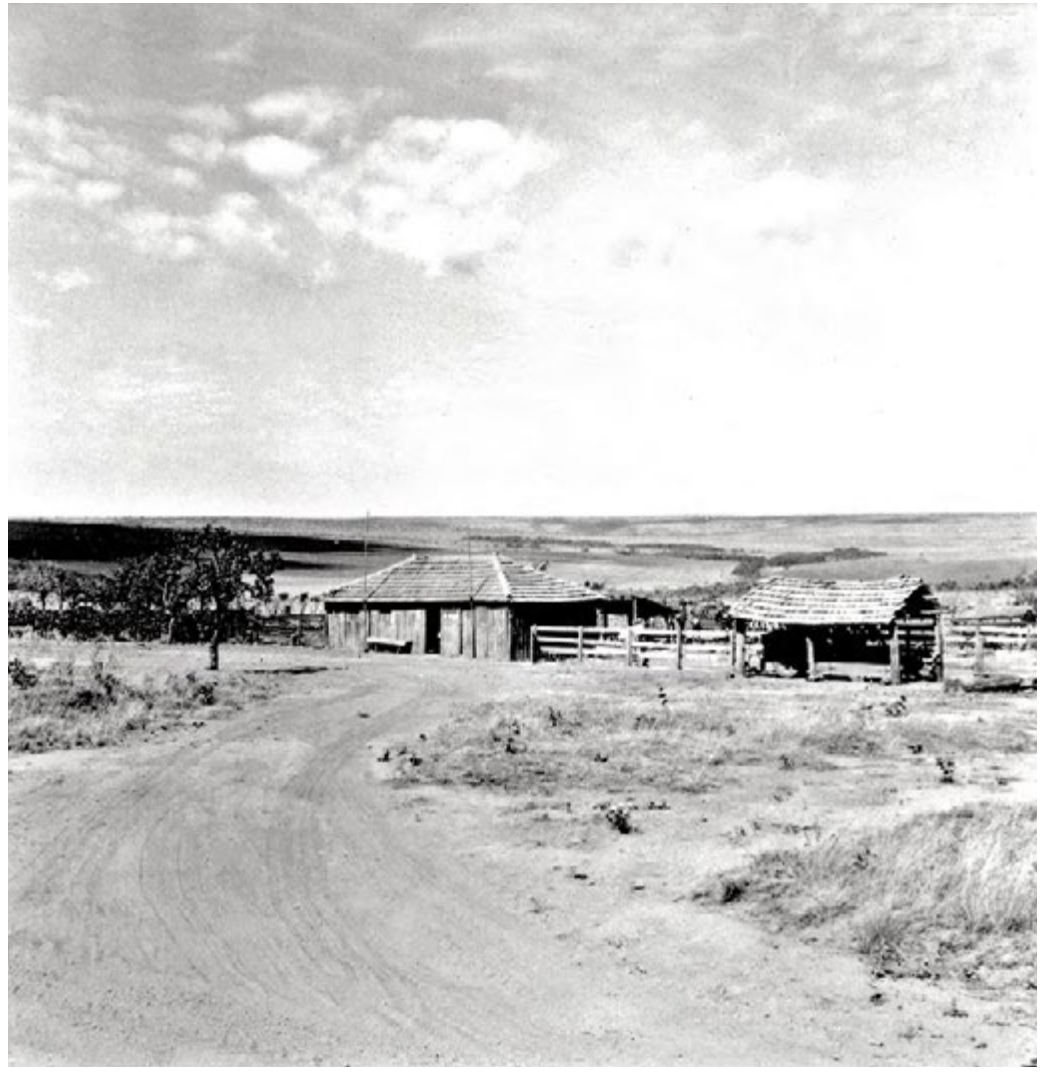
A viagem, realizada através dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, em virtude da extensão, aproximadamente 15 000 km, foi essencialmente de reconhecimento, a não ser em algumas áreas, em que foram feitos estudos mais minuciosos por apresentarem particular interesse à colonização.

No artigo publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 14, n. 2, p. 127-180, abr./jun. 1952, Moacir Pavageau, responsável pelo estudo dos solos nesta expedição, mostra o resultado da análise das amostras colhidas.

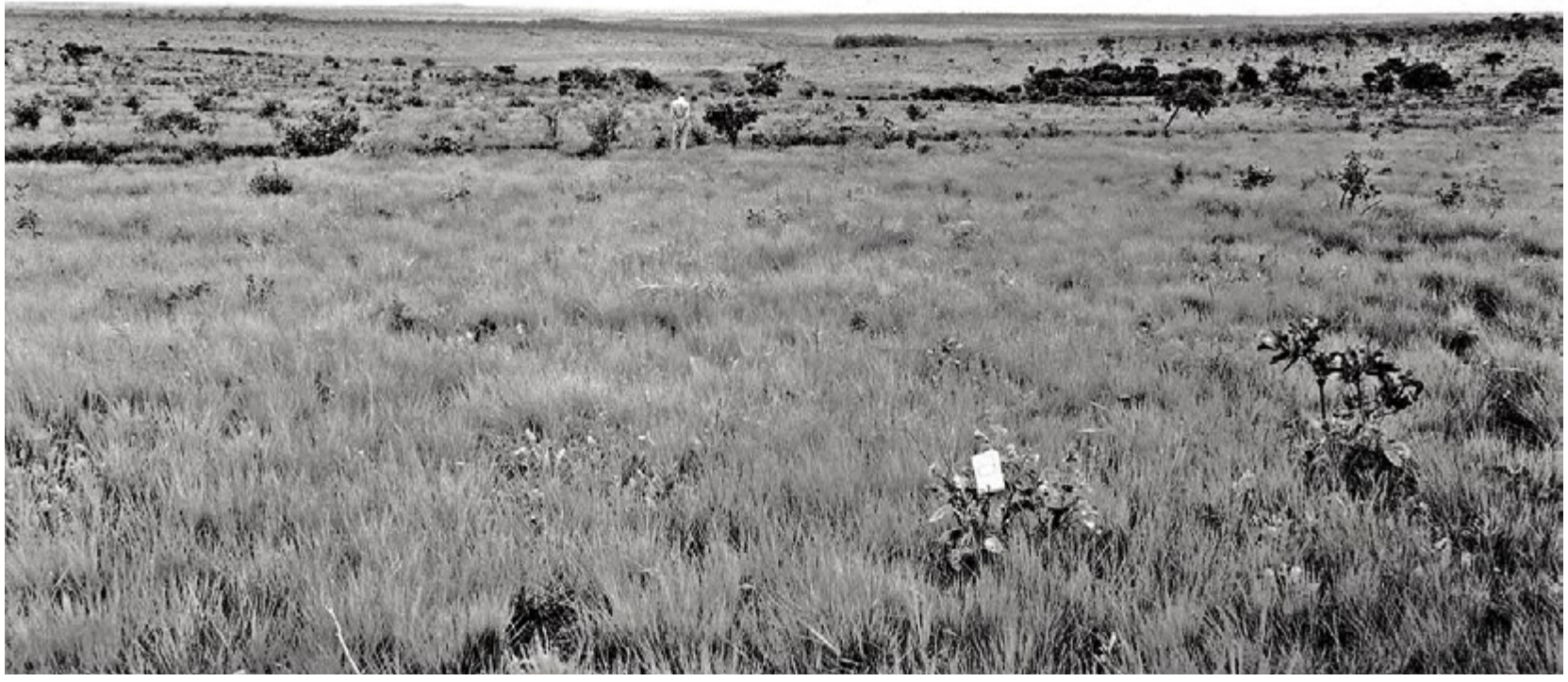


Furna do Progresso, Serra de São Bento, entre Poxoréu e o Rio São Lourenço (MT)

Cerrado próximo a Gurupi (GO)



Jataí (GO), cidade localizada na encosta de um vale



Campo limpo entre Rio Verde
e Jataí (GO)

Programa do Atlas da Colonização do Brasil

1948

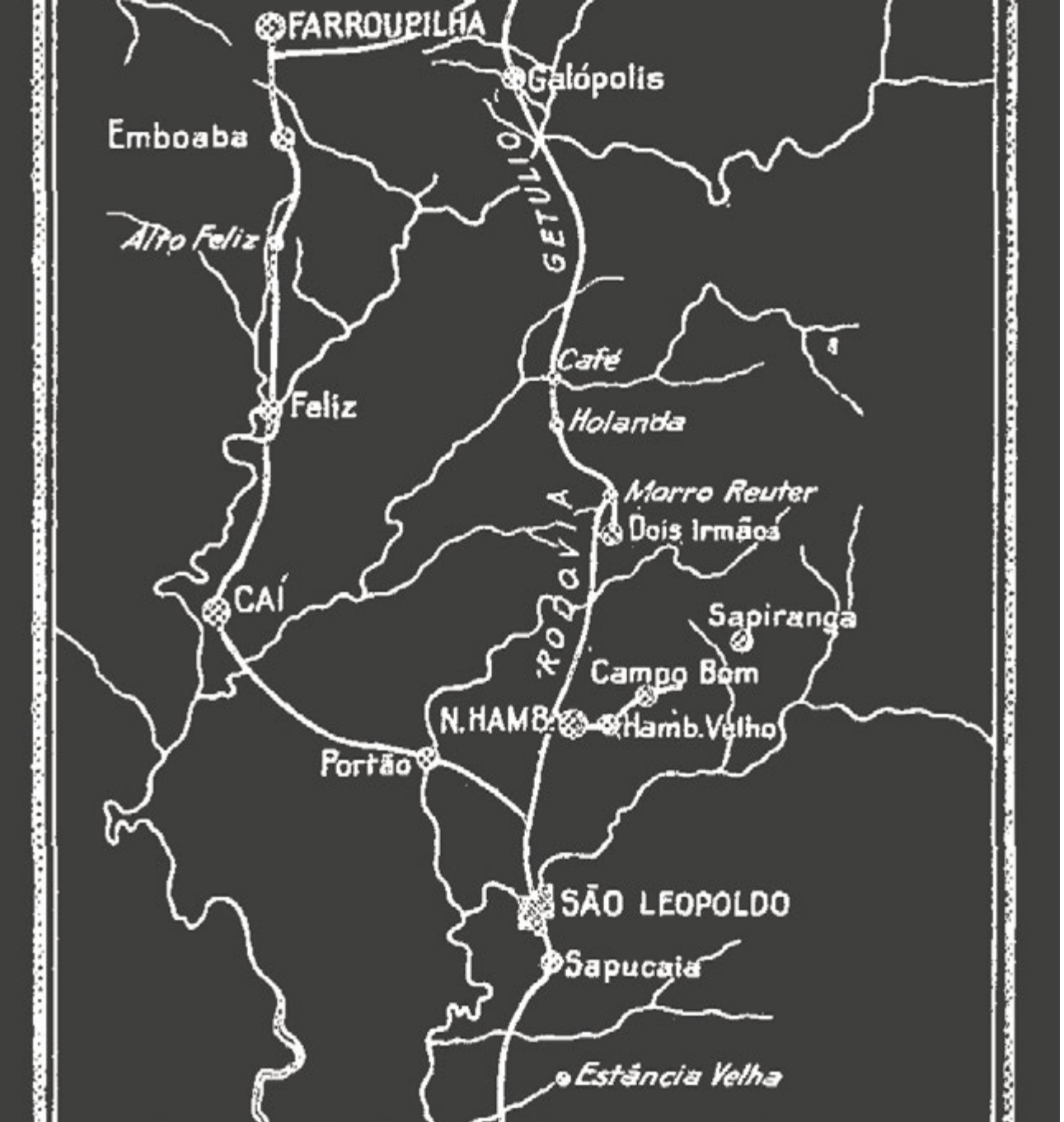
Região colonial antiga do Rio Grande do Sul

1949

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

1950

Paraná



1948

Região colonial antiga do Rio Grande do Sul

Primeira expedição do programa que objetivava a elaboração de um atlas da colonização do Brasil, que o IBGE projetava publicar. Supervisionada por Leo Waibel, a expedição realizou estudos de reconhecimento geográfico de parte da região colonial antiga do Estado do Rio Grande do Sul.

Orlando Valverde publicou na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 10, n. 4, 477-534, out./dez. 1948, o artigo "Excursão à região colonial antiga do Rio Grande do Sul", em que relata as observações de campo.

O território estudado está situado ao norte de Porto Alegre e compreende três partes fisiograficamente distintas: a Baixada, a Encosta e o Planalto, as duas primeiras colonizadas por alemães e a última por italianos. Classifica os fatores de desenvolvimento da colonização em comunicações, história e relevo.

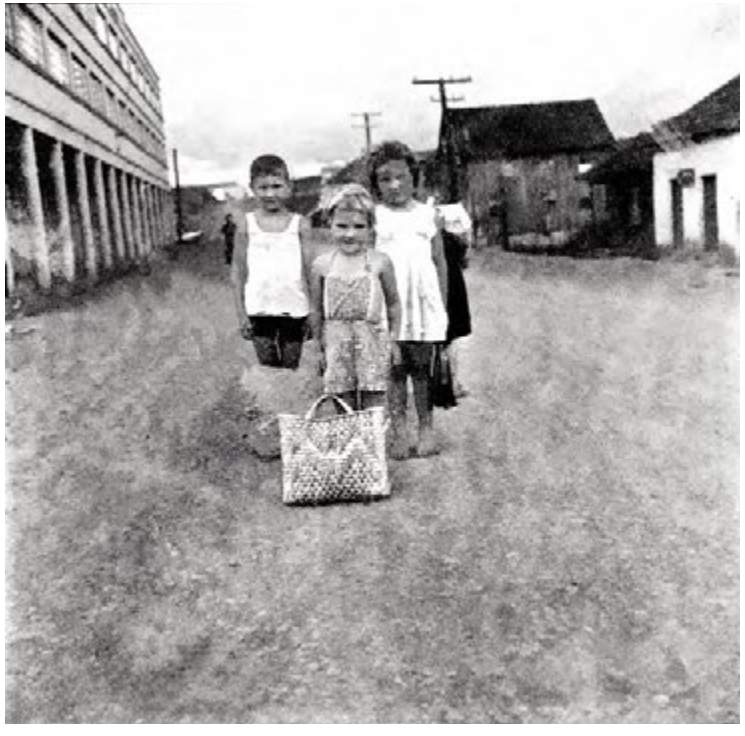
Ao concluir, afirma que no estudo da colonização, mais do que os elementos puramente geográficos, devem ser considerados os elementos econômicos e históricos.

Fábrica de sapatos Grande Gala, Novo Hamburgo (RS)

Fábrica de sapatos Grande Gala, Novo Hamburgo (RS)

Estação ferroviária de Canoas (RS)

Igreja de São Luís
Gonzaga, Canoas (RS)



Crianças de ascendência italiana, Caxias do Sul (RS)

Gaúcho, Caxias do Sul (RS)

Caxias do Sul (RS)

Milharal, Vale do Rio Caí, Caxias do Sul (RS)

Ponte sobre o Rio Caí, Caxias do Sul (RS)

Casa de colono italiano, Caxias do Sul (RS)

Gado Polly-Herford saindo para o campo, Vacaria (RS)

Casa comercial de madeira, Vacaria (RS)

1949

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

Sob a orientação de Leo Waibel, a segunda expedição do Programa do Atlas da Colonização do Brasil teve como finalidade mostrar a complexidade dos problemas fitoecológicos da área estudada.

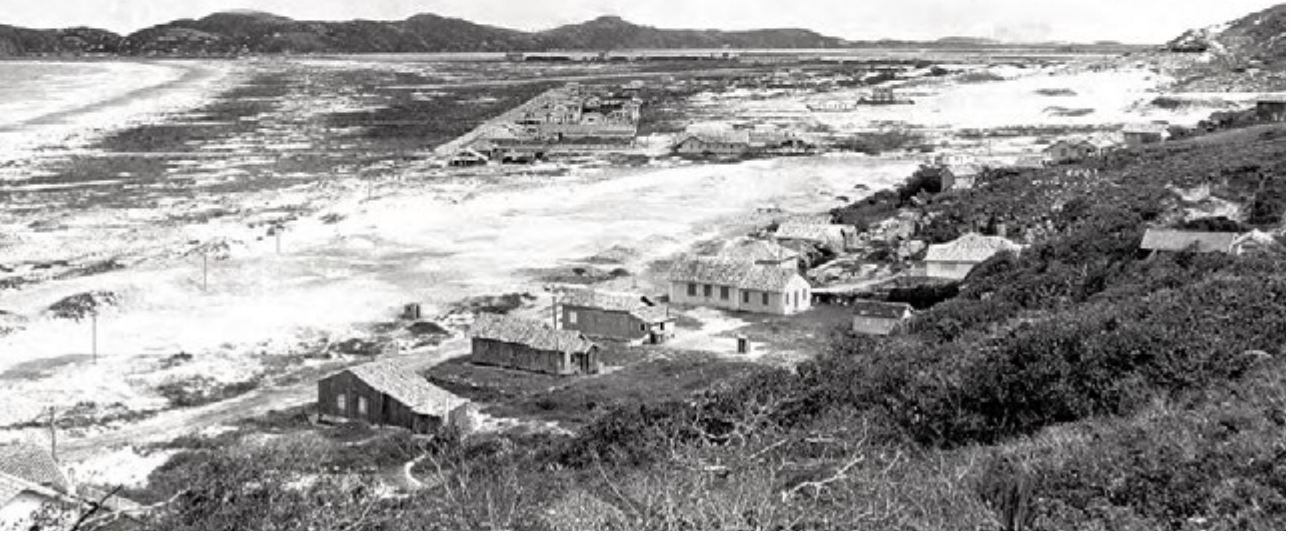
Na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 14, n. 2, 181-198, abr./jun. 1952, Edgar Kuhlmann apresenta o histórico dos estudos feitos na região campestre do sul do Brasil e também faz considerações gerais sobre a origem dos campos e matas desta região. Depois de explicar a existência dos cerrados na parte meredional do País, analisa os campos limpos visitados por ele, os quais foram classificados nos seguintes grupos: Campos de Castro; Campo de Palmeira; Campo de Palmas; Campo limpo com Butiá; Campo do Rio Irani; Campo de Erechim; Campo de Passo Fundo; e Campos de Lagoa Vermelha.

Porto carvoeiro de Laguna (SC)

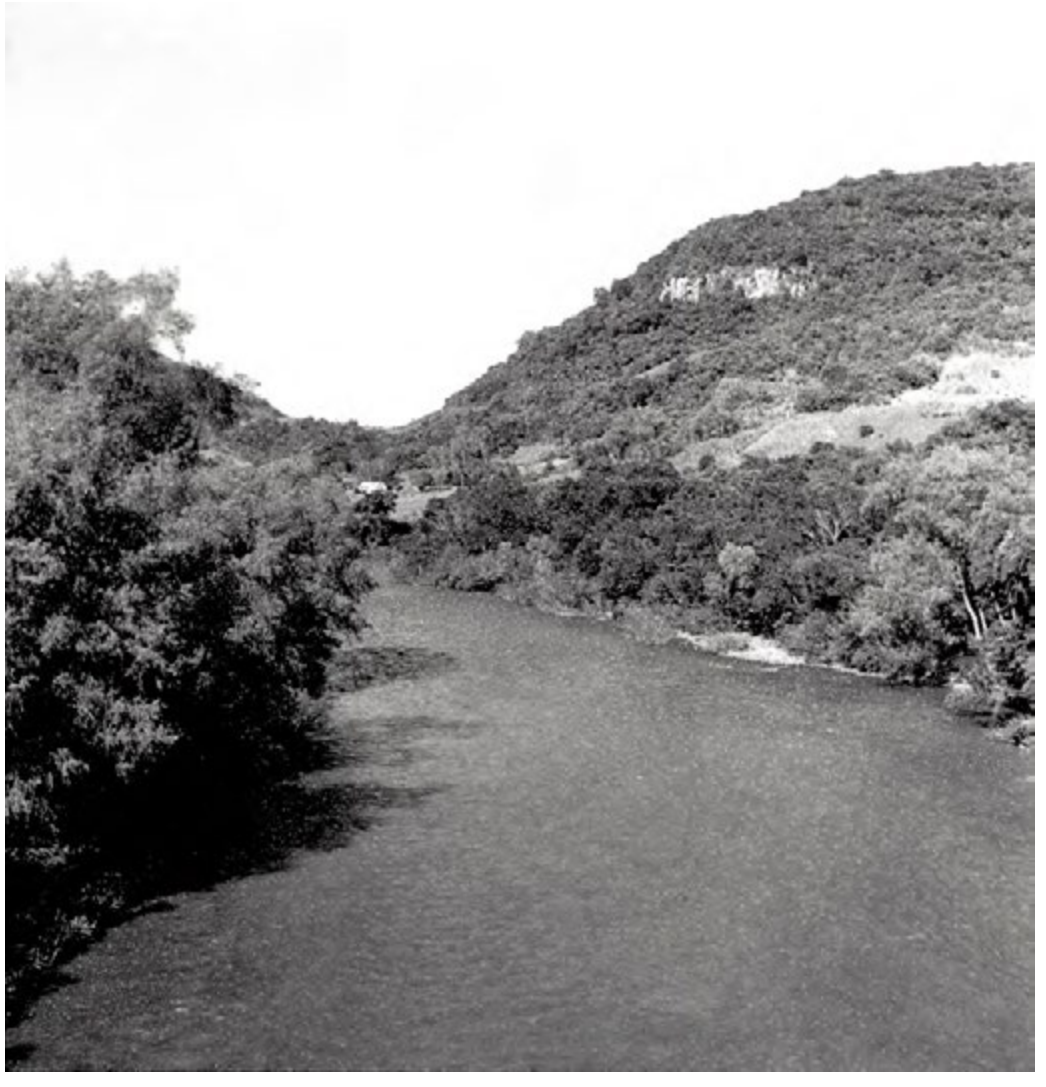
Vale do Rio das Cinzas, Santo Antônio da Platina (PR)

Pinheiro e palmeira butiá, perto de Ponte Serrada, Joaçaba (SC)

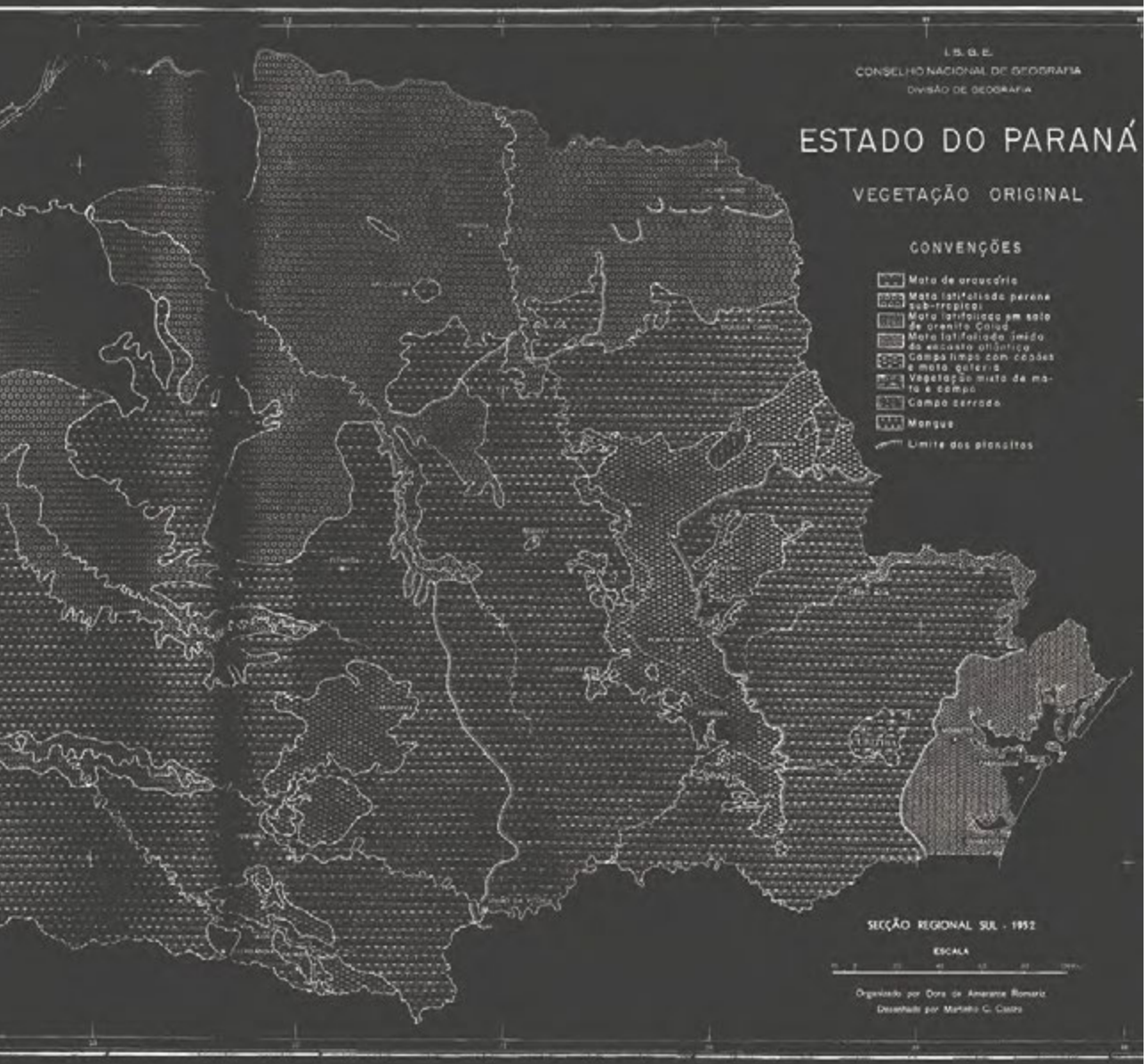
Campos na estrada de Lajes-Vacaria (SC)



Vista parcial de Laguna (SC), vendo-se novo bairro



Rio Caí, Caxias do Sul (RS)



1950

Paraná

Orientada por Leo Waibel, a terceira expedição do Programa do Atlas da Colonização do Brasil teve como objetivo o reconhecimento geográfico do Paraná. Sobre esta expedição, Lysia Bernardes publicou o artigo "O problema das frentes pioneiras no Estado do Paraná", na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 15, n. 3, p. 335-384, jul./set. 1953, aproveitando-se dos ensinamentos resultantes de seu contato pessoal com Waibel, seja no campo, seja nos Seminários sobre Colonização, realizados pela Divisão de Geografia entre 1948 e 1950.

Planejado para figurar numa série que englobaria trabalhos sobre relevo, vegetação, clima, utilização da terra, evolução das vias de comunicação etc., o artigo se limita ao problema do povoamento em si, não tendo sido possível à autora estender-se sobre o quadro físico no qual se desenrola o avanço pioneiro, nem sobre a maneira pela qual o povoador utiliza o solo e estabelece sua vida de pioneiro.

Casa de pequeno produtor rural, Palmas (PR)

Casa de madeira, Palmas (PR)

Moenda de erva-mate, entre Campina Bonita e Guarapuava (PR)

Colônia de Pato Branco (PR)

Carroça típica de colonos

Colheita de arroz, Campo Mourão (PR)

Serraria, Campo Mourão (PR)

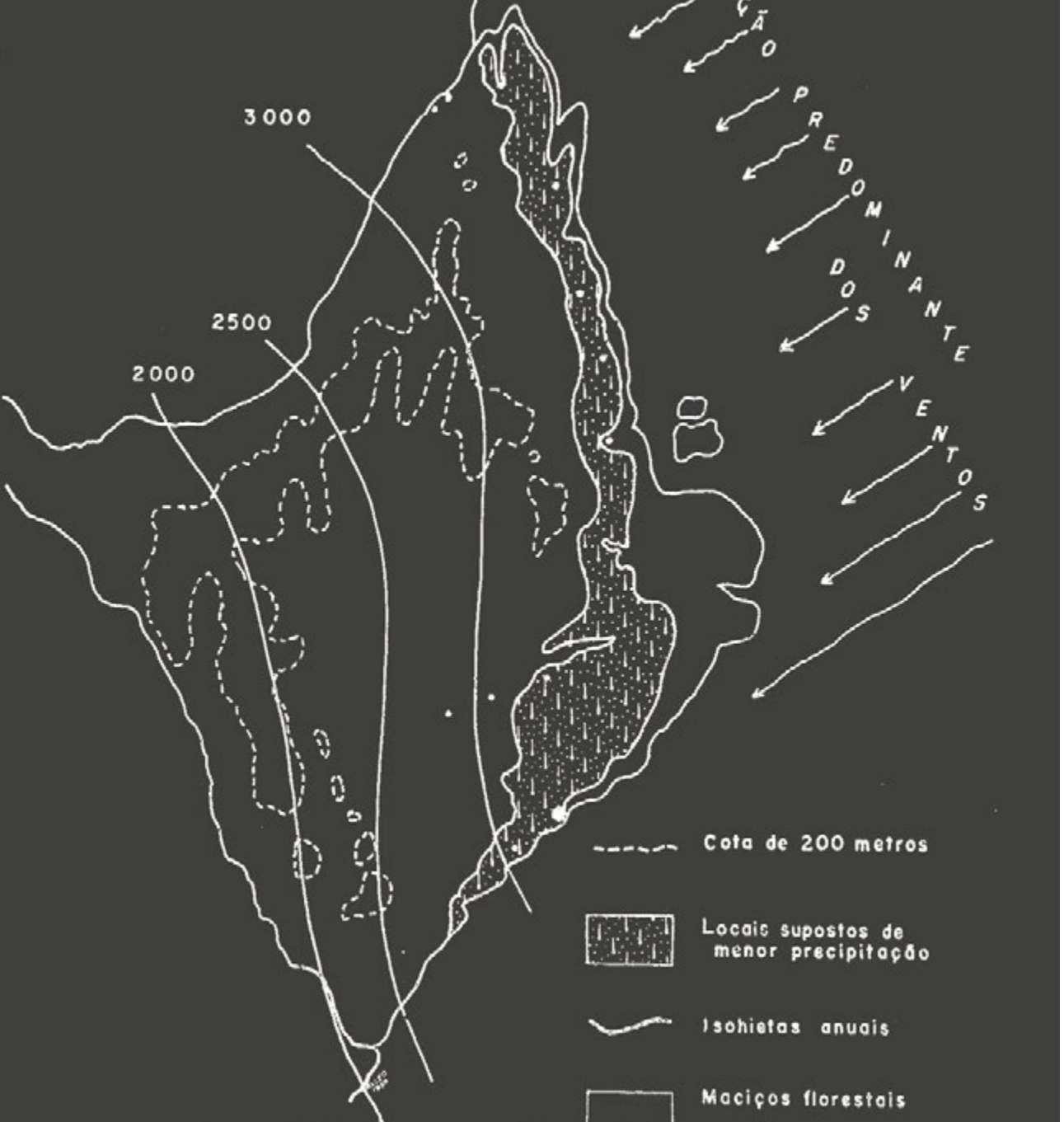
Peneiração, primeira fase da limpeza do café, Londrina (PR)

Balsa no Rio Ivaí, Maringá (PR)

Boiada a caminho de Maringá (PR)

Colono arando a terra, Coronel Vivida (PR)

Colono holandês e seu filho, Carambeí (PR)



1950

Amapá

A convite do governador Janari Gentil Nunes e comissionada pelo IBGE, esta expedição, chefiada por Lúcio de Castro Soares, teve como finalidade realizar observações sobre Biogeografia, Geografia Humana e Geografia Física no Amapá.

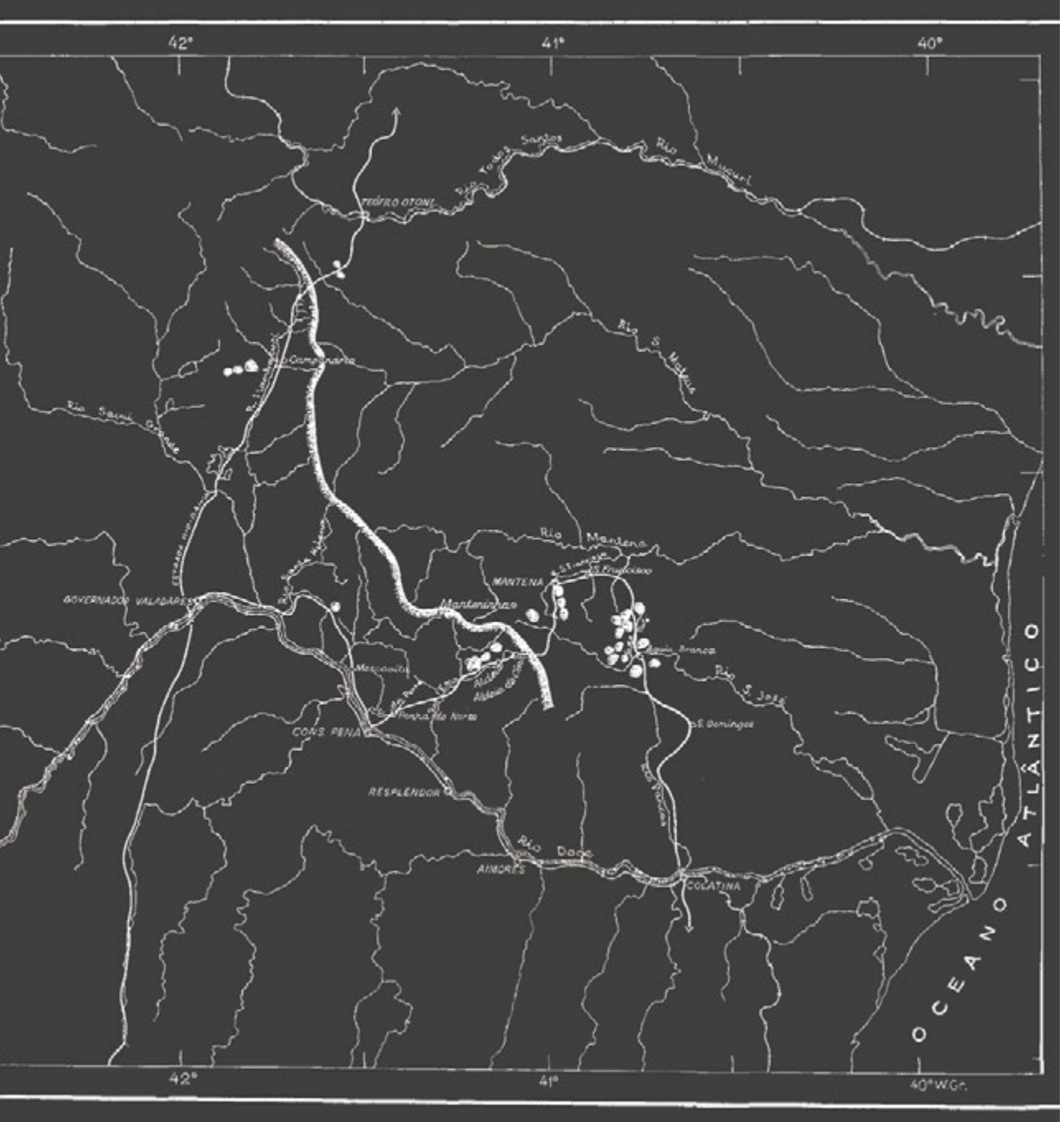
O trabalho apresentado por Alceo Magnanini na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 14, n. 3, p. 244-304, jul./set. 1952, é o resultado da sua participação no grupo de pesquisadores da expedição. A sua exposição tem caráter regional e está subordinada à seguinte ordem de assuntos: características territoriais; regiões amapaenses; região hileiana; e região costeira. Para o autor, neste ensaio, verdadeira primeira tomada de contato, serão encontrados mais problemas e hipóteses do que propriamente conceitos, mesmo porque o seu objetivo foi apenas o de realizar um reconhecimento no Amapá.

Seringueira plantada, associada com mandioca e agave, Macapá (AP)

Vaqueiro nos campos do Rio Pedreira, Macapá (AP)

Trapiche no Rio Amazonas, Macapá (AP)

Habitação típica de taperebá, palmeiras de açaí ao fundo, Oiapoque (AP)



1950

Zona pioneira ao norte do Rio Doce

Sob a orientação técnica de Leo Waibel, um grupo de geógrafos visitou o Estado da Bahia em viagem de estudos. Na volta ao Rio de Janeiro, o grupo seguiu pela região que compreende o Vale do Rio Doce, entre Governador Valadares (MG) e Colatina (ES), e pela zona pioneira ao norte do Rio Doce e dos Rios São Mateus e Todos os Santos.

Em artigo publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 13, n. 2, p. 223-264, abr./jun. 1951, Walter Egler descreve a zona pioneira situada ao norte do Rio Doce, analisando as causas que contribuíram para sua formação. Especifica os aspectos gerais da paisagem, fazendo a distinção entre duas zonas fisiográficas: uma cristalina e acidentada e a outra sedimentar e plana. Como consequência destas diferentes características, o povoamento e a ocupação humana se deram de modo diverso. Ao estudar a história da região, o autor explica que a verdadeira ocupação começou com a colonização europeia, quando chegou ao País uma grande quantidade de italianos, alemães e polacos. O povoamento da região ao norte do Rio Doce, iniciado em 1916, cresceu somente a partir de 1928, com o término da ponte sobre o rio, em Colatina.

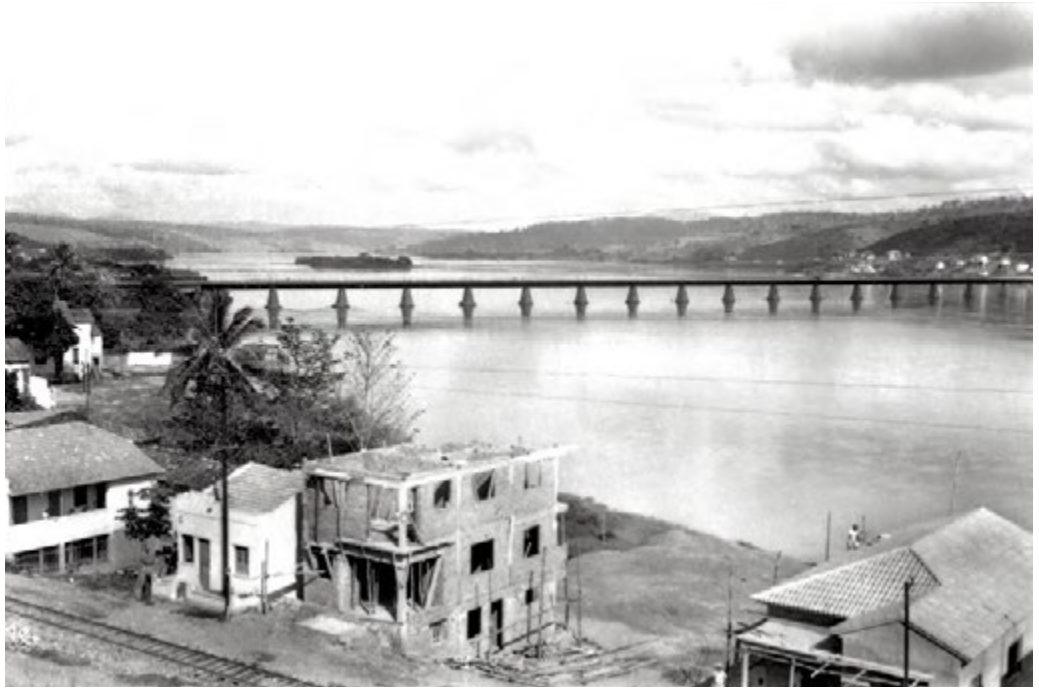
Desta expedição surgiu também o artigo publicado por Pedro Geiger na *Revista Brasileira de Geografia*, v.13, n.3, p. 403-442, jul./set. 1951, em que o autor analisa alguns problemas geográficos encontrados na região entre Teófilo Otoni (MG) e Colatina (ES).

Balsa no Rio Doce, Governador Valadares (MG)

Vale do Rio Doce, Governador Valadares (MG)

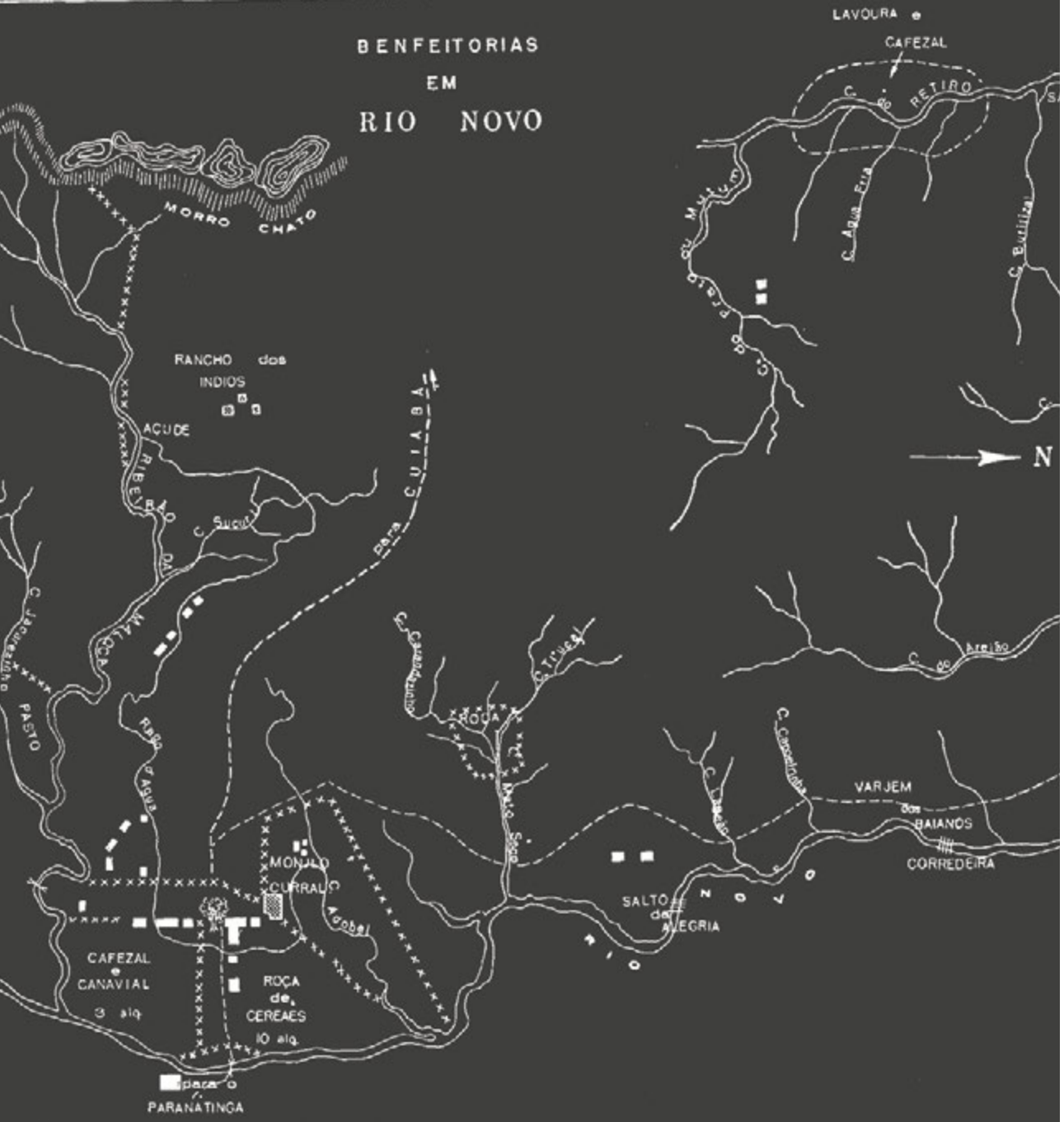
Rio São Mateus, Conceição da Barra (ES)

Rio Doce, Colatina (ES)



Rio Doce, Colatina (ES)

Passagem do trem da Ferrovia Vitória-Minas, Colatina (ES)



1951

Norte de Mato Grosso

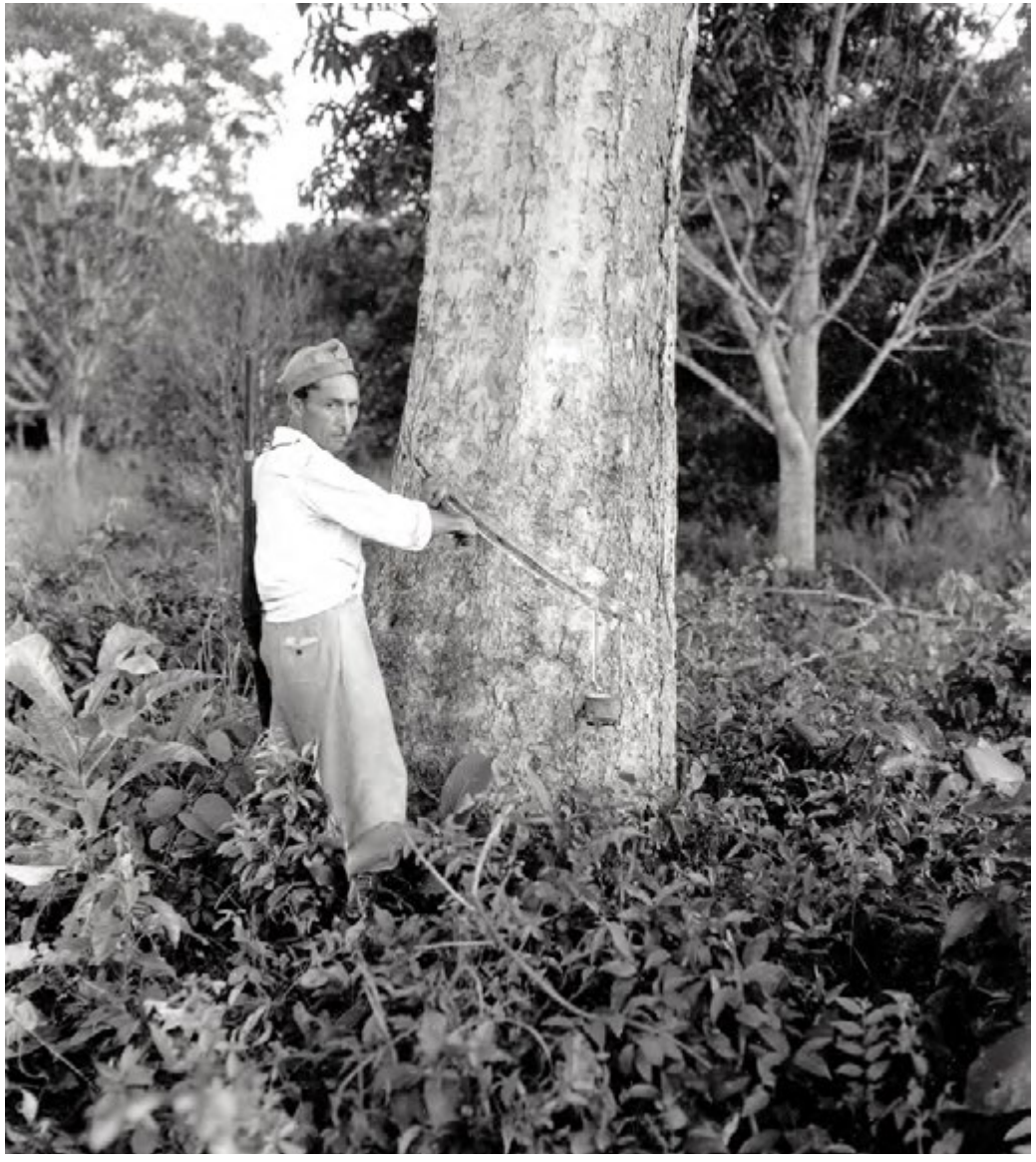
Nesta expedição, que realizou estudos que visavam a delimitação da área de ocorrência da Floresta Amazônica, os pesquisadores tiveram a oportunidade de visitar e investigar extensos seringais matogrossenses localizados na região do Rio Novo, afluente do Arinos e formador do Juruena, e do Rio Beija-Flor, afluente do Paranatinga, formador do São Manuel ou Teles Pires.

O artigo publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 14, n. 4, p. 377-406, out./dez. 1952, oferece as observações locais de Marília Veloso acerca da explotação da borracha numa parte da região setentrional de Mato Grosso, chamada Amazônia matogrossense.

A autora descreve também a paisagem geográfica da região, a natureza geológica de seus terrenos, as principais formas de seu relevo e características essenciais de sua vegetação natural. Analisa as empresas que se dedicam à atividade extrativa do látex e conclui mostrando a necessidade de melhorar as condições dos transportes da Amazônia matogrossense, com a finalidade de assegurar e tornar mais fácil o transporte da produção do látex para os centros de transformação e consumo.

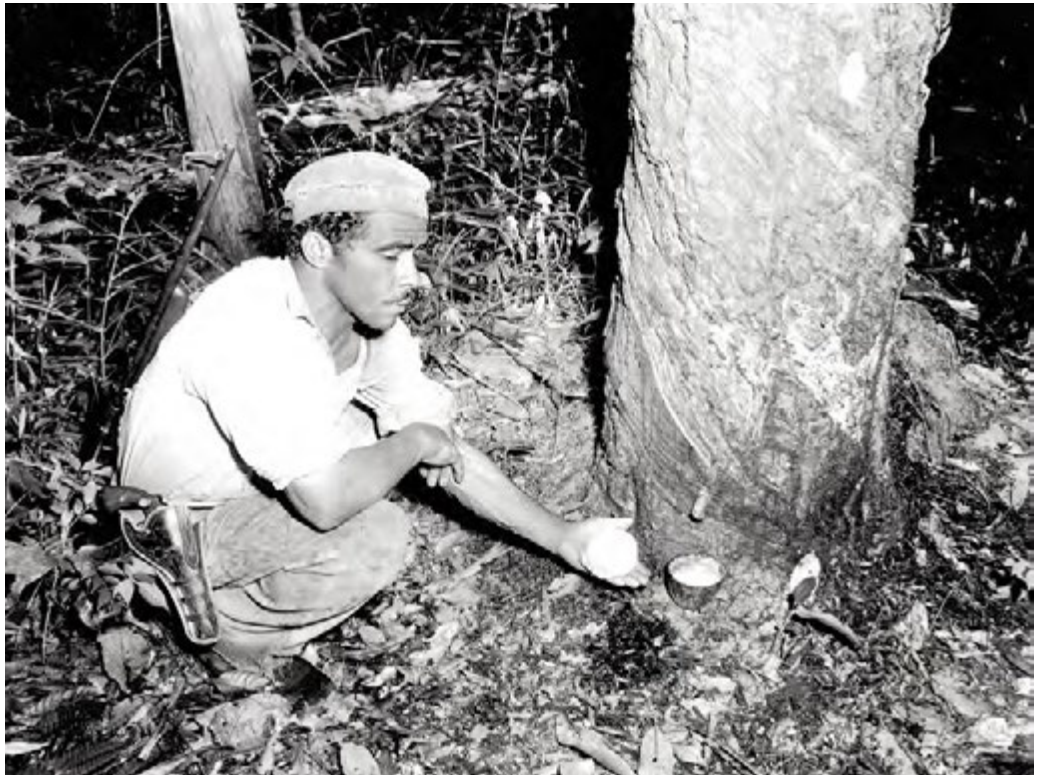
Seringueira, vendo-se o corte e a caneca, Fazenda Rio Novo

◄ Seringueira plantada na Fazenda Rio Novo



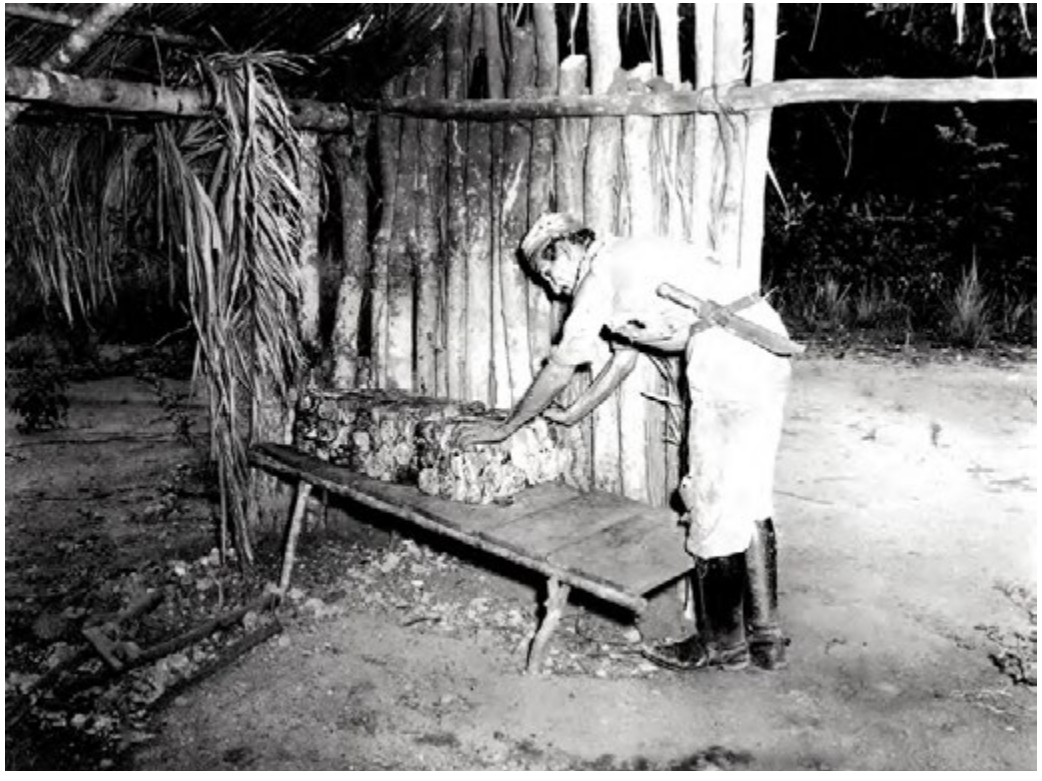
Seringueiros chegando dos seringais, Fazenda Rio Novo

◄ Seringueiro cortando a árvore com a legra, Fazenda Rio Novo



Seringueiro recolhendo látex coalhado, Cedro (MT)

Prensa para borracha tipo crepe, Cedro (MT)



Látex prensado, Cedro (MT)

Látex prensado, Cedro (MT)

1953

Zona cacaueira da Bahia

Esta expedição realizou estudos sobre a cultura do cacau na Bahia. Carlos de Castro Botelho, autor do trabalho publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 16, n. 2, p. 161-212, abr./jun. 1954, sob o título "Aspectos geográficos da zona cacaueira da Bahia", restringe o assunto ao estudo das correlações existentes entre os fatores físicos e a economia regional.

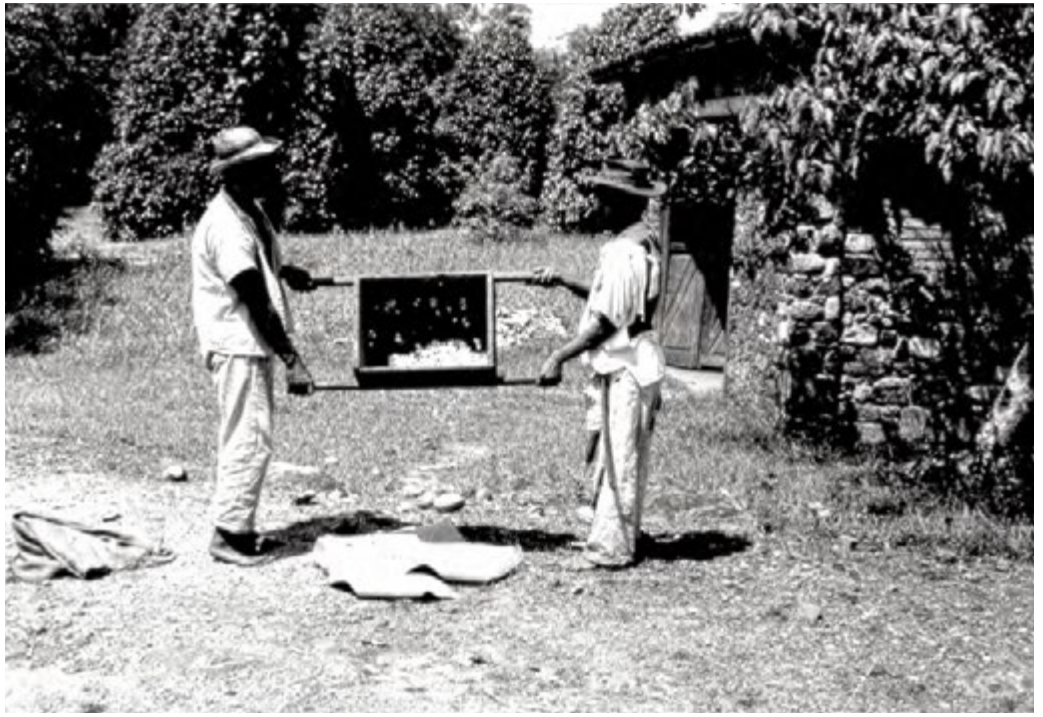
Não se interessa pelas descrições e interpretações de cunho puramente Geológico, Geomorfológico ou Climatológico da região. O objetivo é mostrar somente a dependência que se verifica entre a cultura cacaueira e o ambiente sob o qual se estabeleceu.

Ao apontar as suas relações, ficam evidenciados os motivos dos limites atingidos e o aparecimento de outras atividades econômicas na zona cacaueira. Aborda as causas do aumento e distribuição da população, destacando a forte influência do frequente aumento da necessidade de cacau nos centros europeus. Descreve ainda os tipos humanos vinculados ao cultivo do cacau.

Ripário com mudas de cacau, Estação Experimental, Uruçuca (BA)

Limpa de cacau, Estação Experimental, Uruçuca (BA)

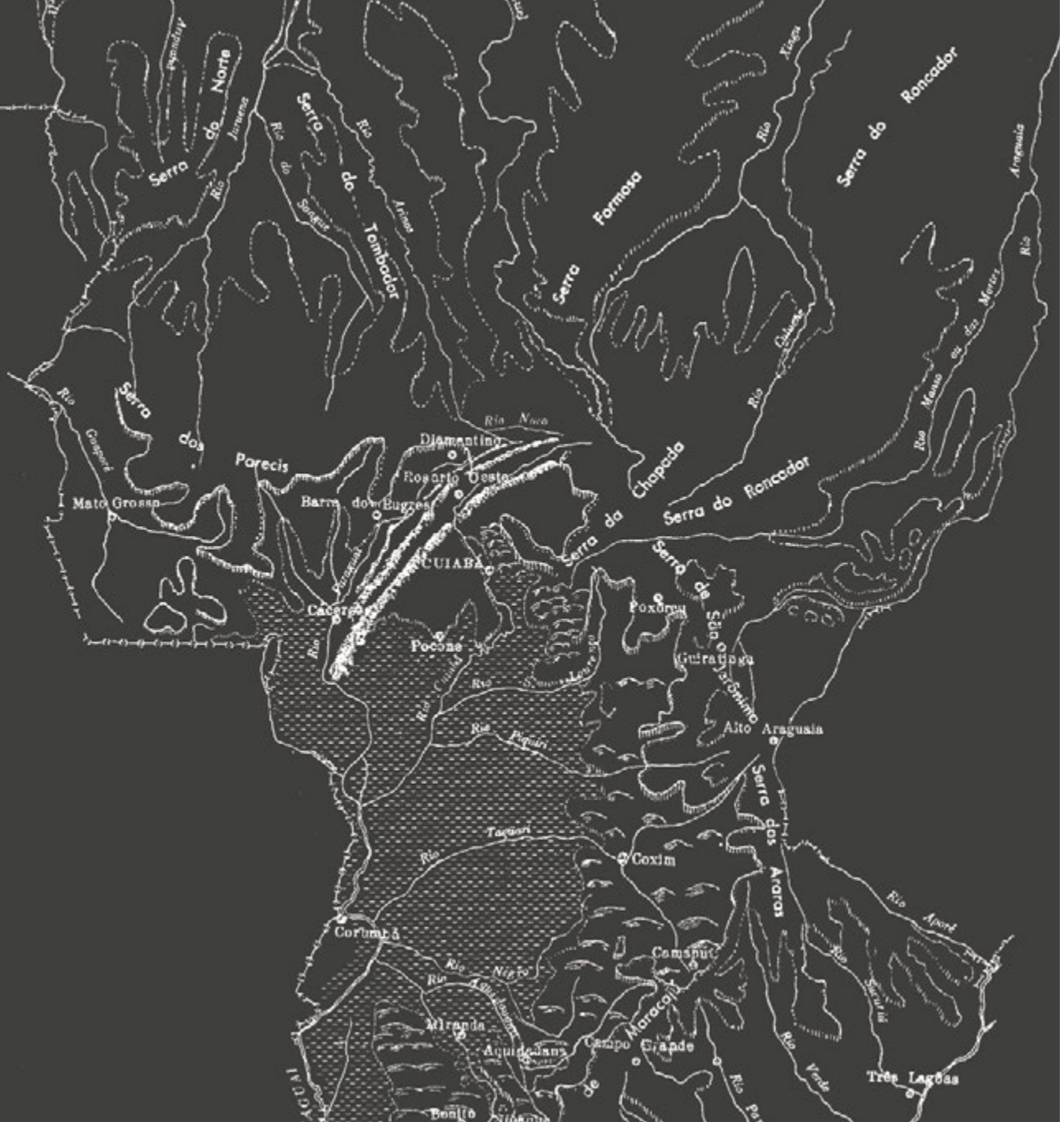
Quebra de cacau, Estação Experimental, Uruçuca (BA)



Derramando cacau nas folhas de bananeira, Estação Experimental, Uruçuca (BA)

Secagem do cacau, Estação Experimental, Uruçuca (BA)

Embarque de cacau no Porto de Ilhéus (BA) ▶

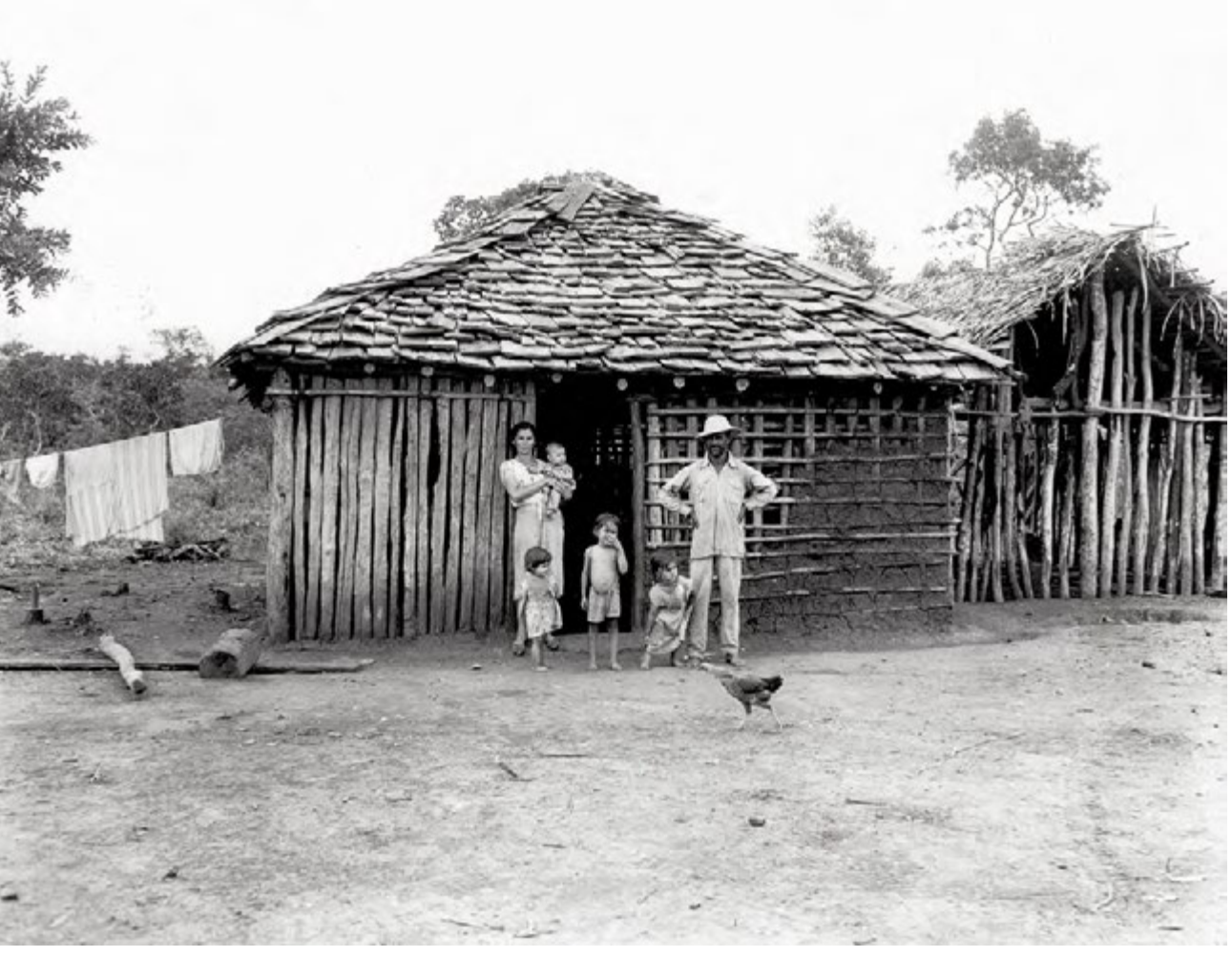


1953

Mato Grosso

Expedição que objetivou desenvolver estudos de reconhecimento geográfico do estado. Em seu artigo publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 16, n. 1, p. 77-122, jan./mar. 1954, Edgar Kuhlmann, que participou da excursão com Speridião Faissol, chefe da Seção Centro-Oeste, e com o fotógrafo Stivan Faludi, procura apresentar o recobrimento vegetal do Mato Grosso, mostrando ao mesmo tempo até onde este recobrimento interfere na economia.

Depois de uma breve análise do relevo, solos e clima de toda a região, o autor examina cada um dos principais tipos de vegetação e sua respectiva economia: Mata (latifoliada equatorial e latifoliada tropical); Cerrados (Cerrados do Planalto e escarpas da Serra de Maracaju) e Cerradões (Cerradões dos "pé da serra"); Campos limpos (Campos limpos de Vacaria, Campos secos do divisor Dourados-Aquidauana, Grandes várzeas dos Rios Pardo e Anhanduí); e Complexo do Pantanal.



Casa de colono, Colônia Mata Grande, Rondonópolis (MT)

Ponte no Rio Vermelho, abaixo de Rondonópolis (MT)

Centro de Cuiabá (MT)

Operários bororós, transportando charque na Fazenda Descalvados,
localizada à margem do Rio Paraguai

Cascalho lavado, Garimpo Mindal, Alto Paraguai (MT)

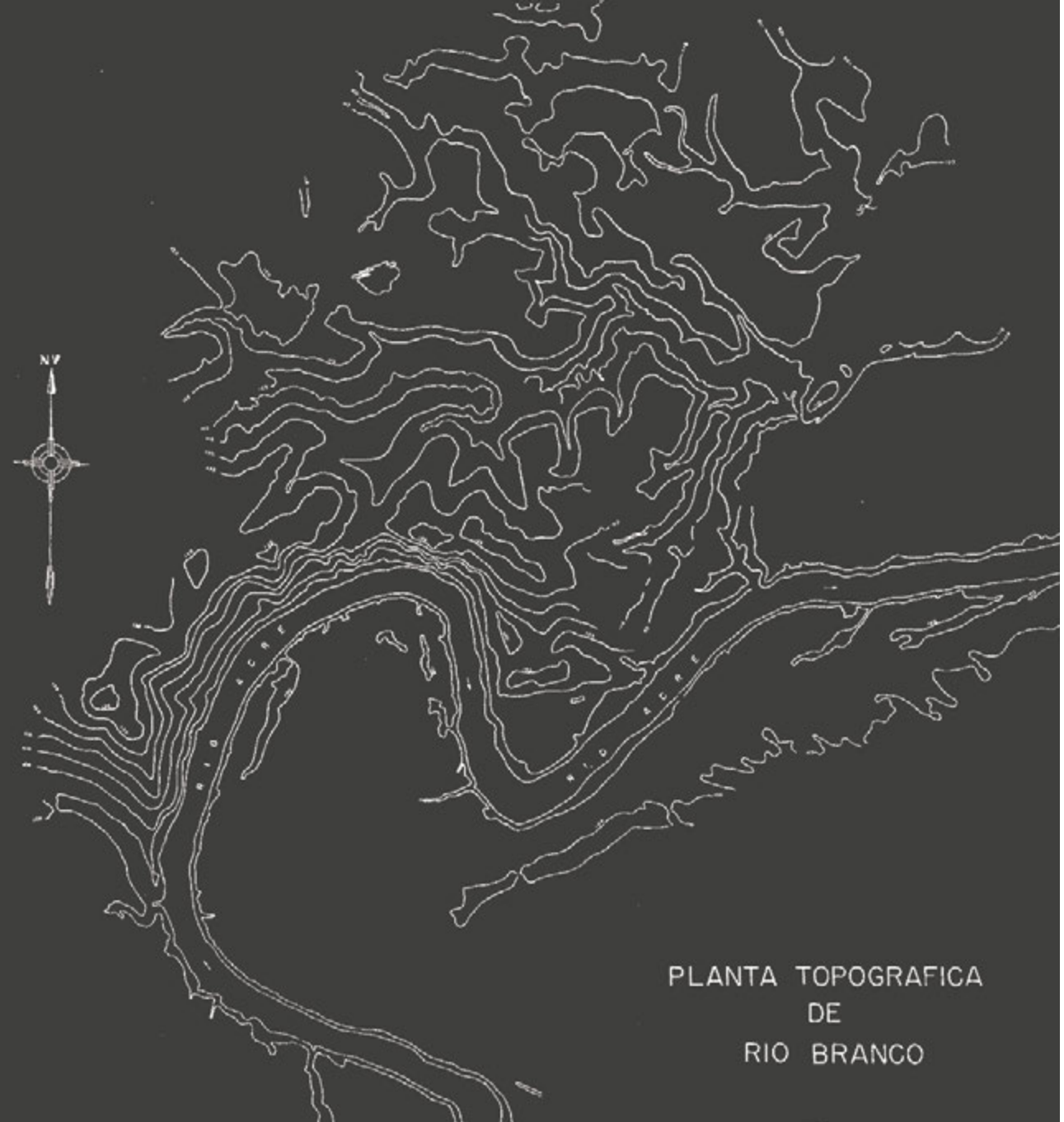
Garimpeiro com peneira, Garimpo Mindal, Alto Paraguai (MT) ▶

Usina Santo Antônio, Santo Antônio de Leverger (MT)

Gado mestiço pantaneiro, Fazenda Santa Terezinha, Poconé (MT)

Vaqueiro do Pantanal, Fazenda Santa Terezinha, Poconé (MT)

Grupo de vaqueiros, Fazenda Fime, Niquelândia (MT)



1953

Acre

Expedição promovida pelo Conselho Nacional de Geografia - CNG em cumprimento ao programa para a realização de uma Geografia do Brasil. Dado o caráter de reconhecimento da viagem e a exiguidade do tempo disponível, não foi possível atingir todos os pontos desejados.

A expedição compreendeu visitas às sedes municipais de Rio Branco, Brasiléia, Xapuri, Tarauacá e Cruzeiro do Sul, esta última alcançada em batelão a motor pelo Rio Juruá e pelo paraná* do Rio Moa. Os pesquisadores não conseguiram chegar aos municípios de Feijó e Sena Madureira, dada a incerteza da comunicação aérea na época (estação chuvosa).

Com base nas informações coletadas na excursão, Roberto Galvão publicou na Revista Brasileira de Geografia, v. 17, n. 2, p. 153-174, abr./jun. 1955, trabalho em que analisa os processos de extração da borracha, principal produto do Acre.

* O paraná constitui um braço de rio, geralmente largo, que se desvia em um determinado trecho do leito principal formando ilhas fluviais. Trata-se, portanto, de cursos d'água que partem da lateral de um grande rio, distanciam-se do canal principal e posteriormente desembocam no próprio leito do rio do qual haviam partido.

Olaria, Rio Branco (AC)

Batelão São José com carregamento de borracha, Bairro Quinze, Rio Branco (AC)

Porto de Rio Branco (AC)

Canoas na barranca do Rio Acre, Rio Branco (AC)

Carro de boi transportando carvão vegetal, Rio Branco (AC)

Serraria manual, Colônia Dias Martins, Rio Branco (AC) ►

Rua Dona Constância de Menezes, Tarauacá (AC)

Preparação da farinha de mandioca, Fazenda Tucumã, Tarauacá (AC)

Grupo de índios Caxinauá

1953

Ilha de Marajó, Região do Arari (PA)

O objetivo desta expedição foi o reconhecimento geográfico do Pará e, particularmente, o estudo sobre a pesca da região do Rio e Lago Arari. Maria Madalena Vieira Pinto, em artigo publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 18, n. 3, p. 373-407, jul./set. 1956, assinala que nesta região, como em todo o Estado do Pará, a pesca é elemento importante para a riqueza regional.

Contudo, não é muito animadora a sua contribuição no quadro geral da economia paraense, uma vez que a atividade pesqueira continua primitiva, não como no tempo da conquista da Amazônia, quando a pesca era explorada somente para alimentação do colonizador, mas quanto aos métodos e processos utilizados, bastante precários.

Registra que o comércio da pesca merece uma atenção especial, pelos inúmeros problemas que apresenta. Na parte referente à industrialização, focaliza a precariedade dos meios existentes, os quais têm contribuído para impedir o desenvolvimento deste tipo de economia.

Casa de caboclo, Fazenda Amparo, Ilha de Marajó (PA)

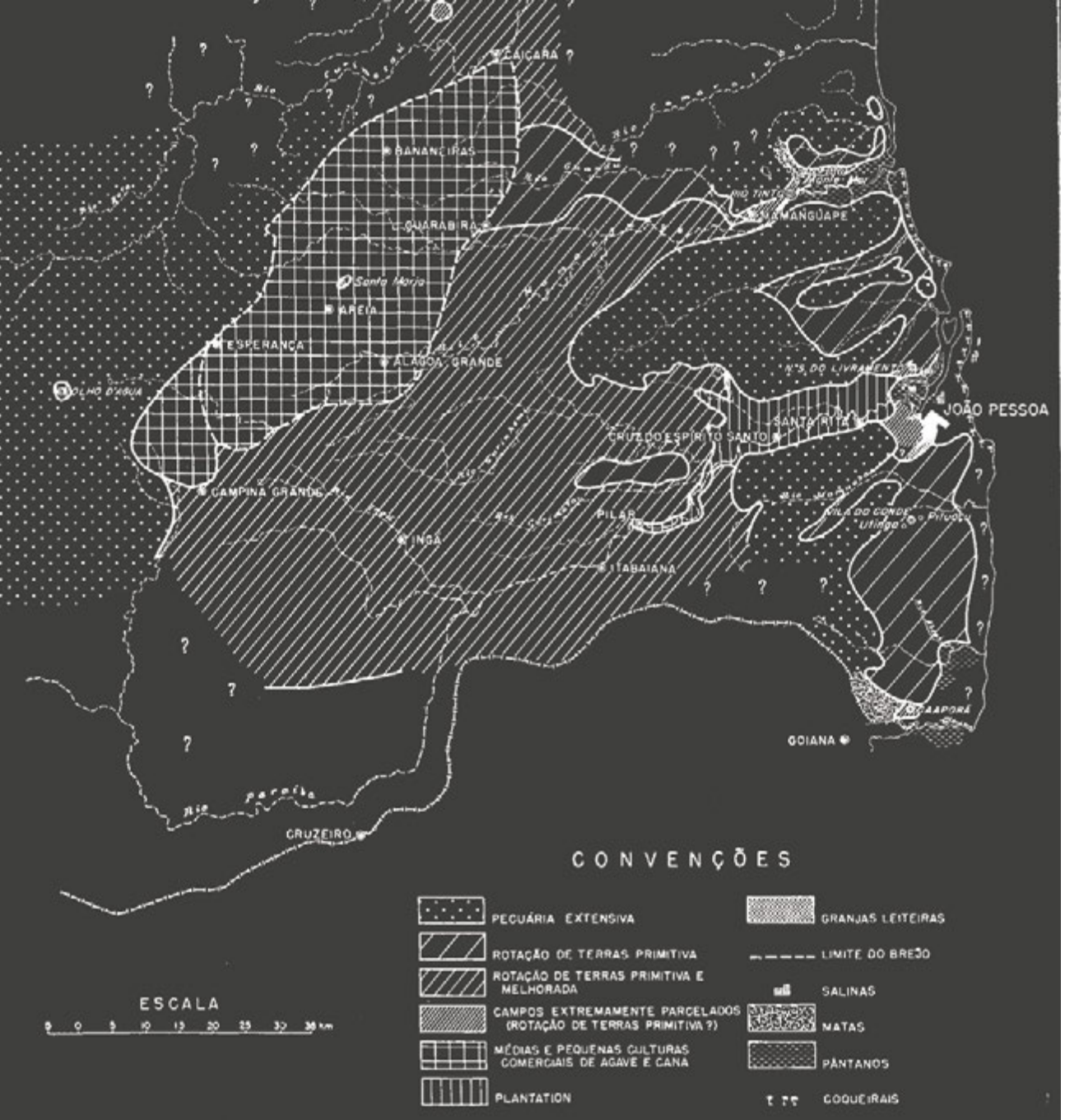
Porta d'água, Fazenda São Sebastião, Ilha de Marajó (PA)

Vaqueiro, Fazenda São Sebastião,
Ilha de Marajó (PA)

Vaqueiro laçando gado no curral, Ilha de Marajó (PA)

Casa típica da Ilha de Marajó (PA)

Veleiro, Soure (PA)



1953

Leste da Paraíba

Trabalho de campo com caráter de reconhecimento geográfico. Orlando Valverde, em "O uso da terra no leste da Paraíba", publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 17, n. 1, p. 49-90, jan./mar. 1955, relata que seu estudo está baseado em três elementos fundamentais: os trabalhos geográficos de equipe promovidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB; os trabalhos de campo realizados pelo autor durante esta expedição; e a interpretação de fotografias áereas tiradas em 1942 pelo sistema trimetrogon.

A região analisada pode ser subdividida em quatro elementos distintos estreitamente relacionados com a vegetação: a Mata; o Agreste (Caatinga); o Brejo; e o Sertão. O artigo tem como objetivos caracterizar e representar cartograficamente os sistemas de utilização da terra e os regimes de propriedade em vigor no leste da Paraíba, apresentar sugestões para um planejamento rural na região estudada e realizar uma experimentação do método de interpretação de fotografias aéreas no sistema trimetrogon para cartografar a utilização da terra.

Fardos de fibra de agave, Remígio (PB)

Brejo paraibano, Areia (PB)

Engenho de rapadura, Areia (PB)

Plantação no Engenho Saburá

1956

Orla oriental da Baía de Guanabara (RJ)

Excursão que realizou estudos de geografia urbana e da indústria na região de Niterói-São Gonçalo, situada na orla oriental da Baía de Guanabara, em frente à Cidade do Rio de Janeiro, da qual se separa por um estreito braço de mar.

Os resultados da expedição foram apresentados por Pedro Geiger no XVIII Congresso Internacional de Geografia, realizado em agosto de 1956, no Rio de Janeiro, e publicados na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 18, n. 4, p. 495-522, out./dez. 1956.

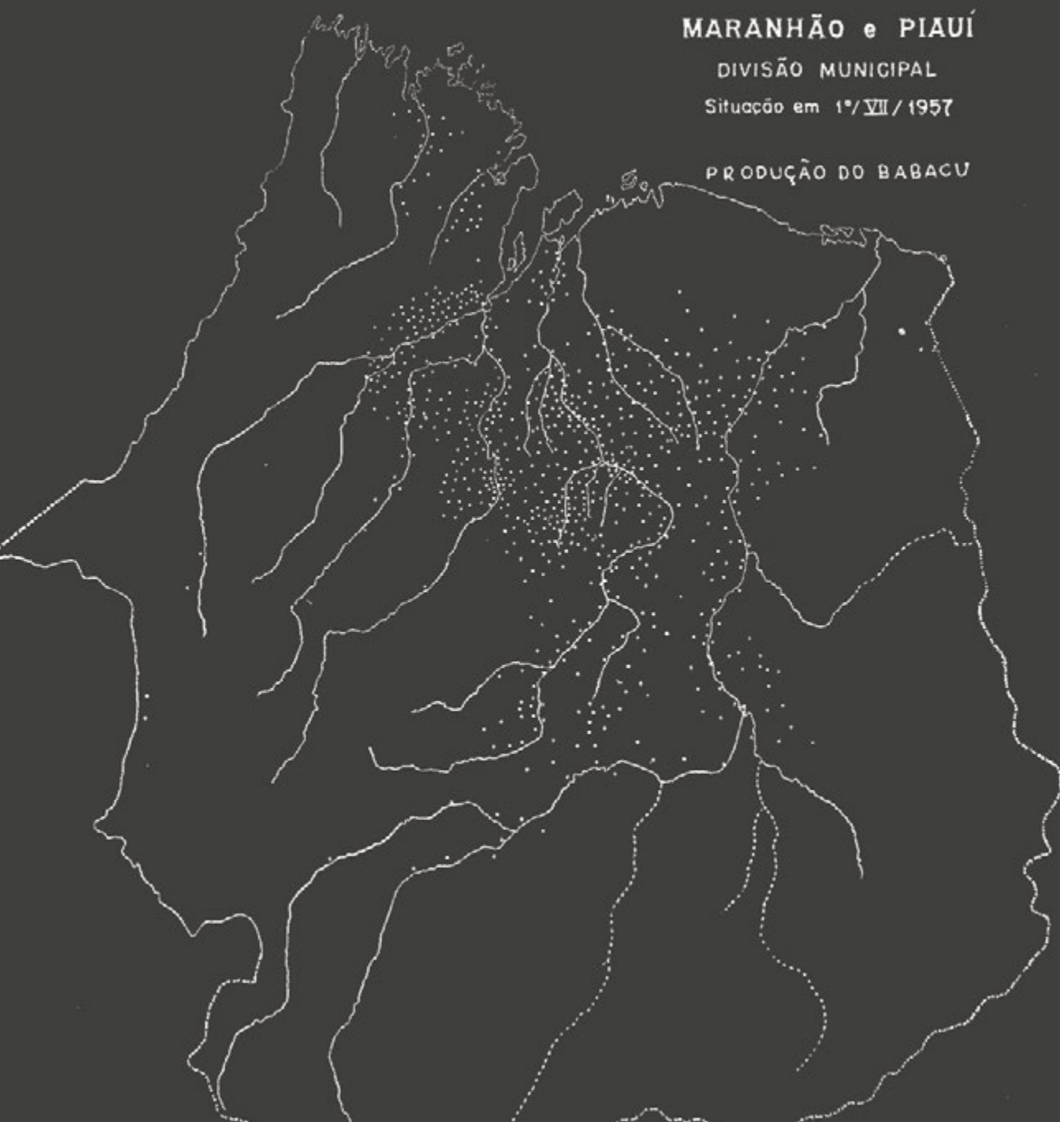
O autor informa que o objetivo do artigo é o estudo da transformação das áreas rurais, num processo de urbanização e industrialização devido à proximidade de uma grande cidade.

Serra do Mar vista da estrada que liga Alcântara à parte mais alta da serra, São Gonçalo (RJ)

O litoral em direção a São Gonçalo, Niterói (RJ)

Colinas cristalinas, São Gonçalo (RJ)

O litoral em direção a São Gonçalo, Niterói (RJ)



1957

Meio Norte

Nesta expedição foram feitas observações geográficas a fim de atender à demanda por informações do governo federal sobre a geografia econômica e social do babaçu nos Estados do Maranhão e Piauí.

Na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 19, n. 4, p. 381-420, out./dez. 1957, Orlando Valverde, membro do Grupo de Estudos do Babaçu, criado pelo Decreto n. 41.150, de 14.03.1957, publica seu relatório com as observações efetivadas nos vales dos rios Itapecuru, Parnaíba, Mearim e Pindaré, regiões de ocorrência do babaçu.

Para o autor, faltam dados básicos para o estudo, como: áreas de ocorrência, número médio de palmeiras por hectare, quando a árvore começa a frutificar e quanto tempo leva produzindo, número médio de cachos por árvore, distância adequada entre elas etc. Avalia o processo de extração e também a comercialização e a industrialização.

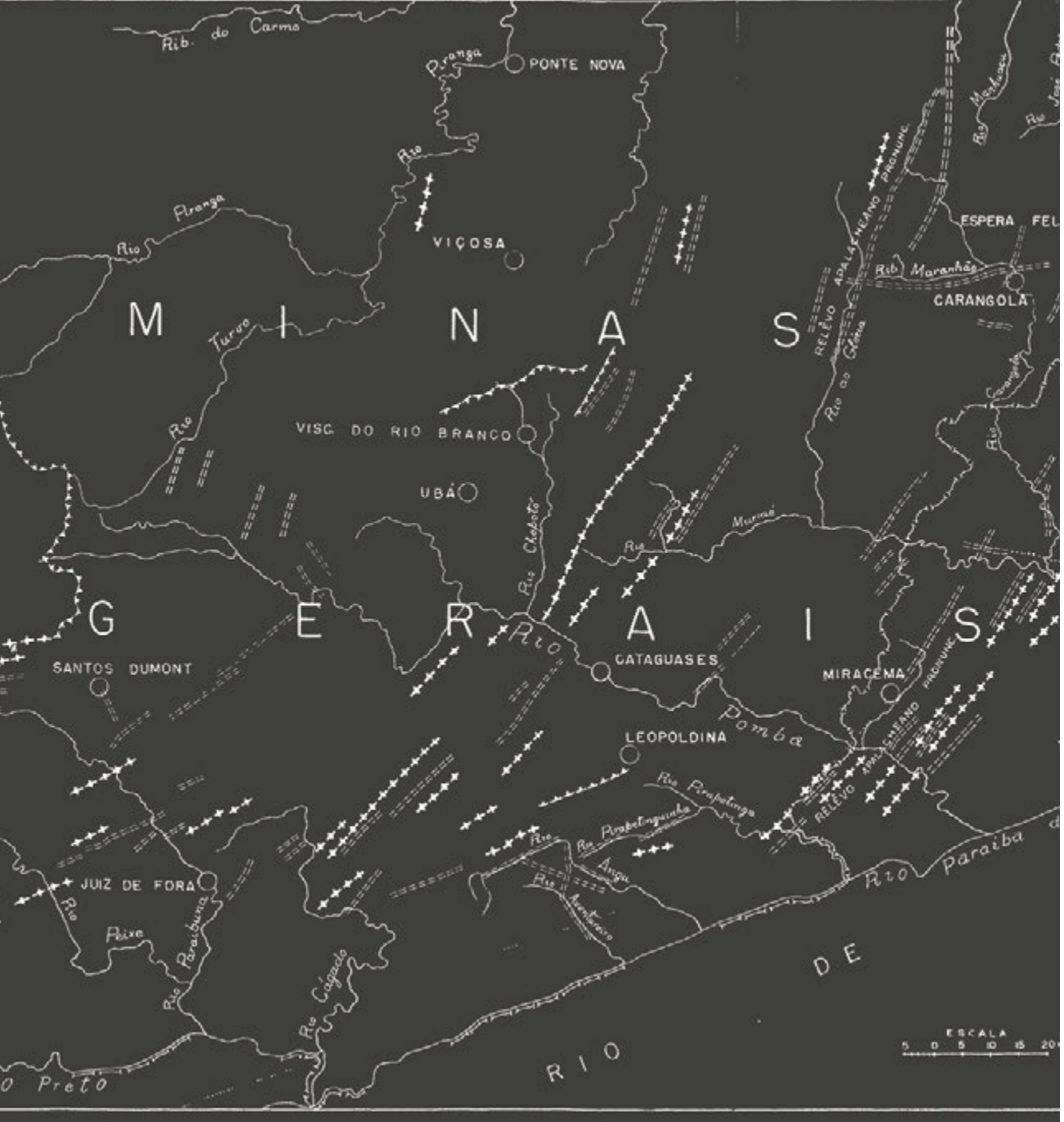
Como conclusão, oferece uma série de comentários e sugestões no que diz respeito aos programas de investigação, regularização do regime de terras na zona pioneira, construção de estradas vicinais, quebra mecânica do coco, assistência médica, social e econômica e organização das plantações.

Casa de palmeira babaçu, Distrito de Bacabaíba, Caxias (MA)

Quebradeiras de coco babaçu, Distrito de Bacabaíba, Caxias (MA)

Palmeira babaçu, no Piauí

Sementes de babaçu, Caxias (MA)



1958

Zona da Mata (MG)

Expedição de reconhecimento geográfico e de estudos sobre morfologia dos solos na Zona da Mata, para servir de base ao planejamento da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, do então Ministério da Educação e Cultura - MEC.

A viagem, que durou cerca de 20 dias, incluiu os municípios de Carangola, Santos Dumont, Leopoldina, Lima Duarte, Bicas, São João Nepomuceno, Cataguases, Miraí, Astolfo Dutra, Ubá, Mercês e Juiz de Fora. Publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 20, n. 1, p. 3-82, jan./mar. 1958, o trabalho de Orlando Valverde, chefe da expedição, teve origem nas observações obtidas. No artigo, Valverde apresenta os resultados da análise da vegetação, solos, morfologia, clima, limites, povoamento, paisagem, população e rede urbana da Zona da Mata.

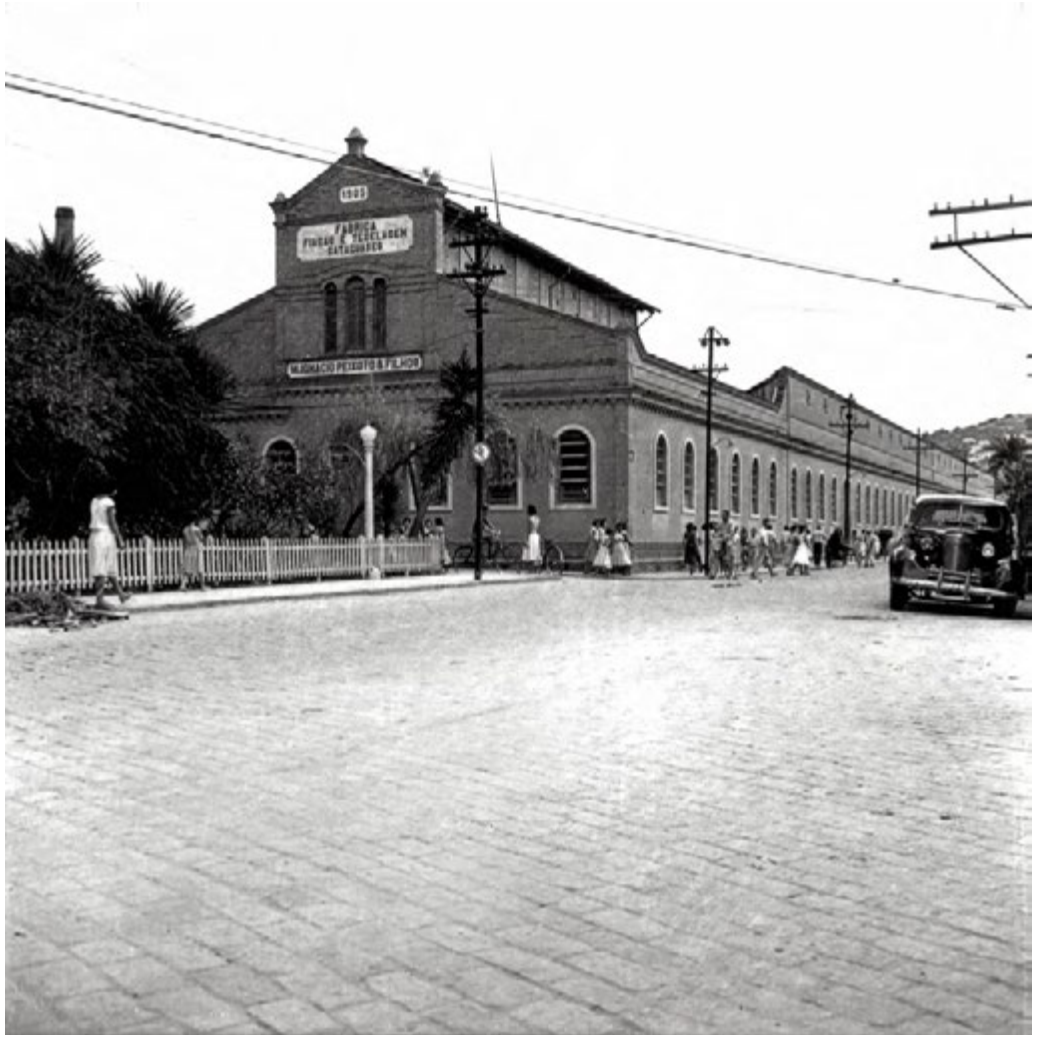
Ainda, com os dados coletados na excursão, Thiago Ferreira da Cunha publicou na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 20, n. 2, p. 225-229, abr./jun. 1958, o relatório das observações gerais acerca da morfologia dos solos.

Carro de boi para carregamento de leite, Leopoldina (MG)

Vale do Paraíba, Leopoldina (MG)

Estação ferroviária de Abaíba, Leopoldina (MG)

Plantação de arroz na estrada entre Leopoldina e Recreio (MG)



Saída dos operários da Companhia Industrial Cataguases - Fiação e Tecelagem

Carroça transportando mantimentos no lugarejo Glória, Miraí (MG)

Companhia Baptista Scarpa - Usina de
Laticínios, Itanhandu (MG)

1958

Amapá

Expedição que pesquisou as condições do meio físico regional, bem como a economia, com a finalidade de propor um planejamento para colonização do Amapá. As observações de campo foram obtidas nos 28 dias em que durou a excursão.

Luiz Guimarães de Azevedo, encarregado dos estudos relativos ao clima e à vegetação, publicou na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 29, n. 2, p. 25-51, abr./jun. 1967, trabalho em que teve a oportunidade de elaborar – na escala ao milionésimo – um mapa dos tipos de vegetação encontrados. Informa que a sua divulgação representa uma contribuição ao conhecimento da cobertura vegetal brasileira e se enquadra num programa de delimitação de seus grandes tipos em escala geográfica.

Descreve também a caracterização sumária dos tipos eco-fisionômicos de vegetação, assim apresentados: floresta de várzea; floresta de terra firme; siriubais e manguezais; cerrado; campos limpos; campos de várzea.

Região de Curupi, Aldeia dos Caripunas, Oiapoque (AP)

Sede da Fazenda Cachoeira Grande, Calçoene (AP)

Casas na área urbana, Macapá (AP)

Porto de Macapá (AP)

Porto flutuante para transportes de minerais, Macapá (AP)

Estrada de Ferro Macapá-Serra do Navio-Porto Santana, Macapá (AP)

Casa de colono japonês, em estilo japonês adaptado com material local, Macapá (AP)

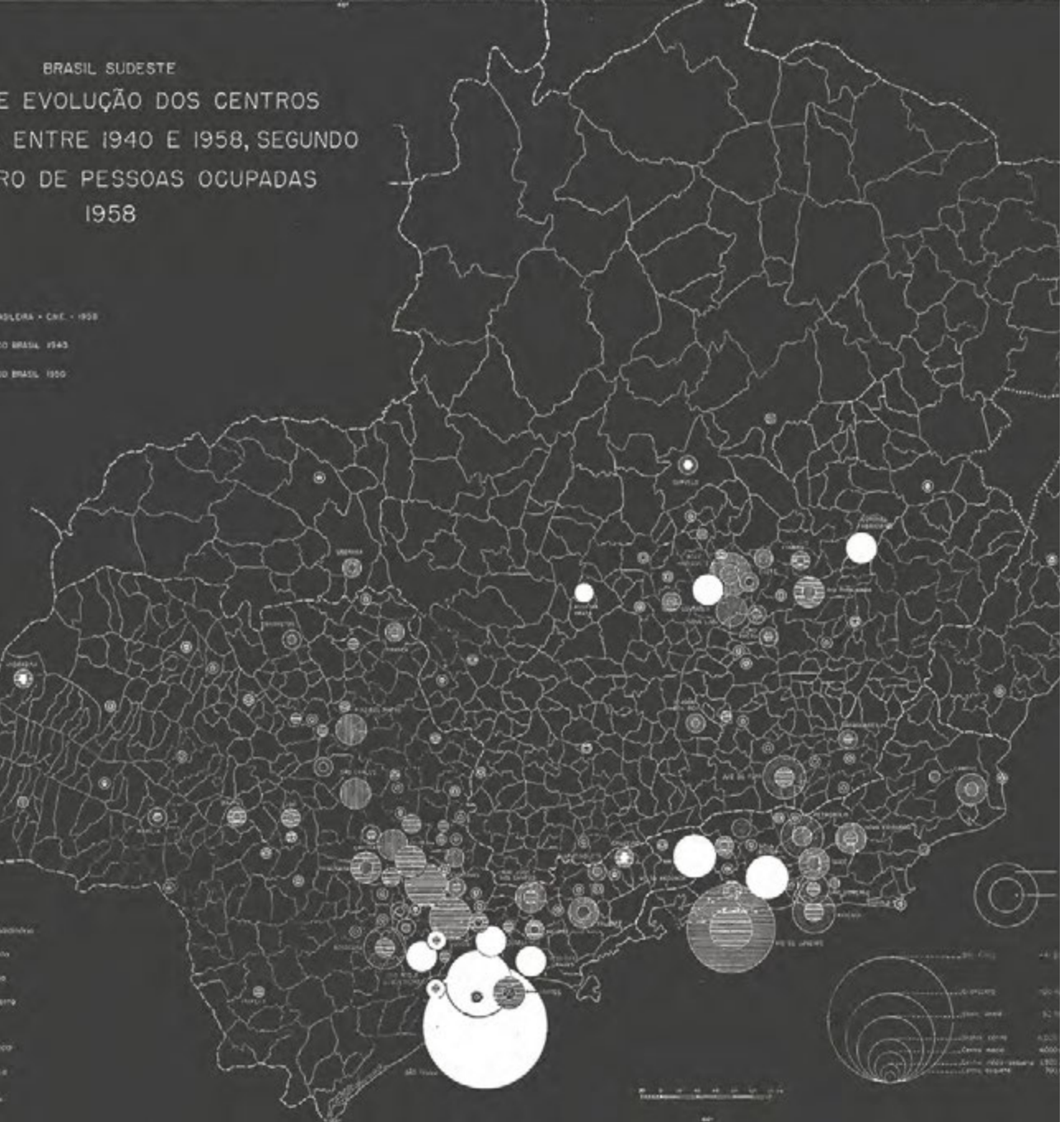
Colonos japoneses, Macapá (AP)

Cerrado amapense, próximo à estação ferroviária de Porto Platon, Macapá (AP)

Filhos de colonos japoneses em frente à escola, Mazagão (AP)

Estação de mudas de cacau e seringueiras, Mazagão (AP)

Floresta derrubada, Serra do Navio (AP)



1961

Região Sudeste

Sob a orientação de Michel Rochefort, o Grupo de Geografia das Indústrias desenvolveu estudos da geografia da indústria da Região Sudeste do Brasil.

Os resultados obtidos foram publicados na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 25, n. 2, p. 155-271, abr./jun. 1963. No artigo, o grupo examina os fatores e condições da industrialização. Aborda as raízes históricas da implantação industrial, o papel da imigração europeia, da explosão populacional, da urbanização, das crises da agricultura de exportação e das medidas protecionistas, das guerras mundiais, da inflação, investimento estrangeiro e ideias políticas pós-guerra representadas pela atitude do estado como líder, financiador e empreendedor.

Salienta particularmente o critério relativo ao número de trabalhadores assalariados e ao seu significado como população, compreendendo, assim, no estudo da atividade industrial os outros ramos da Geografia Humana, como a geografia da população, serviços, habitação e a geografia urbana.

Fábrica Brasital de Tecidos, localizada à margem esquerda
do Rio Tietê, Salto (SP)

Fábrica de Cimento Votorantim, Sorocaba (SP)

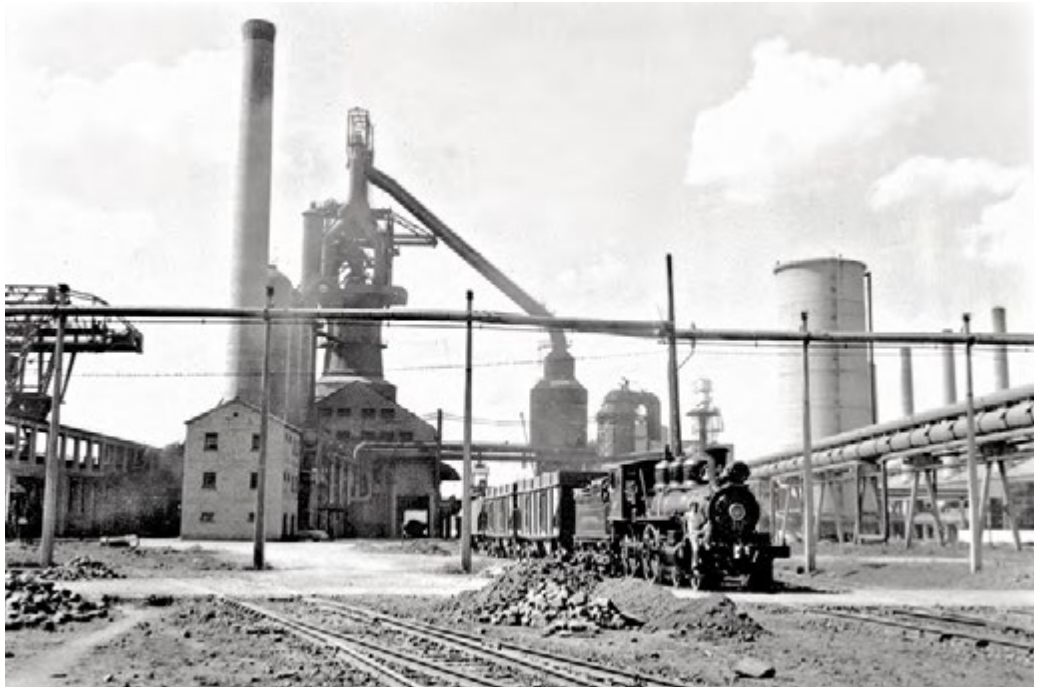
Refinaria de
Cubatão (SP)

Altos-fornos de Varnhagem, vestígios de fases antigas da metalurgia, Araçoiaba da Serra (SP)

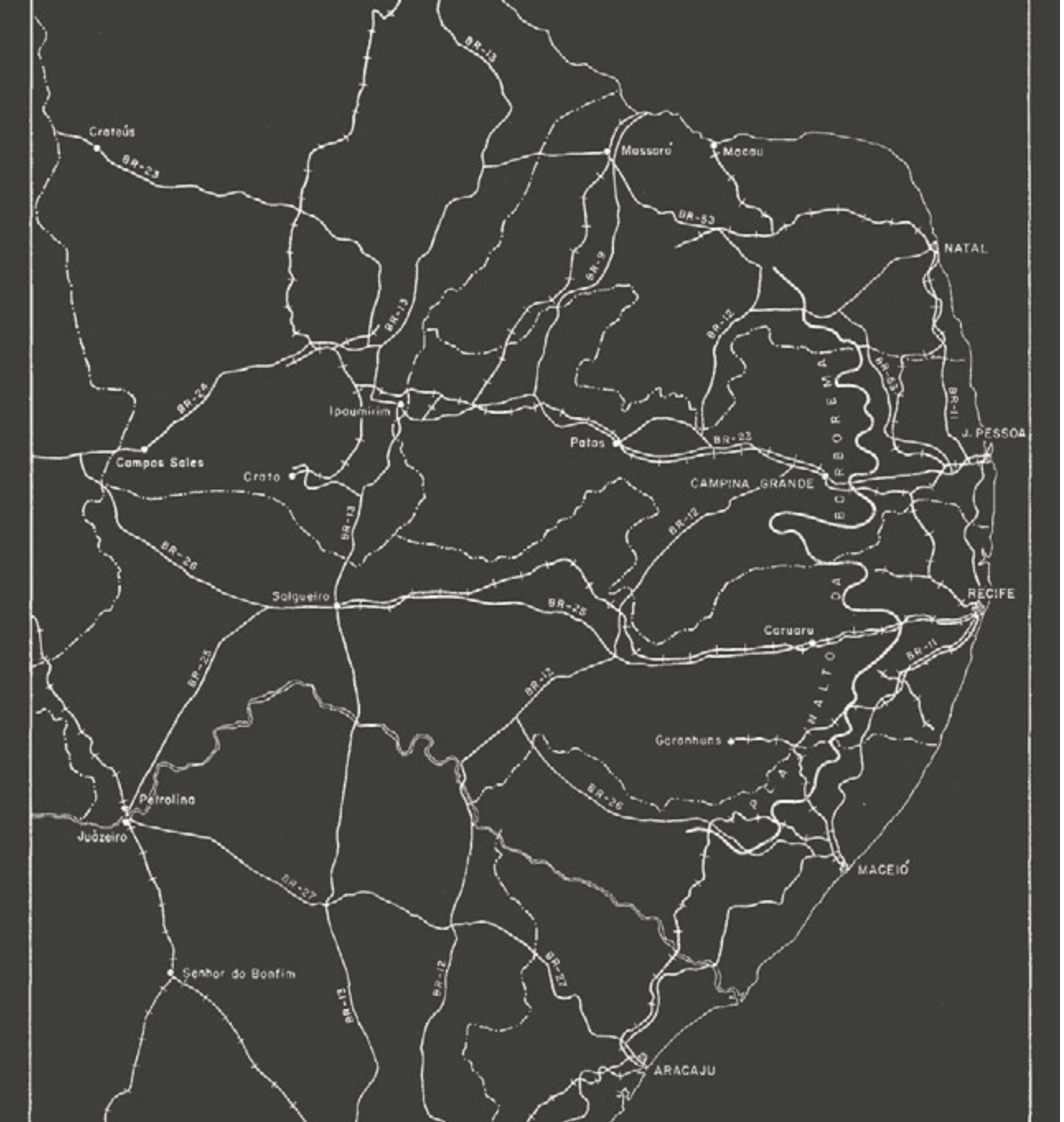
Usina da Companhia Siderúrgica Mannesmann, Belo Horizonte (MG)

Usina da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, João Monlevade (MG)

Refinaria de Manguinhos, Rio de Janeiro (RJ)



Companhia Siderúrgica Nacional, Volta Redonda (RJ)



1962

Região Nordeste

Expedição que fez parte de um plano de estudos urbanos programados pela Seção Regional Nordeste, da Divisão de Geografia. Maria Francisca Cardoso, membro da excursão, publicou na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 25, n. 4, p. 415-451, out./dez. 1963, o trabalho sobre Campina Grande (PB) e sua função como capital regional. Relata que no panorama nordestino a cidade surge como verdadeiro fenômeno urbano, sendo o comércio atacadista o principal responsável pelo progresso do município.

O desenvolvimento industrial, embora expressivo, quando comparado ao comércio da cidade é quase incipiente, pois se baseia predominantemente nos ramos de beneficiamento. Em outro artigo de sua autoria, publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 27, n. 4, p. 582-614, out./dez. 1965, apresenta dados coletados na mesma expedição, que fazem referência à Cidade de Caruaru (PE) e sua função coletora e distribuidora dos produtos regionais e importados dos centros mais desenvolvidos, expostos em lojas comerciais e na sua tão conhecida feira. Ainda sobre esta viagem, Aloísio Capdeville expõe na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 25, n. 4, p. 453-474, out./dez. 1963, sua análise sobre o desenvolvimento de uma região agrícola em torno de Irecê (BA), em contraste nítido com a paisagem comum do sertão baiano.

Roberto Lobato publicou na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 27, n. 2, p. 233-258, abr./jun. 1965, o resultado de seus estudos sobre a Cidade de Aracaju (SE), criada artificialmente para exercer a função do porto de fluxo da produção de um interior em expansão e, ao mesmo tempo, ser a capital do estado.

Companhia Paraibana de Exportação e Enfardamento
de Agave e Algodão, Campina Grande (PB)

Fábrica de óleos da Sociedade Algodoeira do Nordeste
Brasileiro - SANBRA, Campina Grande (PB)

Feira semanal de Caruaru (PE)

Feira semanal de
Caruaru (PE)

Terminal Hidroviário Jackson
de Figueiredo, Aracaju (SE)

Pequena lagoa formada por lençol subterrâneo, de grande importância para a ocupação humana, Irecê (BA)

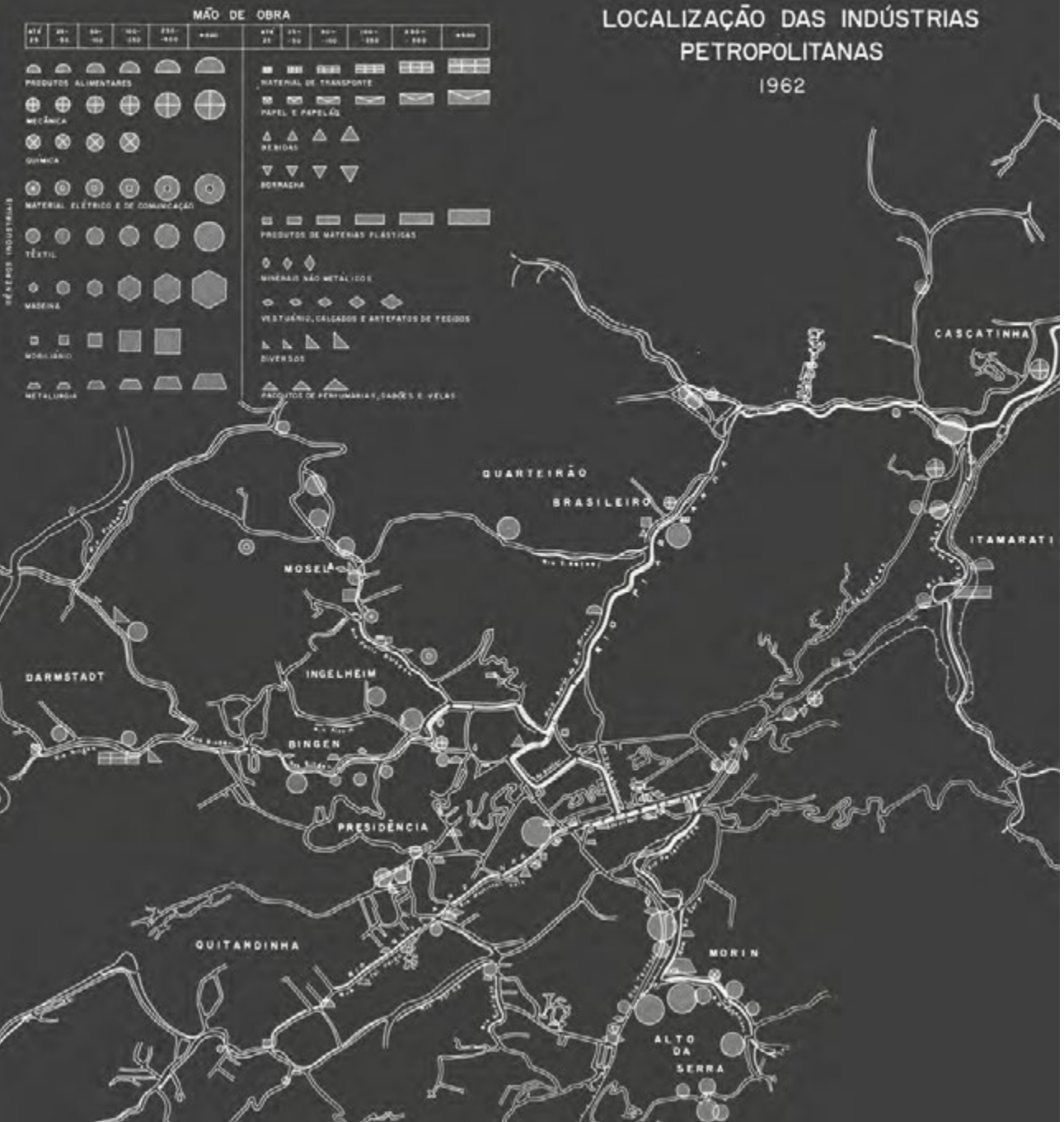
Rua de terra batida e casario baixo na Vila de Lapão, Irecê (BA)

Sisal em flor, Irecê (BA)

Desfibramento do sisal, Irecê (BA)

Desfibramento do sisal, Irecê (BA)

Desfibramento do sisal, Irecê (BA)



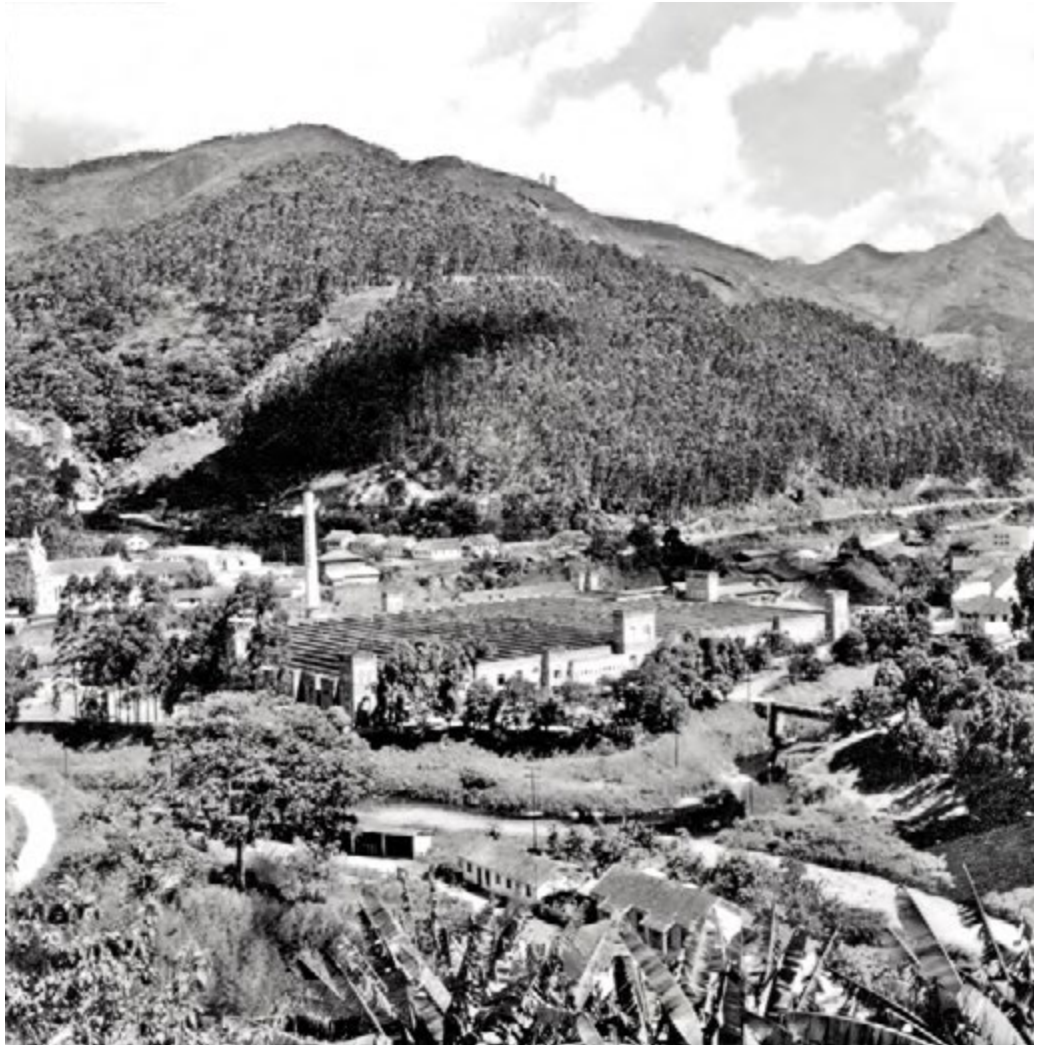
1963

Petrópolis (RJ)

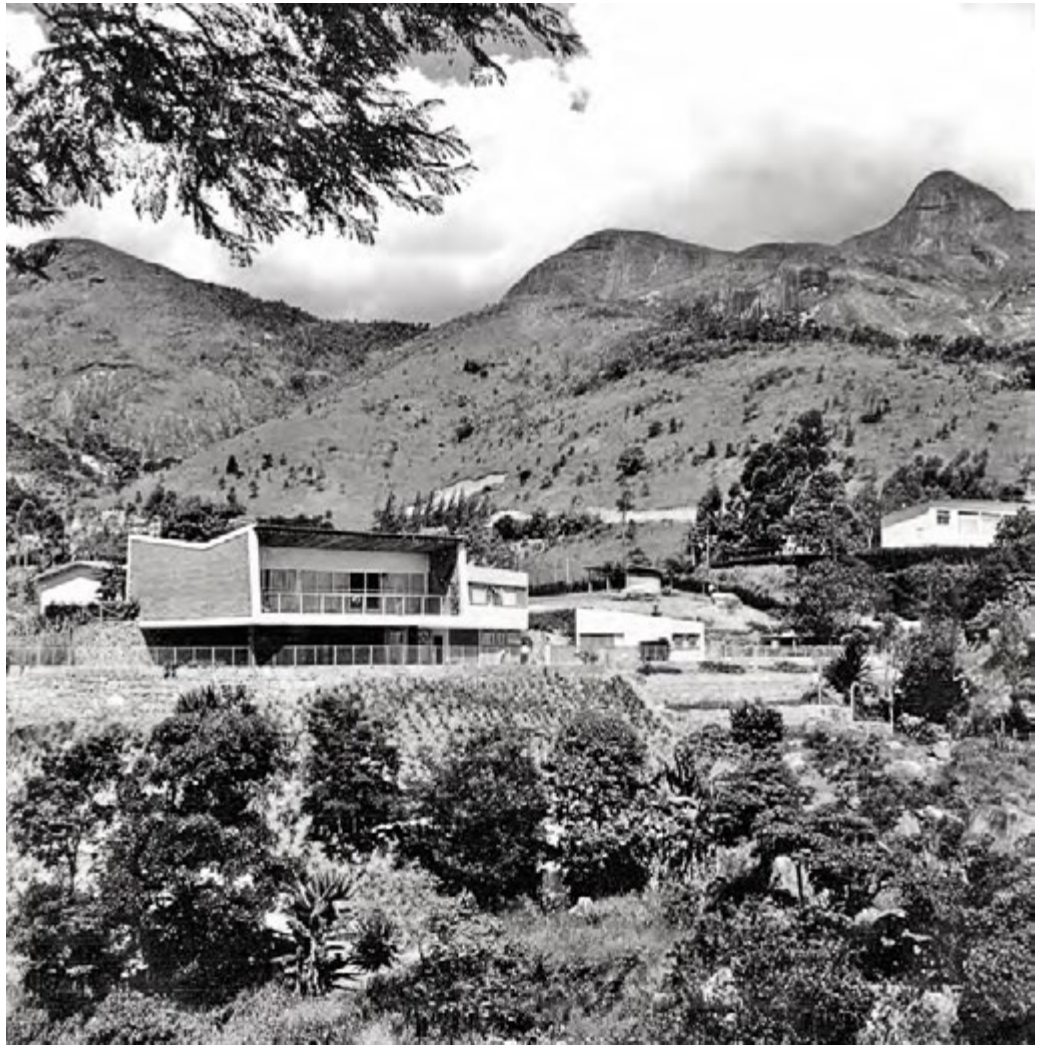
Expedição que desenvolveu estudos sobre a geografia da indústria do município. José César de Magalhães escreveu um artigo para a *Revista Brasileira de Geografia*, v. 28, n. 1, p. 19-55, jan./mar. 1966, mostrando os resultados das suas observações durante a excursão. O autor aborda primeiro as causas da expansão industrial de Petrópolis, apontando as vantagens de sua posição em relação ao Rio de Janeiro e a importância da proteção que lhe foi dispensada pelo imperador D. Pedro II ao escolher a cidade como sede do palácio de verão.

Analisando os fatores locais, destaca a contribuição do clima, da hidrografia e da mão de obra estrangeira. Esta força de trabalho, composta principalmente de alemães, havia encontrado uma colônia agrícola em Petrópolis.

O objetivo agrícola fracassado tornou-se um centro urbano e a força de trabalho, que não era mais usada na agricultura, encontrou emprego na indústria do artesanato. Na indústria petropolitana, o setor têxtil se destaca por empregar 64% da força de trabalho.



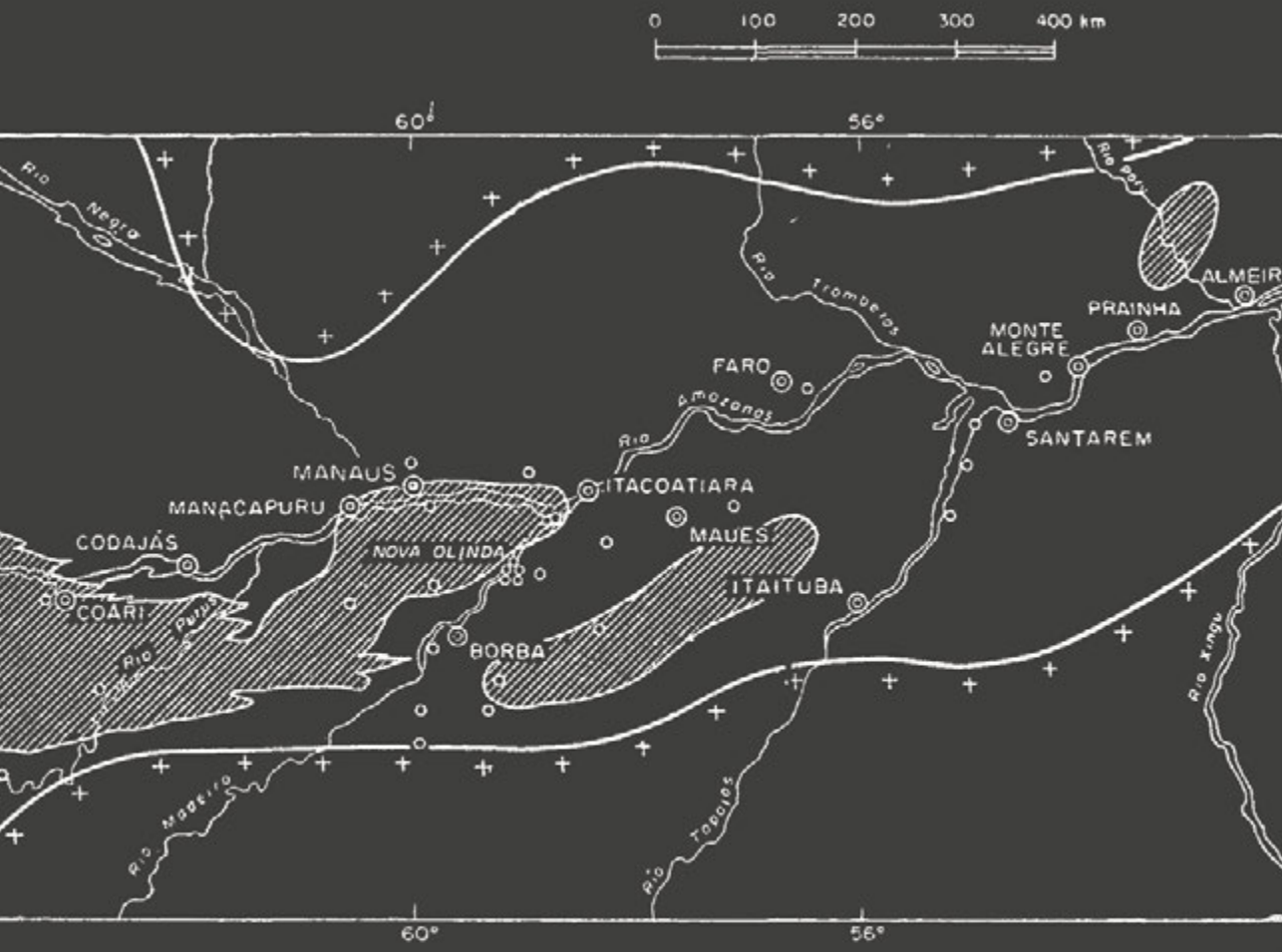
Fábrica Têxtil Petropolitana, ao fundo o Vale do Rio Piabanha



Margem direita do Rio Piabanha

Rio Piabanha na Av. 15 de Novembro, Petrópolis (RJ)

Museu Imperial, Petrópolis (RJ)



1966

Médio Amazonas

Expedição de reconhecimento geográfico da área compreendida entre as cidades de Manacapuru e Borba, no Amazonas, e Faro e Santarém, no Pará, visitadas por via fluvial. Regina Mousinho de Meis publicou na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 30, n. 2, p. 3-20, abr./jun. 1968, o primeiro comentário das observações realizadas durante os 45 dias da excursão.

Destaca que o trabalho é de cunho preliminar e tem seus objetivos limitados face à insuficiência da documentação coletada. Do ponto de vista geológico, a área engloba sedimentos terciários e quaternários.

Os processos geomorfológicos são ligados às condições climáticas. O Médio Amazonas oferece oportunidades para a observação de zonas de baixo-platô em cuja evolução tem predominado a ação dos processos de desnudação das encostas, justapostas aos fundos de vales e planícies aluviais onde têm atuado a erosão e a sedimentação ligados à dinâmica das águas correntes. Relata, ainda, que foi possível a assimilação de particularidades que, apesar de esparsas, tornaram flagrante a complexidade da morfogênese da área.

Manacapuru, vendo-se barranca do Rio Solimões (AM)

Igreja de Santo Antônio, Borba (AM)

Caboclo transportando fardos de juta, Porto de Borba (AM)

Praça principal de Faro (PA)

Porto de Santarém (PA)

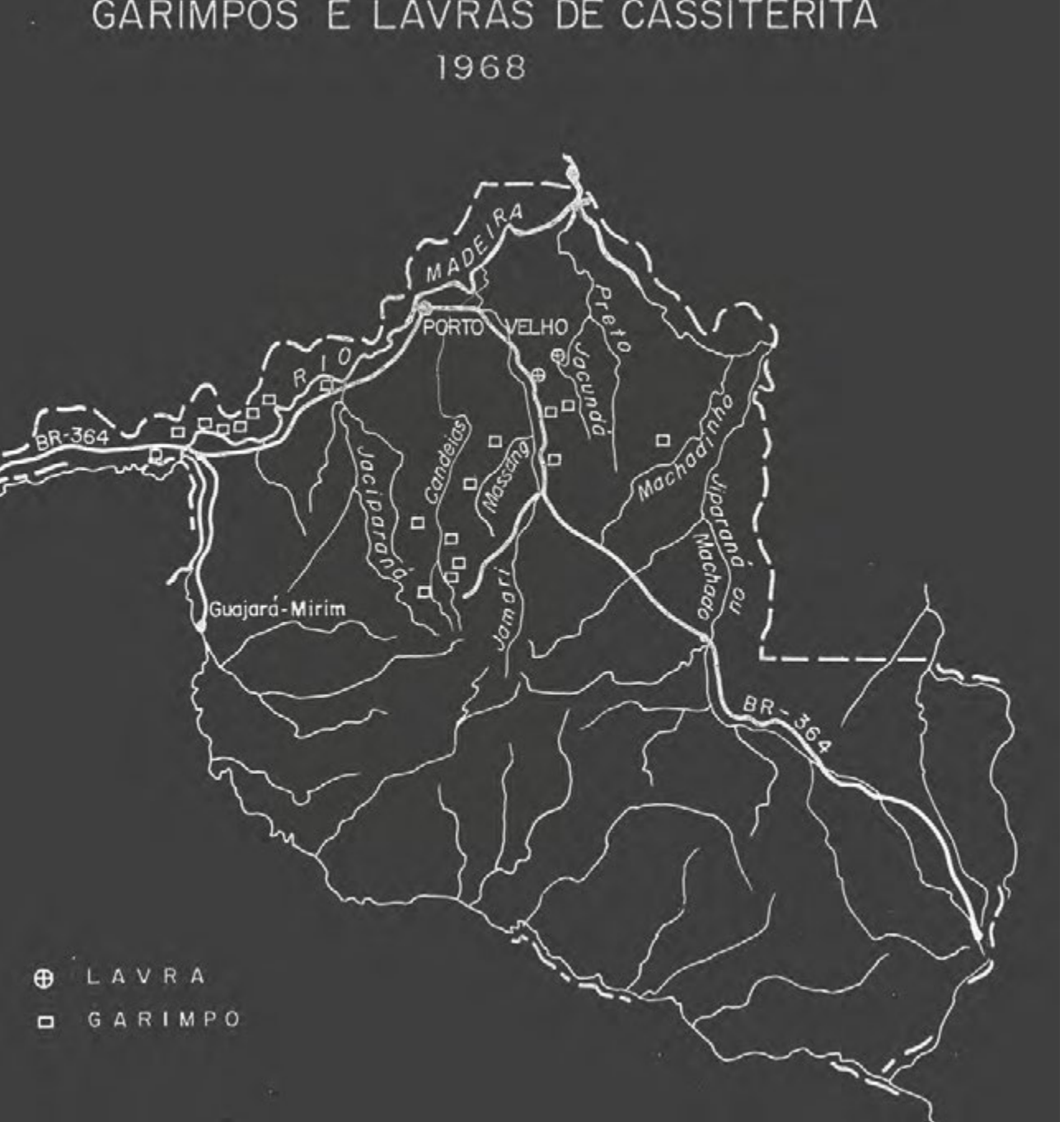
Transporte de madeira de lei, Porto de Santarém (PA)

Canoa a vela, Santarém (PA)

Vegetação na margem do Rio Amazonas, Santarém (PA)

Casa de farinha em Cipoal, Santarém (PA)

Secagem de juta no paraná do Rio Ituqi, Santarém (PA)



1968

Acre, Rondônia, Mato Grosso e Goiás

Expedição que teve como objetivo o reconhecimento geográfico da região pesquisada. Descrita por Orlando Valverde, chefe da excursão, em seus diários de campo, teve como fotógrafo Gilson Costa, que produziu cerca de 1 200 fotografias relativas à viagem.

Foram visitados Rio Branco, Xapuri e Plácido de Castro, no Acre; Porto Velho, Ariquemes, Vilhena, Pimenta Bueno, Abunã, Guajará-Mirim e Rio Preto, em Rondônia; Cuiabá, Porto dos Gaúchos, Novo Paraná, Rosário do Oeste, Estância Santa, Rondonópolis e Barra do Bugres, no Mato Grosso; e Goiânia, Acreúna, Gaiapós e Jataí, em Goiás. Não foi possível identificar trabalhos publicados na *Revista Brasileira de Geografia* que mostrassem os resultados da expedição.

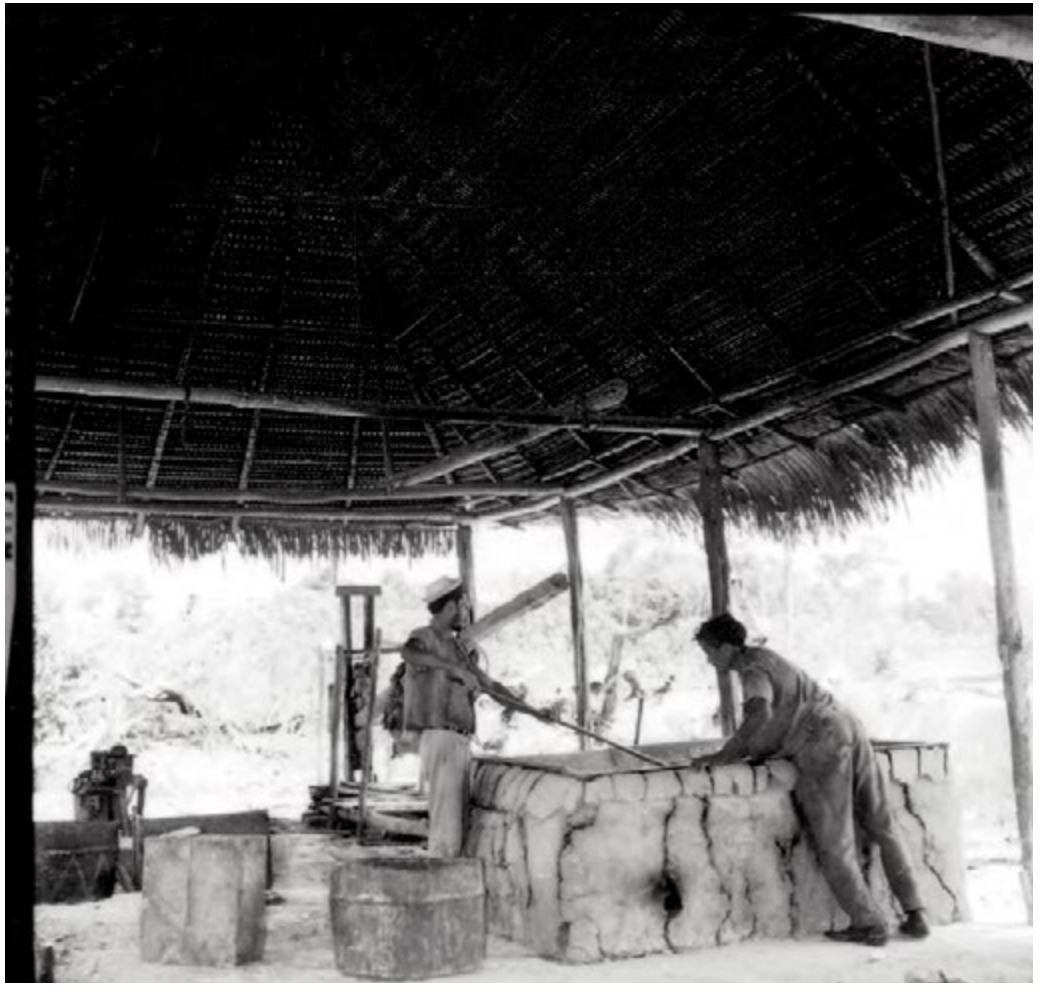
Casas com derrubada ao fundo, estrada para Xapuri (AC)

Tropeiro do Seringal Boca do Lago, rodovia Xapuri-Rio Branco (AC)

Balsa a motor e lanchas, praia à margem esquerda do Rio Acre na vazante, Rio Branco (AC)

Navios no Porto do Rio Madeira, Porto Velho (RO)

Margem do Rio Ji-Paraná, Pimenta Bueno (RO)

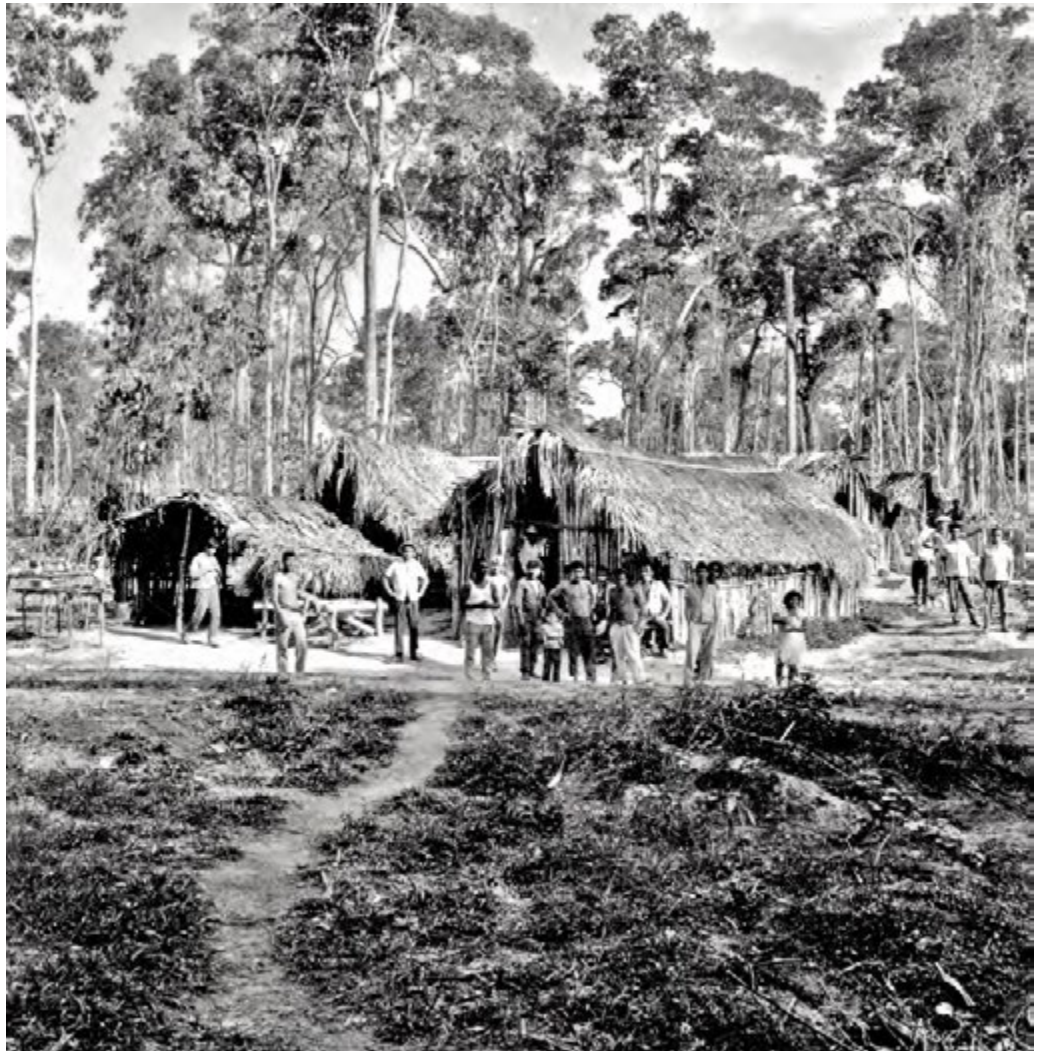


Casa de farinha, Rio Preto (RO)

Rio Cuiabá, vendo-se grande quantidade de lavadeiras e ponte em construção, Cuiabá (MT)

◄ Garimpagem de cassiterita

Peles de jaguatirica prontas para venda, escritório da Colonizadora
do Noroeste Matogrossense, Porto dos Gaúchos (MT)



Acampamento de mateiros na derrubada da Fazenda FANORTE,
estrada para Porto dos Gaúchos (MT)

Taba dos índios Parecis

Boiada na estrada perto de Gaiapós (GO) ▶

Referências

ABRANTES, V. L. C. *Fragmentos de memória das pesquisas geográficas de campo no IBGE (1939-1968)*: imagens e representações numa abordagem da história oral. 2000. 156 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento)-Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

ALMEIDA, R. S. *A geografia e os geógrafos do IBGE no período 1939-1998*. 2000. 2 v. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

BACKHEUSER, E. Tertúlias geográficas. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro: IBGE, ano 1, n. 2, p. 5-8, maio 1943. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=719>. Acesso em: jan. 2018.

BOLETIM GEOGRÁFICO. Rio de Janeiro: IBGE, 1943-1978. Trimestral. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=719>. Acesso em: jan. 2018.

CASTRO, C. L. de. A mudança da capital do país à luz da ciência geográfica. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: IBGE, v. 9, n. 2, p. 279-285, abr./jun. 1947. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7115>. Acesso em: jan. 2018.

DEFFONTAINES, P. Como se constituiu no Brasil a rede das cidades. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, n. 14, p. 141-148, maio 1944. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=719>. Acesso em: jan. 2018.

GUIMARÃES, F. de M. S. O planalto central e o problema da mudança da capital do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: IBGE, ano 11, n. 4, p. 471-542, out./dez. 1949. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7115>. Acesso em: jan. 2018.

MONBEIG, P. O estudo geográfico das cidades. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro: IBGE, ano 1, n. 7, p. 113-137, out. 1943. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=719>. Acesso em: jan. 2018.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Rio de Janeiro: IBGE, 1939- . Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7115>. Acesso em: jan. 2018.

VALVERDE, O. Pré-história da AGB carioca. *Terra Livre*, São Paulo: Marco Zero, n. 10, p. 117-122, jan./jul. 1992. Número comemorativo no 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos em Curitiba.

Apêndice

Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

Ano	Áreas pesquisadas	Objetivos	Pesquisadores	Referências
1941	Território de Fernando de Noronha	Colher material para pesquisas e realizar observações	J. C. Raja Gabaglia	RBG, v. 3, n. 1, jan./mar. 1941, p. 168
1941	Triângulo mineiro e Canal de São Simão (MG)	Observar o aspecto físico intermunicipal e interestadual do Canal de São Simão	Jorge Zarur	RBG, v. 3, n. 3, jul./set. 1941, p. 621
1941	Antigo Distrito Federal, Rio de Janeiro e Minas Gerais	Estudos e observações da região	Pesquisadores do CNG	RBG, v. 3, n. 3, jul./set. 1941, p. 674
1941	Baía de Guanabara e regiões vizinhas (RJ)	Estudos sobre a evolução geomorfológica da área	Francis Ruellan, alunos da FNF e participantes do curso de aperfeiçoamento de professores de geografia promovido pelo CNG	RBG, v. 6, n. 4, out./dez. 1944, p. 445-508
1941	Mato Grosso	Localizar novas fontes de exploração aurífera e atualizar o Mapa Geológico do Brasil	Dalmi Rodrigues de Souza e Aníbal Alves Bastos (Ministério da Agricultura)	BG, v. 4, n. 47, fev. 1947, p. 1 515
1942	Goiás e Bahia – limites Minas-Bahia-Goiás e Goiás-Bahia-Piauí-Maranhão	Reconhecimento geográfico; levantamento de coordenadas; trabalhos topográficos e cartográficos	Gilvandro Simas Pereira e Dalmi Rodrigues de Souza	BG, v. 4, n. 48, mar. 1947, p. 1653, RBG, v. 4, n. 2, out./dez. 1942, p. 397
1942	Goiás e Bahia – região do Jalapão e Vale do Rio Preto	Contribuição à Carta do Brasil ao Milionésimo	Gilvandro Simas Pereira e pesquisadores do CNG e do DNPM	RBG, v. 4, n. 4, out./dez. 1942, p. 891 RBG, v. 5, n. 4, out./dez. 1943, p. 573 BG, v. 1, n. 12, mar. 1944, p. 44
1942	Vale do Rio São Francisco	Estudos sobre a divisão regional, analisar características da região, examinar a geografia humana e econômica da área	Orlando Valverde e Jorge Zarur	RBG, v. 6, n. 2, abr./jun. 1944, p. 179-218
1943	Goiás e Bahia – Região do Jalapão (1ª campanha em território baiano)	Reconhecimento geográfico da área onde se encontra a Lagoa do Veredão; determinação do divisor São Francisco-Tocantins; estudo da bacia hidrográfica do Rio Preto; levantamento de coordenadas geográficas, levantamento topográfico e de altitudes; estudos de geomorfologia e de geografia humana	Francis Ruellan, Gilvandro Simas Pereira, Pedro Pinchas Geiger e Alfredo Porto Domingues	BG, v. 1, n. 3, jun. 1943, p. 60, p. 62 BG, v. 1, n. 4, jul. 1943, p. 81 BG, v. 1, n. 9, dez. 1943, p. 117 BG, v. 1, n. 12, mar. 1944, p. 44-46, p. 183 BG, v. 2, n. 14, maio 1944, p. 183 RBG, v. 5, n. 3, jul./set. 1943, p. 510 RBG, v. 5, n. 4, out./dez. 1943, p. 573-622 RBG, v. 8, n. 4, out./dez. 1946, p. 437

Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

Ano	Áreas pesquisadas	Objetivos	Pesquisadores	Referências
1943	Bacia terciária de Resende, Campo Belo e Maciço do Itatiaia (RJ)	Estudos de geomorfologia	Francis Ruellan, Fábio de M. S. Guimarães, J. Veríssimo da Costa Pereira, Lúcio de Castro Soares, pesquisadores do CNG e alunos da Faculdade Nacional de Filosofia (FNF)	BG, v. 1, n. 6, set. 1943, p. 60 BG, v. 1, n. 7, out. 1943, p. 71, p. 74, p. 78, p. 102 BG, v. 1, n. 8, nov. 1943, p. 99 BG, v. 5, n. 49, abr. 1947, p. 85
1943	Vale do Rio Doce	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Francis Ruellan, pequisadores do CNG, alunos da FNF e os biólogos A. G. Lagden Cavalcanti e José Antunes	BG, v. 1, n. 9, dez. 1943, p. 113, p. 117 BG, v. 2, n. 15, jun. 1944, p. 332 BG, v. 5, n. 49, abr. 1947, p. 85 RBG, v. 5, n. 3, jul./set. 1943, p. 512
1943	Vale do Rio Doce – trecho Rio de Janeiro-Belo Horizonte	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Fanny Rachel Koiffman	BG, v. 2, n. 15, jun. 1944, p. 332
1943	Vale do Rio Doce – trecho Belo Horizonte-Nova Lima	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Miguel Alves de Lima	BG, v. 2, n. 15, jun. 1944, p. 341
1943	Vale do Rio Doce – região de Belo Horizonte, Lagoa Santa e Lapinha	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	José Carlos J. Schmidt	BG, v. 2, n. 16, jul. 1944, p. 455
1943	Vale do Rio Doce – trecho Belo Horizonte- Sabará-Monlevade	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Lysia Cavalcanti e J. Veríssimo da Costa Pereira	BG, v. 2, n. 16, jul. 1944, p. 458
1943	Vale do Rio Doce – Monlevade	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Maria Ieda Leite	BG, v. 2, n. 16, jul. 1944, p. 471
	Vale do Rio Doce – Pico do Andrada e Serra do Seara	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Alfredo Porto Domingues	BG, v. 2, n. 17, ago. 1944, p. 676
1943	Vale do Rio Doce – trecho Monlevade- São Domingos do Prata- Fazenda São Julião	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Mariam Tiomno	BG, v. 2, n. 17, ago. 1944, p. 702
1943	Vale do Rio Doce – trecho Monlevade- Nova Era	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Fanny Rachel Koiffman	BG, v. 2, n. 17, ago. 1944, p. 707
1943	Vale do Rio Doce – trecho Itabira- Fazenda Girau	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Luci Guimarães de Abreu	BG, v. 2, n. 18, set. 1944, p. 873

Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

Ano	Áreas pesquisadas	Objetivos	Pesquisadores	Referências
1943	Vale do Rio Doce – Pico da Conceição e Fazenda Betânia	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Lysia Cavalcanti Bernardes	BG, v. 2, n. 19, out. 1944, p. 1 036
1943	Vale do Rio Doce – trecho Itabira-Governador Valadares	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Hélio Luiz César	BG, v. 2, n. 19, out. 1944, p. 1 042
1943	Vale do Rio Doce – trecho Governador Valadares -Vitória	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Maria Theresinha de Segadas Viana	BG, v. 2, n. 20, nov. 1944, p. 1 182
1943	Vale do Rio Doce – Vitória	Estudos sobre a paisagem capixaba e sobre o Porto de Vitória	J. Veríssimo da Costa Pereira	BG, v. 2, n. 20, nov. 1944, p. 1 189, p. 1 193, p. 1 198
1943	Vitória, Linhares e Lagoa de Juparanã	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Regina P. Guimarães Spindola	BG, v. 2, n. 21, dez. 1944, p. 1 357
1943	Vale do Rio Doce – Vitória e Cachoeiro do Itapemirim	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Miguel Alves de Lima	BG, v. 2, n. 21, dez. 1944, p. 1 361
1944	Paraná e Santa Catarina – Zona litorânea do norte catarinense, trecho Corupá- Serra Alta-Mafra-Itaiópolis	Reconhecimento geográfico	Beneval de Oliveira	BG, v. 2, n. 17, ago. 1944, p. 682 BG, v. 3, n. 27, jun. 1945, p. 448
1944	Paraná e Santa Catarina	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Francis Ruellan, Sílvio Fróes de Abreu, Orlando Valverde, alunos da FNF e pesquisadores do CNG	BG, v. 2, n. 21, dez. 1944, p. 1 376 BG, v. 2, n. 23, fev. 1945, p. 1 739 BG, v. 5, n. 50, maio 1947, p. 196 RBG, v. 6, n. 1, jan./mar. 1944, p. 150
1944	Paraná e Santa Catarina – trecho São Paulo- Curitiba	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Alfredo Porto Domingues	BG, v. 2, n. 24, mar. 1945, p. 1 923
1944	Paraná e Santa Catarina – Colônia Santa Felicidade	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Dora de Amarante Romariz	BG, v. 2, n. 24, mar. 1945, p. 1 923
1944	Paraná e Santa Catarina – trecho Curitiba-Guarapuava-Vila Velha	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Pedro Pinchas Geiger	BG, v. 2, n. 24, mar. 1945, p. 1 929
1944	Paraná e Santa Catarina – trecho Guarapuava-Laranjeiras	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Eloísa de Carvalho	BG, v. 2, n. 24, mar. 1945, p. 1 929

Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

Ano	Áreas pesquisadas	Objetivos	Pesquisadores	Referências
1944	Paraná, Santa Catarina – trecho Laranjeiras-Foz do Iguaçu; Foz do Iguaçu	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Luci Guimarães de Abreu	BG, v. 3, n. 25, abr. 1945, p. 64
1944	Paraná e Santa Catarina – trecho Curitiba-Paranaguá	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Alfredo Porto Domingues	BG, v. 3, n. 25, abr. 1945, p. 75
1944	Paraná e Santa Catarina – trecho Curitiba- Joinville-Blumenau	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Léia Lermer	BG, v. 3, n. 26, maio 1945, p. 268
1944	Paraná e Santa Catarina – trecho Curitiba-Londrina	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Mariam Tiomno	BG, v. 3, n. 28, jul. 1945, p. 590
1944	Paraná e Santa Catarina – Londrina; zona pioneira do noroeste do Paraná	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Lysia Cavalcanti Bernardes	BG, v. 3, n. 28, jul. 1945, p. 603
1944	Paraná e Santa Catarina – trecho Londrina-São Paulo	Estudos de geomorfologia, climatologia e geografia humana	Pedro Pinchas Geiger	BG, v. 3, n. 28, jul. 1945, p. 608
1944	Minas Gerais, São Paulo – trecho Volta Redonda-Campos do Jordão-Juiz de Fora	Treinamento dos alunos da FNF	Pesquisadores do CNG e alunos da FNF	BG, v. 5, n. 50, maio 1947, p. 197
1944	Bacia do Rio Cachoeira (antigo DF)	Estudo monográfico de microgeografia	Fábio de M. S. Guimarães	BG, v. 5, n. 50, maio 1947, p. 197
1944	Região Centro-Ocidental da Bahia (2ª campanha em território baiano)	Reconhecimento geográfico; determinação das coordenadas geográficas	Gilvandro Simas Pereira e Dalmi Rodrigues de Souza	RBG, v. 7, n. 4, out./dez. 1945, p. 573-620 BG, v. 3, n. 27, jun. 1945, p. 451 BG, v. 5, n. 50, maio 1947, p. 197
1945	Sudoeste da Bahia (3ª campanha em território baiano) – Bacias dos rios Correntes e Carinhanha; municípios de Barreiras, Santa Maria da Vitória, Carinhanha, Correntina, Bom Jesus da Lapa, Palmas de Monte Alto, Riacho de Santana, Macaúbas, Caetité, Caculé, Guanambi, Urandi e Jacaraci	Reconhecimento geográfico	Gilvandro Simas Pereira, Pedro Pinchas Geiger e Alfredo Porto Domingues	BG, v. 4, n. 43, out. 1946, p. 884 BG, v. 5, n. 51, jun. 1947, p. 223, p. 319 RBG, v. 8, n. 4, out./dez. 1946, p. 437-508 RBG, v. 9, n. 2, abr./jun. 1947, p. 185
1945	Serra da Estrela e dos Órgãos	Estabelecer a relação entre relevo e a estrutura da região	Miguel Alves de Lima	BG, v. 4, n. 37, abr. 1946, p. 54

Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

Ano	Áreas pesquisadas	Objetivos	Pesquisadores	Referências
1946	Serra dos Órgãos, Serra da Bocaina, restingas fluminenses, Saquarema, Araruama, Cabo Frio, Vale do Rio Araras, Região de Itaipava, Serra das Araras, Serra de Santa Catarina em Pati do Alferes (RJ)	Estudos de geografia física e geografia humana	Francis Ruellan, Antonio Teixeira Guerra, pesquisadores do CNG e alunos da FNF	BG, v. 7, n. 73, abr. 1949, p. 77
1946	Noroeste da Bahia	Levantamento geográfico de uma área de 90 000 km	Pesquisadores do CNG	BG, v. 7, n. 73, abr. 1949, p. 78
1946	Serra do Mar (RJ)	Estudos de geomorfologia e geografia humana	Francis Ruellan, Pierre Danserau, pesquisadores do CNG	RBG, v. 9, n. 4, out./dez. 1947, p. 497
1946	Sul de Goiás	Colonização e conhecimento da vegetação original	Leo Waibel, Speridião Faissol e Osvaldo Lobo	BG, v. 4, n. 47, fev. 1946, p. 1 498 BG, v. 7, n. 73, abr. 1949, p. 77 RBG, v. 9, n. 3, jul./set. 1947, p. 313-342
1946	Planalto Central	Reconhecimento geográfico para mudança da capital	Leo Waibel, Speridião Faissol	RBG, v. 10, n. 3, jul./set. 1948, p. 335-380
1946	São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais	Levantamento de informações geográficas para fins de colonização	J. Veríssimo da Costa Pereira	BG, v. 7, n. 73, abr. 1949, p. 77 RBG, v. 12, n. 3, jul./set. 1950, p. 429
1946	Divisor Tietê-Paranapanema	Reconhecimento geográfico	Silvio Fróes de Abreu	BG, v. 4, n. 42, set. 1946, p. 729
1947	Planalto Central	Estudos geográficos relacionados ao problema de localização da nova Capital Federal	Christovam Leite de Castro, Francis Ruellan, Leo Waibel, Antonio Teixeira Guerra, Carlos de Castro Botelho, Robert Platt e pesquisadores do CNG	BG, v. 5, n. 55, out. 1947, p. 825 BG, v. 7, n. 74, maio 1949, p.176, p. 177
1947	Região de Diamantina (MG)	Elaboração de monografias regionais	Francis Ruellan, pesquisadores do CNG	BG, v. 7, n. 74, maio 1949, p. 177
1947	Piraí (RJ)	Elaboração de monografias regionais	Pesquisadores do CNG	BG, v. 7, n. 74, maio 1949, p. 177
1947	Ponta Porã (MT)	Elaboração de monografias regionais	Pesquisadores do CNG	BG, v. 7, n. 74, maio 1949, p. 177
1948	Planalto da Bocaina	Estudos de áreas para localização de imigrantes holandeses	Pesquisadores do CNG e da Missão Holandesa	BG, v. 7, n. 74, maio 1949, p. 177
1948	Paraná e Santa Catarina	Preparação do Atlas Geral de Colonização do Brasil	Leo Waibel e pesquisadores do CNG	BG, v. 7, n. 74, maio 1949, p. 176
1948	Região Centro-Oeste	Orientar tecnicamente o estabelecimento de novas colônias agrícolas	Moacir Pavageau, Pedro Pinchas Geiger e Miguel Alves de Lima	RBG, v. 14, n. 2, abr./jun. 1952, p. 127-180

Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

Ano	Áreas pesquisadas	Objetivos	Pesquisadores	Referências
1948	Nordeste brasileiro	Estudos sobre vegetação	Walter Egler e seção regional nordeste	RBG, v. 13, n. 4, out./dez. 1951, p. 577-590
1948	Região colonial antiga do Rio Grande do Sul	Atlas de Colonização do Brasil	Leo Waibel	RBG, v. 10, n. 4, out./dez. 1948, p. 477-534
1948	Paraná	Uso da terra	Leo Waibel e Lysia Cavalcanti Bernardes	RBG, v. 18, n. 2, abr./jun. 1956, p. 259-276
1949	Zona Pioneira ao norte do Rio Doce	Reconhecimento geográfico	Leo Waibel e Walter Egler	RBG, v. 13, n. 2, abr./jun. 1951, p. 223-264
1949	Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul	Estudo dos problemas fitoecológicos da área	Leo Waibel e Edgar Kuhlmann	RBG, v. 14, n. 2, abr./jun. 1952, p. 181-198
1949	Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul	Atlas de Colonização do Brasil	Leo Waibel, Orlando Valverde e Lysia Cavalcanti Bernardes	RBG, v. 15, n. 3, jul./set. 1953, p. 335
1950	Zona pioneira ao norte do Rio Doce	Reconhecimento geográfico	Leo Waibel, Walter Egler e Pedro Pinchas Geiger	RBG, v. 13, n. 2, abr./jun. 1951, p. 223-264 RBG, v. 13, n. 3, jul./set. 1951, p. 403-442
1950	Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná	Programa da I Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia	Orlando Valverde, Marília Veloso, Eloísa de Carvalho e participantes da reunião	RBG, v. 12, n. 2, abr./jun. 1950, p. 340
1950	Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia	Reconhecimento geográfico	Leo Waibel, Pedro Pinchas Geiger, Walter Egler e Orlando Valverde	RBG, v. 13, n. 3, jul./set. 1951, p. 403
1950	Bacia do São Francisco	Estudos de geomorfologia, geografia humana, fitogeografia e cartografia	Francis Ruellan, Edgar Kuhlmann, Carlos de Castro Botelho, Maria Francisca Cavalcanti, Marietta Mandarino Barcello, Maria Emília de Castro Botelho e outros alunos da FNF	BG, v. 8, n. 93, dez. 1950, p. 1117 RBG, v. 13, n. 3, jul./set. 1951, p. 465
1950	Território do Amapá	Observações sobre biogeografia, geografia humana e geografia física	Alceo Magnanini	RBG, v. 14, n. 3, jul./set. 1952, p. 243-304
1950	Paraná	Preparação do Atlas de Colonização do Brasil	Leo Waibel, Orlando Valverde, Lysia Cavalcanti Bernardes, Maria da Conceição Vicente de Carvalho, Dora de Amarante Romariz	RBG, v. 15, n. 3, jul./set. 1953, p. 335 RBG, v. 15, n. 4, out./dez. 1953, p. 597 RBG, v. 18, n. 2, abr./jun. 1956, p. 259
1950	Ilha da Trindade (ES)	Estudar as condições da ilha com vistas à defesa nacional	José Carlos Pedro Grande	RBG, v. 12, n. 4, out./dez. 1950, p. 625
1951	Norte de Mato Grosso	Delimitação da área de ocorrência da floresta amazônica em território brasileiro	Marília G. Veloso	RBG, v. 14, n. 4, out./dez. 1952, p. 377-408
1952	Maciço do Itatiaia e regiões adjacentes (RJ)	Reconhecimento geográfico	Orlando Valverde e delegados da Assembleia Geral do CNG	BG, v. 10, n. 111, nov./dez. 1952, p. 772

Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

Ano	Áreas pesquisadas	Objetivos	Pesquisadores	Referências
1953	Usina de Volta Redonda (RJ)	Reconhecimento geográfico	Ney Strauch e delegados da Assembleia Geral do CNG	BG, v. 11, n. 116, set./out. 1953, p. 514
1953	Instalações hidrelétricas da Light – Usinas de Forçacava e do Vigário (RJ)	Reconhecimento geográfico	Ney Strauch, delegados da Assembleia Geral do CNG	BG, v. 11, n. 116, set./out. 1953, p. 514
1953	Região Setentrional de Goiás – garimpos de cristal compreendidos na região de Pimu e Chapada e as localidades: Peixe, Uruaçu, Porto Nacional, Pedro Afonso, Miracema do Norte, Filadélfia, Carolina e Natividade	Observações geográficas; reconhecimento das principais áreas da Região Centro-Oeste	Speridião Faissol e Nei Rodrigues Innocencio	BG, v. 11, n. 117, nov./dez. 1953, p. 636
1953	Mato Grosso	Estudos de geomorfologia	Speridião Faissol, Edgar Kuhlmann e Lúcio de Castro Soares	RBG, v. 16, n. 1, jan./mar. 1954, p. 78
1953	Zona cacaueira da Bahia	Estudos da cultura do cacau	Carlos de Castro Botelho e Aluízio Gentil Branco	RBG, v. 16, n. 2, abr./jun. 1954, p. 161-212
1953	Leste da Paraíba	Reconhecimento geográfico	Orlando Valverde	RBG, v. 17, n. 1, jan./mar. 1955, p. 49-91
1953	Território do Acre	Geografia do Brasil	Roberto Galvão	RBG, v. 17, n. 2, abr./jun. 1955, p. 153-174
1953	Ilha de Marajó (PA) – Região do Rio Arari	Estudo sobre a pesca na região	Lúcio de Castro Soares, Marília G. Veloso e Maria Magdalena Vieira Pinto	RBG, v. 18, n. 3, jul./set. 1956, p. 373-408
1954	Região meridional do Rio Grande do Sul – Municípios: Guaíba, São Jerônimo, Rio Pardo, Encruzilhada do Sul, General Câmara, Taquari e Bom Jesus do Triunfo	Estudos de geografia humana, com ênfase em geografia agrária	Alfredo Porto Domingues, Hilda da Silva e Maria da Glória Cerqueira Campos	BG, v. 12, n. 119, mar./abr. 1954, p. 224
1954	Território do Rio Branco	Estabelecer contato com os principais problemas da área em estudo	Antônio Teixeira Guerra, Antônio Nascimento	BG, v. 12, n. 119, mar./abr. 1954, p. 224
1954	Região meridional de Minas Gerais	Estudos de geologia, geomorfologia, clima, vegetação e uso da terra	Ney Strauch, Carlos de Castro Botelho, Ariadne Sotto Maior e Lúcia de Oliveira	BG, v. 12, n. 119, mar./abr. 1954, p. 224
1954	Região Norte	Observar os efeitos fisiográficos e econômicos causados pela maior cheia do Rio Amazonas	Lúcio de Castro Soares e Carlos de Castro Botelho	BG, v. 12, n. 119, mar./abr. 1954, p. 225
1955	Baixada Fluminense, zona pioneira do Espírito Santo, planalto de Minas Gerais	Preparação das expedições do XVIII Congresso Internacional de Geografia	Ney Strauch, Welheim Kegel, Antonio Teixeira Guerra e Roberto Galvão	BG, v. 13, n. 126, maio/jun. 1955, p. 340

Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

Ano	Áreas pesquisadas	Objetivos	Pesquisadores	Referências
1955	Região Norte	Subsídios para a obra Geografia do Brasil	Antônio Teixeira Guerra e Roberto Galvão	RBG, v. 17, n. 2, abr./jun. 1955, p. 153-174
1955	Vale do Rio Pardo, entre os municípios de Caconda (SP) e Poços de Caldas (MG)	Observações sobre a natureza e possibilidades do solo	José Setzer	RBG, v. 18, n. 3, jul./set. 1956, p. 287-322
1956	Planalto Centro-Ocidental e Pantanal Matogrossense (excursão nº 1 do XVIII Congresso Internacional de Geografia)	Conhecimento pormenorizado da geografia física e humana das áreas	Fernando F. Marques de Almeida, Miguel Alves de Lima e Lúcia de Oliveira	BG, v. 13, n. 128, set./out. 1956, p. 495
1956	Zona metalúrgica de Minas Gerais – Vale do Rio Doce (excursão nº 2 do XVIII Congresso Internacional de Geografia)	Conhecimento pormenorizado das geografias física e humana das áreas	Ney Strauch, Alfredo Porto Domingues e Maria T. Ribeiro da Costa	BG, v. 13, n. 128, set./out. 1956, p. 495
1956	Roteiro do café zonas pioneiras (excursão nº 3 do XVIII Congresso Internacional de Geografia)	Conhecimento pormenorizado das geografias física e humana das áreas	Ary França, Nice Lecocq Muller, Ruy Osório de Freitas e Dora de Amarante Romariz	BG, v. 13, n. 128, set./out. 1956, p. 495
1956	Bahia (excursão nº 6 do XVIII Congresso Internacional de Geografia)	Conhecimento pormenorizado das geografias física e humana das áreas	Alfredo Porto Domingues, Elza C. de Souza Keller e Lília Camargo Veirano	BG, v. 13, n. 128, set./out. 1956, p. 495
1956	Nordeste (excursão nº 7 do XVIII Congresso Internacional de Geografia)	Conhecimento pormenorizado das geografias física e humana das áreas	Mário Lacerda de Mello, Aziz Ab'Saber e Dárdano de Andrade Lima	BG, v. 13, n. 128, set./out. 1956, p. 495
1956	Amazônia (excursão nº 8 do XVIII Congresso Internacional de Geografia)	Conhecimento pormenorizado das geografias física e humana das áreas	Lúcio de Castro Soares e Roberto Galvão	BG, v. 13, n. 128, set./out. 1956, p. 495
1956	Planalto meridional do Brasil (excursão nº 9 do XVIII Congresso Internacional de Geografia)	Conhecimento pormenorizado das geografias física e humana das áreas	Orlando Valverde e Dora de Amarante Romariz	BG, v. 13, n. 128, set./out. 1956, p. 495
1956	São Gonçalo (RJ)	Geografia urbana e da indústria	Pedro Pinchas Geiger	RBG, v. 18, n. 4,outl./dez. 1956, p. 494-522
1956	Cabo Frio (RJ)	Aperfeiçoamento de professores de geografia	Pesquisadores do CNG e participantes do curso de aperfeiçoamento de professores de geografia	BG, v. 16, n. 145, jul./ago. 1958, p. 559
1957	Iguape e Cananéia (SP)	Subsídios para a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros	Antônio Teixeira Guerra	RBG, v. 19, n. 3, jul./set. 1957, p. 345
1957	Meio Norte (Maranhão e Piauí)	Estudos sobre a geografia econômica e social do babaçu	Orlando Valverde e outros membros do Grupo de Estudos do Babaçu	RBG, v. 19, n. 4, out./dez. 1957, p. 381-420

Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

Ano	Áreas pesquisadas	Objetivos	Pesquisadores	Referências
1957	Território Federal de Fernando de Noronha	Estudo geográfico	Lúcio de Castro Soares	BG, v. 16, n. 145, jul./ago. 1958, p. 558
1958	Zona da Mata: Municípios de Leopoldina, Bicas, São João Nepomuceno, Cataguases, Astolfo Dutra, Ubá, Mercês e Juiz de Fora (MG)	Reconhecimento geográfico; morfologia dos solos	Orlando Valverde e Thiago Ferreira da Cunha	RBG, v. 20, n. 2, abr./jun. 1958, p. 225-233
1958	Angra dos Reis (RJ)	Aperfeiçoamento de professores de geografia	Antônio José de M. Musso e participantes do curso de aperfeiçoamento de professores de geografia	BG, v. 16, n. 146, set./out. 1958, p. 660
1958	Região do Mendanha (antigo DF)	Estudos de geografia agrária	Hilda da Silva	RBG, v. 20, n. 4, out./dez. 1958, p. 429-462
1960	Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo	Subsídios para a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros	Pesquisadores do CNG	BG, v. 18, n. 155, mar./abr. 1960, p. 338
1960	Bacia do Ucaiali (Alto Amazonas)	Reconhecimento geográfico	José Cézar de Magalhães	RBG, v. 22, n. 2, abr./jun. 1960, p. 209-258
1960	Região do Baixo Açu (RN)	Estudos de geografia agrária	Orlando Valverde e Myriam G. C. Mesquita	RBG, v. 23, n. 3, jul./set. 1961, p. 455-494
1961	Vale do Rio Araguaia	Reconhecimento geográfico	Speridião Faissol e Giovanni Toledo	RBG, v. 24, n. 4, out./dez. 1962, p. 543
1961	Região Leste – Vale do Jequitinhonha, zona litorânea do sul do estado do Rio de Janeiro e litoral de São Paulo	Subsídios para a obra Geografia do Brasil	Pesquisadores do CNG	BG, v. 18, n. 155, mar./abr. 1960, p. 338
1961	Região Sudeste	Estudos para a geografia da indústria no Brasil Sudeste	Michel Rochefort e membros do Grupo de Geografia das Indústrias	RBG, v. 25, n. 2, abr./jun. 1963, p. 155
1962	Campina Grande (PB)	Estudos de geografia urbana	Lysia Cavalcanti Bernardes, Olga Ma Buarque de Lima, Elizabeth Antibes, Maria Francisca Cavalcanti e Henrique de Azevedo Sant'anna	RBG, v. 25, n. 4, out./dez. 1963, p. 415
1962	Sertão do Nordeste	Estudos de geografia agrícola	Aluízio Capdeville Duarte	RBG, v. 25, n. 4, out./dez. 1963, p. 453-474
1962	Sergipe	Estudos de geografia urbana	Roberto Lobato Corrêa	RBG, v. 27, n. 2, abr./jun. 1965, p. 233-258
1962	Caruaru (PE)	Estudos de geografia urbana	Lysia Cavalcanti Bernardes, Olga Ma Maria Buarque de Lima, Elizabeth Antibes, Maria Francisca Cavalcanti e Henrique de Azevedo Sant'anna	RBG, v. 27, n. 4, out./dez. 1965, p. 587-614

Mapeamento das expedições geográficas do IBGE

Ano	Áreas pesquisadas	Objetivos	Pesquisadores	Referências
1962	Jundiaí (SP)	Reconhecimento geográfico	Fanny Davidovich e membros do Grupo de Geografia da Indústria	RBG, v. 28, n. 4, out./dez. 1966, p. 329-374
1963	Bacia leiteira do Rio de Janeiro	Reconhecimento geográfico	Orlando Valverde	RBG, v. 26, n. 4, out./dez. 1964, p. 609
	Petrópolis (RJ)	Estudos de geografia da indústria	José Cezar de Magalhães	RBG, v. 28, n. 1, jan./mar. 1966, p. 19-56
1964	Orla litorânea da Cidade do Rio de Janeiro e zona rural do Estado da Guanabara	Aperfeiçoamento para professores de geografia	Antonio Teixeira Guerra, Pedro P. Geiger e participantes do curso de aperfeiçoamento de professores de geografia	BG, v. 22, n. 178, jan./fev. 1964, p. 504
1965	Região Nordeste e Leste-Setentrional	Potencial humano	Michel Rochefort, Grupo de Geografia da População	RBG, v. 27, n. 1, jan./mar. 1965, p. 145
1965	Paraná e Santa Catarina	Estudos sobre a divisão regional	Pesquisadores do CNG	BG, v. 25, n. 192, maio/jun. 1966, p. 385
1965	Região Amazônica	Estudo da divisão municipal	Orlando Valverde, Catarina V. Dias, Jacob Binstock	BG, v. 25, n. 192, maio/jun. 1966, p. 385
1965	Região de Belém (PA) e Rodovia Belém-Brasília	Estudo urbano de Belém e da influência geoeconômica da Rodovia Belém-Brasília	Pesquisadores do CNG	BG, v. 25, n. 192, maio/jun. 1966, p. 385
1965	Planalto Central	Estudos sobre a área geoeconômica e de abastecimento de Brasília	Pesquisadores do CNG	BG, v. 25, n. 192, maio/jun. 1966, p. 385
1965	Território de Rondônia	Estudos sobre correlação de solos para a Carta de Solos da América do Sul	Pesquisadores do CNG	BG, v. 25, n. 192, maio/jun. 1966, p. 385
1965	Região Centro-Oeste	Comemorações do centenário de nascimento do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon	Pesquisadores do CNG	BG, v. 25, n. 192, maio/jun. 1966, p. 385
1966	Médio Amazonas	Reconhecimento geomorfológico	Maria Regina Mousinho de Meis	RBG, v. 30, n. 2, abr./jun. 1968, p. 3-20
1967	Território do Amapá	Estudo de caráter geral sobre as condições do meio físico regional e exame da economia	Luiz Guimarães de Azevedo e pesquisadores do CNG	RBG, v. 29, n. 2, abr./jun. 1967, p. 25-51
1968	Acre e Rondônia; Mato Grosso e Goiás	Reconhecimento geográfico	Orlando Valverde	Diário de campo de Orlando Valverde

Fonte: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais.

Índice de fotografias

Baía de Guanabara e regiões vizinhas 1941

Baía de Guanabara, Rio de Janeiro (RJ) 28
Tibor Jablonsky

Estrada Teresópolis-Petrópolis (RJ) 29
Tibor Jablonsky

Encostas íngremes entre Teresópolis e Nova Friburgo (RJ) 30
Tibor Jablonsky

Porto do Rio de Janeiro (RJ) 31
Tibor Jablonsky

Vale do Rio São Francisco 1942

Canoa do médio São Francisco, Juazeiro (BA) 34
não disponível

Porto de Juzeiro (BA) 35
Tibor Jablonsky

Burro transportando água, Juazeiro (BA) 36
Tibor Jablonsky

Pau de arara, Juazeiro (BA) 37
Tibor Jablonsky

Programa Expedição Goiás-Bahia
Região do Jalapão 1943

Membros da expedição ao Jalapão na "Pedra da Baliza", Bahia 42
não disponível

Rio Tocantins, Goiás 43
Nelson Cépola

Embarcações típicas do Rio Tocantins, Goiás 44
Rubens M. Mazzola

Praia no Rio Tocantins, Peixe (GO) 45
Tomas Somlo

Região Centro-Ocidental da Bahia 1944

"Saldanha Marinho", primeira embarcação... 48
não disponível

Bom Jesus da Lapa (BA), cidade ribeirinha... 49
não disponível

Trabalhador de plantação de sisal... 50
Tibor Jablonsky

Distrito de Porto Novo, Santana (BA) 51
Tibor Jablonsky

Sudoeste da Bahia 1944

Ciganos na estrada que vai para Brumado, Caraíbas (BA) 54
Tibor Jablonsky

Serra do Marçal, Vitória da Conquista (BA) 55
Tibor Jablonsky

Carros do IBGE utilizados na expedição, Rio de Contas (BA) 56
Tibor Jablonsky

Açude de Brumado (BA) 57
Tibor Jablonsky

Serra do Mar (RJ) 1946

Serra do Mar, Rio de Janeiro (RJ) 61
Tibor Jablonsky

Serra do Mar, Correias, Petrópolis (RJ) 62
Tibor Jablonsky

Serra do Mar, destacando-se o Dedo de Deus, Teresópolis (RJ) 63
Tibor Jablonsky

Serra do Mar, Rio de Janeiro (RJ) 65
Tibor Jablonsky

Sul de Goiás 1946

Estação ferroviária de Anápolis (GO) 68
Nelson Cépola

Mata na estrada entre Goiânia e Anápolis (GO) 69
Tibor Jablonsky

Camponês arando a terra, Colônia Agrícola Nacional de Goiás 70
Rubens M. Mazzola

Anápolis (GO) 71
Gilson Costa

Planalto Central 1947

Serra dos Pirineus, Corumbá de Goiás (GO) 74
Tomas Somlo

Cachoeira do Pai Joaquim... 76
Tomas Somlo

Boiada na estrada entre Cachoeira dos Macacos e Pará de Minas (MG) 78
Tibor Jablonsky

Cachoeira do Rio da Prata, Amarantina (MG) 79
Susan Faludi

Rio Corumbá, Corumbá de Goiás (GO) 80
Tomas Somlo

Chapadão, Planaltina (GO) 81
Tomas Somlo

Colina, Corumbá de Goiás (GO) 82
Tomas Somlo

Rua comercial, Uberlândia (MG) 83
Tomas Somlo

Nordeste brasileiro 1948

Caatinga, Soledade (PB) 86
não disponível

Agreste paraibano, Soledade (PB) 87
Tibor Jablonsky

Mandacaru, Dormentes (PE) 88
Tibor Jablonsky

Plantação de algodão na caatinga, Custódia (PE) 89
Tibor Jablonsky

Tropa de burros utilizada na expedição... 90
Susan Faludi

Xique-Xique e caatinga, Itatim (BA) 91
Tibor Jablonsky

Região Centro-Oeste 1948

Furna do Progresso, Serra de São Bento... 95
Stivan Faludi

Cerrado próximo a Gurupi (GO) 96
Tomas Somlo

Jataí (GO), cidade localizada na encosta de um vale 97
Gilson Costa

Campo limpo entre Rio Verde e Jataí (GO) 98
Stivan Faludi

Região colonial antiga do Rio Grande do Sul 1948

Fábrica de sapatos Grande Gala, Novo Hamburgo (RS) 104
Tibor Jablonsky

Fábrica de sapatos Grande Gala, Novo Hamburgo (RS) 105
Tibor Jablonsky

Estação ferroviária de Canoas (RS) 106
não disponível

Igreja de São Luís Gonzaga, Canoas (RS) 107
não disponível

Crianças de ascendência italiana, Caxias do Sul (RS) 108
Tibor Jablonsky

Gaúcho, Caxias do Sul (RS) 109
Tibor Jablonsky

Caxias do Sul (RS) 110
Tibor Jablonsky

Milharal, Vale do Rio Caí, Caxias do Sul (RS) 111
Tibor Jablonsky

Ponte sobre o Rio Caí, Caxias do Sul (RS) 112
Tibor Jablonsky

Casa de colono italiano, Caxias do Sul (RS) 113
Tibor Jablonsky

Gado Polly-Herford saindo para o campo, Vacaria (RS) 114
Tibor Jablonsky

Casa comercial de madeira, Vacaria (RS) 115
Tibor Jablonsky

Porto carvoeiro de Laguna (SC) 118
Tomas Somlo

Vale do Rio das Cinzas, Santo Antônio da Platina (PR) 119
Tibor Jablonsky

Pinheiro e palmeira butiá, perto de Ponte Serrada, Joaçaba (SC) 120
Tomas Somlo

Campos na estrada de Lajes-Vacaria (SC) 121
Tibor Jablonsky

Vista parcial de Laguna (SC), vendo-se novo bairro 122
Tomas Somlo

Rio Caí, Caxias do Sul (RS) 123
Tibor Jablonsky

Paraná 1950

Casa de pequeno produtor rural, Palmas (PR) 126
Tomas Somlo

Casa de madeira, Palmas (PR) 127
Tomas Somlo

Moenda de erva-mate, entre Campina Bonita e Guarapuava (PR) 128
Tomas Somlo

Colônia de Pato Branco (PR) 129
Tomas Somlo

Carroça típica de colonos 130
Tibor Jablonsky

Colheita de arroz, Campo Mourão (PR) 131
Hernondino Chagas

Serraria, Campo Mourão (PR) 132
Tomas Somlo

Peneiração, primeira fase da limpeza do café, Londrina (PR) 133
Tibor Jablonsky

Balsa no Rio Ivaí, Maringá (PR) 134
Tomas Somlo

Boiada a caminho de Maringá (PR) 135
Hernondino Chagas

Colono arando a terra, Coronel Vivida (PR) 136
Tomas Somlo

Colono holandês e seu filho, Carambeí (PR) 137
Tibor Jablonsky

Amapá 1950

Seringueira plantada, associada com mandioca e agave, Macapá (AP) 140
Tibor Jablonsky

Vaqueiro nos campos do Rio Pedreira, Macapá (AP) 141
Tomas Somlo

Trapiche no Rio Amazonas, Macapá (AP) 142
Tomas Somlo

Habitação típica de taperebá, palmeiras de açaí ao fundo, Oiapoque (AP) 143
Tibor Jablonsky

Zona pioneira ao norte do Rio Doce 1950

Balsa no Rio Doce, Governador Valadares (MG) 146
Tibor Jablonsky

Vale do Rio Doce, Governador Valadares (MG) 147
Tomas Somlo

Rio São Mateus, Conceição da Barra (ES) 148
não disponível

Rio Doce, Colatina (ES) 149
Tibor Jablonsky

Rio Doce, Colatina (ES) 150
Tibor Jablonsky

Passagem do trem da Ferrovia Vitória-Minas, Colatina (ES) 151
Tibor Jablonsky

Norte de Mato Grosso 1951

Seringueira plantada na Fazenda Rio Novo 154
Susan Faludi

Seringueira, vendo-se o corte e a caneca, Fazenda Rio Novo 155
Susan Faludi

Seringueiro cortando a árvore com a legra, Fazenda Rio Novo 156
Susan Faludi

Seringueiros chegando dos seringais, Fazenda Rio Novo 157
Susan Faludi

Seringueiro recolhendo látex coalhado, Cedro (MT) 158

Tibor Jablonsky

Prensa para borracha tipo crepe, Cedro (MT) 159

Tibor Jablonsky

Látex prensado, Cedro (MT) 160

Tibor Jablonsky

Látex prensado, Cedro (MT) 161

Tibor Jablonsky

Zona cacaueira da Bahia 1953

Ripário com mudas de cacau, Estação Experimental, Uruçuca (BA) 164

Tomas Somlo

Limpa de cacau, Estação Experimental, Uruçuca (BA) 165

Tomas Somlo

Quebra de cacau, Estação Experimental, Uruçuca (BA) 166

Tomas Somlo

Derramando cacau nas folhas de bananeira, Estação Experimental, Uruçuca (BA) 167

Tomas Somlo

Secagem do cacau, Estação Experimental, Uruçuca (BA) 168

Tomas Somlo

Embarque de cacau no Porto de Ilhéus (BA) 169

Tomas Somlo

Mato Grosso 1953

Casa de colono, Colônia Mata Grande, Rondonópolis (MT) 172

Stivan Faludi

Ponte no Rio Vermelho, abaixo de Rondonópolis (MT) 173

Stivan Faludi

Centro de Cuiabá (MT) 174

Stivan Faludi

Operários bororós, transportando charque... 175

Stivan Faludi

Cascalho lavado, Garimpo Mindal, Alto Paraguai (MT) 176

Stivan Faludi

Garimpeiro com peneira, Garimpo Mindal, Alto Paraguai (MT) 177

Stivan Faludi

Usina Santo Antônio, Santo Antônio de Leverger (MT) 178

Stivan Faludi

Gado mestiço pantaneiro, Fazenda Santa Terezinha, Poconé (MT) 179

Stivan Faludi

Vaqueiro do Pantanal, Fazenda Santa Terezinha, Poconé (MT) 180

Stivan Faludi

Grupo de vaqueiros, Fazenda Fime, Niquelândia (MT) 181

Stivan Faludi

Acre 1953

Olaria, Rio Branco (AC) 184
Tibor Jablonsky

Batelão São José com carregamento de borracha... 185
Tibor Jablonsky

Porto de Rio Branco (AC) 186
Tibor Jablonsky

Canoas na barranca do Rio Acre, Rio Branco (AC) 187
Tibor Jablonsky

Carro de boi transportando carvão vegetal, Rio Branco (AC) 188
Tibor Jablonsky

Serraria manual, Colônia Dias Martins, Rio Branco (AC) 189
Tibor Jablonsky

Rua Dona Constância de Menezes, Tarauacá (AC) 190
Tibor Jablonsky

Preparação da farinha de mandioca, Fazenda Tucumã, Tarauacá (AC) 191
Tibor Jablonsky

Grupo de índios Caxinauá 192
Tibor Jablonsky

Ilha de Marajó, Região do Arari (PA) 1953

Casa de caboclo, Fazenda Amparo, Ilha de Marajó (PA) 196
Tibor Jablonsky

Porta d'água, Fazenda São Sebastião, Ilha de Marajó (PA) 197
Tibor Jablonsky

Vaqueiro, Fazenda São Sebastião, Ilha de Marajó (PA) 198
Tibor Jablonsky

Vaqueiro laçando gado no curral, Ilha de Marajó (PA) 200
Tibor Jablonsky

Casa típica da Ilha de Marajó (PA) 201
Tibor Jablonsky

Veleiro, Soure (PA) 203
Tibor Jablonsky

Leste da Paraíba 1953

Fardos de fibra de agave, Remígio (PB) 207
Tibor Jablonsky

Brejo paraibano, Areia (PB) 208
Tibor Jablonsky

Engenho de rapadura, Areia (PB) 209
Tibor Jablonsky

Plantação no Engenho Saburá 210
Tibor Jablonsky

Orla oriental da Baía de Guanabara (RJ) 1956

Serra do Mar vista da estrada que liga Alcântara... 214
Tibor Jablonsky

O litoral em direção a São Gonçalo, Niterói (RJ) 215
Tibor Jablonsky

Colinas cristalinas, São Gonçalo (RJ) 216
Tibor Jablonsky

O litoral em direção a São Gonçalo, Niterói (RJ) 217
Tibor Jablonsky

Meio Norte 1957

Casa de palmeira babaçu, Distrito de Bacabaíba, Caxias (MA) 220
Tibor Jablonsky

Quebradeiras de coco babaçu, Distrito de Bacabaíba, Caxias (MA) 221
Tibor Jablonsky

Palmeira babaçu, no Piauí 222
não disponível

Sementes de babaçu, Caxias (MA) 223
Tibor Jablonsky

Zona da Mata (MG) 1958

Carro de boi para carregamento de leite, Leopoldina (MG) 226
Gilson Costa

Vale do Paraíba, Leopoldina (MG) 227
Gilson Costa

Estação ferroviária de Abaíba, Leopoldina (MG) 228
Gilson Costa

Plantação de arroz na estrada entre Leopoldina e Recreio (MG) 229
Gilson Costa

Saída dos operários da Companhia Industrial Cataguases... 230
Gilson Costa

Carroça transportando mantimentos no lugarejo Glória, Miraí (MG) 231
Gilson Costa

Companhia Baptista Scarpa... 233
Gilson Costa

Amapá 1958

Região de Curupi, Aldeia dos Caripunas, Oiapoque (AP) 236
Tibor Jablonsky

Sede da Fazenda Cachoeira Grande, Calçoene (AP) 237
Tibor Jablonsky

Casas na área urbana, Macapá (AP) 238
Tomas Somlo

Porto de Macapá (AP) 239
Tibor Jablonsky

Porto flutuante para transportes de minerais, Macapá (AP) 240
Tibor Jablonsky

Estrada de Ferro Macapá-Serra do Navio-Porto Santana... 241
Tibor Jablonsky

Casa de colono japonês... 242
Tibor Jablonsky

Colonos japoneses, Macapá (AP) 243
Tibor Jablonsky

Cerrado amapense, próximo à estação ferroviária de Porto Platon... **244**
Tibor Jablonsky

Filhos de colonos japoneses em frente à escola, Mazagão (AP) **245**
Tibor Jablonsky

Estação de mudas de cacau e seringueiras, Mazagão (AP) **246**
Tomas Somlo

Floresta derrubada, Serra do Navio (AP) **247**
Tibor Jablonsky

Região Sudeste 1961

Fábrica Brasital de Tecidos... **250**
Tibor Jablonsky

Fábrica de Cimento Votorantim, Sorocaba (SP) **251**
Tibor Jablonsky

Refinaria de Cubatão (SP) **252**
Tibor Jablonsky

Altos-fornos de Varnhagem... **253**
Tibor Jablonsky

Usina da Companhia Siderúrgica Mannesmann... **254**
Tibor Jablonsky

Usina da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira... **255**
Tibor Jablonsky

Refinaria de Manguinhos, Rio de Janeiro (RJ) **256**
Tomas Somlo

Companhia Siderúrgica Nacional, Volta Redonda (RJ) **257**
Tibor Jablonsky

Região Nordeste 1962

Companhia Paraíbana de Exportação e Enfardamento... **260**
Tibor Jablonsky

Fábrica de óleos da Sociedade Algodoeira... **261**
Tibor Jablonsky

Feira semanal de Caruaru (PE) **262**
Tibor Jablonsky

Feira semanal de Caruaru (PE) **263**
Tibor Jablonsky

Terminal Hidroviário Jackson de Figueiredo, Aracaju (SE) **265**
não disponível

Pequena lagoa formada por lençol subterrâneo... **266**
Tibor Jablonsky

Rua de terra batida e casario baixo na Vila de Lapão, Irecê (BA) **267**
Tibor Jablonsky

Sisal em flor, Irecê (BA) **268**
Tibor Jablonsky

Desfibramento do sisal, Irecê (BA) **269**
Tibor Jablonsky

Desfibramento do sisal, Irecê (BA) **270**
Tibor Jablonsky

Desfibramento do sisal, Irecê (BA) **271**
Tibor Jablonsky

Petrópolis (RJ) 1963

Fábrica Têxtil Petropolitana, ao fundo o Vale do Rio Piabanha 274

Tibor Jablonsky

Margem direita do Rio Piabanha 275

Tibor Jablonsky

Rio Piabanha na Av. 15 de Novembro, Petrópolis (RJ) 276

Tibor Jablonsky

Museu Imperial, Petrópolis (RJ) 277

Tibor Jablonsky

Médio Amazonas 1966

Manacapuru, vendo-se barranca do Rio Solimões (AM) 280

Hernondino Chagas

Igreja de Santo Antônio, Borba (AM) 281

Hernondino Chagas

Caboclo transportando fardos de juta, Porto de Borba (AM) 282

Hernondino Chagas

Praça principal de Faro (PA) 283

Hernondino Chagas

Porto de Santarém (PA) 284

Hernondino Chagas

Transporte de madeira de lei, Porto de Santarém (PA) 285

Hernondino Chagas

Canoa a vela, Santarém (PA) 286

Hernondino Chagas

Vegetação na margem do Rio Amazonas, Santarém (PA) 287

Hernondino Chagas

Casa de farinha em Cipoal, Santarém (PA) 288

Hernondino Chagas

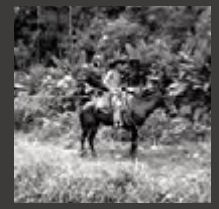
Secagem de juta no paraná do Rio Ituqi, Santarém (PA) 289

Hernondino Chagas

Acre, Rondônia, Mato Grosso e Goiás 1968

Casas com derrubada ao fundo, estrada para Xapuri (AC) 292

Gilson Costa



Tropeiro do Seringal Boca do Lago, Rodovia Xapuri-Rio Branco (AC) 293

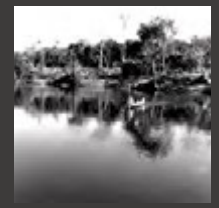
Gilson Costa

Balsa a motor e lanchas, praia à margem esquerda do Rio Acre... 294

Gilson Costa

Navios no Porto do Rio Madeira, Porto Velho (RO) 295

Gilson Costa



Margem do Rio Ji-Paraná, Pimenta Bueno (RO) 296

Gilson Costa

Casa de farinha, Rio Preto (RO) 297

Gilson Costa

Garimpagem de cassiterita 298

Gilson Costa

Rio Cuiabá, vendo-se grande quantidade de lavadeiras... 299

Gilson Costa

Peles de jaguatirica prontas para venda... **300**

Gilson Costa

Acampamento de mateiros na derrubada da Fazenda FANORTE... **301**

Gilson Costa

Taba dos índios Parecis **302**

Gilson Costa

Boiada na estrada perto de Gaiapós (GO) **303**

Gilson Costa

Equipe técnica

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

David Wu Tai

Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais
Claudia Rodrigues do Prado

Memória IBGE
Claudio Faria Marques
Fábio Mauro de Carvalho Leite
Leandro Miranda Malavota
Vera Lucia Cortes Abrantes

Tratamento de imagens
Fábio Mauro de Carvalho Leite

Digitalização de imagens
Alexandre Carlos da Silva
Paulo Roberto dos Santos Lindesay
Ricardo da Silva Lopes
Sérgio de Assis Barboza
Vanderlei Martins Sabino

Projeto Editorial

Coordenação de Produção
Marise Maria Ferreira

Gerência de Editoração
Katia Vaz

Estruturação textual
Marisa Sigolo
Leonardo Martins

Projeto gráfico e diagramação
Leonardo Martins

Tratamento de imagens
Leonardo Martins

Gerência de Documentação
Ana Raquel Gomes da Silva

Pesquisa e normalização documental
Ana Raquel Gomes da Silva
Juliana Chagas Moreira
Juliana da Silva Gomes
Kleiton Moura Silva (Estagiário)
Lioara Mandoju
Nadia Bernuci dos Santos
Solange de Oliveira Santos
Valéria Maria Melo (Estagiária)

Normalização textual
Solange de Oliveira Santos

Elaboração de quarta capa
Ana Raquel Gomes da Silva

Essa publicação foi impressa pela Cromos Editora e Indústria Gráfica Ltda. para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em papel couché matte 150g/m².

as expedições geográficas do IBGE

As expedições geográficas promovidas pelo IBGE foram implementadas em 1941, inaugurando um período de três décadas de práticas profissionais fundamentadas nos trabalhos geográficos de campo. Elas não só proporcionaram aperfeiçoamento aos técnicos do Instituto, como também promoveram a divulgação da Geografia no País, fornecendo, complementarmente, subsídios a importantes projetos governamentais de intervenção no território brasileiro.

Com uma narrativa textual e iconográfica sobre a memória desses trabalhos de campo, o presente livro ilustra o período de 1941 a 1968, durante o qual foram realizadas 101 expedições geográficas no País. Pretende-se, com tal iniciativa, homenagear a todos aqueles que se destacaram nesse monumental processo de reconhecimento do território brasileiro e cujo saber geográfico, moldado pelas pesquisas de campo, alicerçou a formação das subsequentes gerações de geógrafos do IBGE.

Os elementos que subsidiaram a organização do presente livro estão consolidados sob a forma de apêndice, ao final do volume, e documentam, para cada expedição promovida ou apoiada pelo IBGE, a área pesquisada, o objetivo da expedição, o pesquisador por ela responsável, bem como a fonte de informação utilizada como referência neste mapeamento.

O conjunto dessas informações também está disponível no portal do IBGE na Internet.

ISBN 978-85-240-4447-2
9 788524 044472